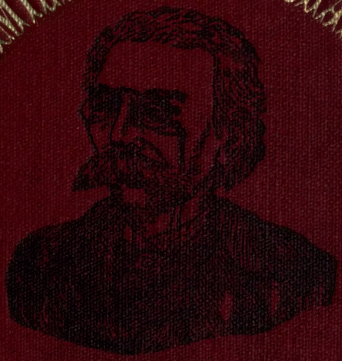
CAMILLO CASTELLO BRANCO



OBRAS

PARCERIA A. M. PEREIRA — EDITORA

RB169,805

OBRA BRANCO

Cada o 220 e 320

1. C Irmans. — III. A E os Felizes. — V. O al. — VII. O Senhor nathema. — IX. A M nas. — XI e XII. Co J. C. Vieira de Cast — XIII. Di- vindad Candal. — XV. Du ny. — XVII, XVIII e e XXI. Ho- ras de p o. — XXIII. O Olho osa. — XXV. Os brill A bruxa de Monte-

NOV REIRA

A ADO

VELUT ARBOR AVO

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

N.º 1 — [illegible] ([illegible] ustre Tartarin) 1 vol. de 176 paginas.
N.º 2 — D. Carlos, do Saint-Réal, 1 vol. de 144 paginas.
N.º 3 — Madame Chrysanthème, de Pierre Loti, 1 vol.
N.º 4 — Sapho, de A. Daudet, 1 vol. de 200 paginas.
N.º 5 — Negro e côr de rosa, de Jorge Ohnet, 1 vol. de 160 pag.
N.º 6 — O senador Ignacio, de Th. Cahu *(Théo-Crit)*, 1 vol.
N.º 7 — Jettatura, de Theophile Gauthier, 1 vol. de 170 paginas.
N.º 8 — Casa com escriptos, de Carlos Dickens.
N.º 9 — O canteiro de Saint-Point, de Lamartine.
N.º 10 — Rosa e Ninette, de A. Daudet.
N.º 11 — Primeiro amor, de Ivan Tourgueneff, 1 vol. de 160 pag.
N.º 12 — Peccado mortal, de André Theuriet, 1 vol. de 170 pag.
N.º 13 — O Judeu, de Henry Murger, 1 vol. de 160 paginas.
N.º 14 — O tanoeiro Nuremberg, de Hoffmann, 1 vol, de 170 pag.
N.º 15 — Dinheiro maldito (Polikouchka). costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi.
N.º 16 — Vida phantastica, por Méry, 1 volume de 170 pag.
N.º 17 — O padre Daniel, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.
N.º 18 — Um coração simples, de Gustave Flaubert.
N.º 19 — Yan, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.
N.º 20 — O tio Scipião, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.
N.º 21 — Diario de uma mulher, de Octavio Feuillet.
N.º 22 — O crime do juiz, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.
N.º 23 — A Inundação, de Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.
N.º 24 — Os Rantzau, de Erckman Chatrian, 1 vol. de 200 pag.

LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
(LIVRARIA EDITORA)
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇAO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel. Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente encadernado em percalina. Para as provincias accresce o porte do correio

Volumes publicados

N.º 1 — *Tristezas á Beira-Mar*, romance de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 2 — *Contos ao Luar*, por Julio Cezar Machado, 1 vol.
N.º 3 — *Carmen*, romance de Merimée, traducção de Mariano Level, 1 vol.
N.º 4 — *A Feira de Paris*, por Iriel, 1 vol. (2.ª edição).
N.º 5 — *O direito dos filhos*, George Obnet, 1 vol.
N.º 6 — *John Bull e a sua ilha*, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 7 — *O juramento da duqueza*, romance historico por P. Chagas, 1 vol.
N.º 8 — *A lenda da meia-noite*, romance phantastico, por P. Chagas, 1 vol.
N.º 9 — *A joia do vice-rei*, romance historico, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 10 — *Vinte annos de vida litteraria*, por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 11 — *Honra d'artista*, romance de Octavio Feuillet, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 12 — *Os meus amores*, contos e balladas, po Trindade Coelho, 1 vol.
N.ºs 13 e 14 — *A aventura d'um polaco*, por Victor Cherbuliez, traducção de Maria Amalia Vaz de Carvalho, 2 vol.
N.º 15 — *Os contos do tio Joaquim*, por R. Paganino, 1 vol.
N.º 16 — *As batalhas da vida*, contos por Guiomar Torrezão, 1 vol.
N.º 17 — *Noites de Cintra*, romance por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.ºs 18 e 19 — *Em segredo*, romance, trad. de Margarida de Sequeira, 2 vol.
N.ºs 20 e 21 — *A irmã da Caridade*, por Emilio Castellar, traducção de L. Q. Chaves 2 vol.
N.º 22 — *Migalhas de historia portugueza*, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 23 — *A Cruz de Brilhantes*, por A. Campos, 1 vol.
N.º 24 — *Contos*, de Affonso Botelho, 1 vol.
N.º 25 — *Contos phantasticos*, por Theophilo Braga, 1 vol.
N.º 26 — *O mysterio da estrada de Cintra*, por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, 1 vol.
N.º 27 — *O naufragio de Vicente Sodré*, rom. historico de P. Chagas 1 vol.
N.º 28 — *Vid'airada*, por Alfredo Mesquita, 1 vol.
N.º 29 — *O Bacharel Ramires*, por Candido Figueiredo, 1 vol.
N.ºs 30 e 31 — *Amor á antiga* romance de Caiel, 2 vol.
N.º 32 — *As Netas do Padre Eterno*, por Alberto Pimentel.
N.º 33 — *Contos*, de Pedro Ivo, 1 vol.
N.º 34 — *O correio de Lyão*, por Pierre Zaccone.
N.º 35 — *Vida de Lisboa*, por Alberto Pimentel.
N.º 36 — *Historias de Frades*, por Lino d'Assumpção.
N.º 37 — *Obras primas*, por Chateaubriand.
N.º 38 — *O Exilado*, romance historico, por Mauricia C. de Figueiredo.
N.º 39 — *Poema da Mocidade*, por Pinheiro Chagas.
N.º 40 e 41 — *A Vida em Lisboa*, por Julio Cesar Machado.
N.º 42 e 43 — *Espelho de Portuguezes*, por Alberto Pimentel.
N.º 44 — *A Fada d'Auteuil*, por Ponson du Terrail, traducção de Pinheiro Chagas.
N.º 45 — *A Volta do Chiado*, por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).
N.º 46 — *Séca e Méca*, por Lino d'Assumpção.
N.º 47 — *Ninho de guincho*, por Alberto Pimentel.
N.º 48 — *Vasco*, por Arthur Lobo d'Avila.
N.º 49 — *Leituras ao serão*, por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.
N.º 50 — *Luz coada por ferros*, por D. Anna Augusta Placido.

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

Rua Augusta, 50, 52 54 — LISBOA

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes de in-16.º, de 240 a 320

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

* N.º 1 — **Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon**, seguidas de *Tartarin nos Alpes*; por A. Daudet,.
* N.º 2 — **Pedro e João**, por Guy de Maupassant.
* N.º 3 — **Sergio Panine**, por Jorge Ohnet.
N.º 4 — **O Sonho**, por Emilio Zola.
N.º 5 — **Soror Philomena**, por Edmond e Jules Goncourt.
N.º 6 — **O medico assassino**, por Octavio Féré.
N.º 7 — **Os milhões vergonhosos**, por Heitor Malot.
* N.º 8 — **O amigo Fritz**, por Erckmman Chatrian.
N.º 9 — **Vogando**, por Guy de Maupassant.
* N.º 10 — **Um romance de mulher**, por Pierre Mael.
* N.º 11 — **Vontade**, por Jorge Ohnet.
* N.º 12 — **O Nababo**, por A. Daudet.
* N.º 13 — **Um coração de mulher**, por Paul Bourget.
* N.º 14 — **Beatriz**, por Rider Haggard.
* N.º 15 — **O crime**, por Gabriel d'Annunzio.
* N.º 16 — **Lise Fleuron**, por Ohnet.
N.º 17 — **Os dois rivaes**, por Armand Lapointe.
N.º 18 — **O ultimo amor**, por Jorge Ohnet.
N.º 19 — **Um Bulgaro**, por Ivan Tourgueneff.
N.º 20 — **Memorias d'um suicida**, por Maxime du Camp.
N.º 21 — **Forte como a morte**, por Guy de Maupassant.
* N.º 22 — **A alma de Pedro**, de J. Ohnet.
N.º 23 — **Camilla**, de Guérin-Ginisty.
N.º 24 — **Trahida**, de Maxime Paz.
N.º 25 — **Sua Magestade o Amor**, por A. Belot.
N.º 26 — **Magdalena Férat**, por Emilio Zola.
N.º 27 — **Os Reis no exilio**, por A. Daudet.
N.º 28 — **Divida de odio**, por Jorge Ohnet.
N.º 29 — **Mentiras**, por Paul Bourget.
N.º 30 — **Marinheiro**, por Pierre Loti.
N.º 31 — **A montanha do Diabo**, por Eugenio Sue.
N.º 32 — **A Evangelista**, por A. Daudet.
* N.º 33 — **Aranha Vermelha**, por R. de Pont Jest.
N.ºs 34 e 35 — **Odio antigo**, por Jorge Ohnet.
N.º 36 — **Parisienses!... romance**, por H. Davenel.
N.º 37 — **Ao entardecer!... rom.**, por Iveling Ramband.
N.º 38 — **A confissão de Carolina**, romance.
N.º 39 — **Um casamento no mosteiro**, por Alfredo Assolland.
N.º 40 — **Os Parias**, original de Francisco da Rocha Martins.
N.º 41 — **O abbade de Favières**, romance, por J. Ohnet.
N.º 42 — **A agonia de uma alma**, romance, por Ossip Fchubin.
N.º 43 — **Memorias d'um burro**, por Madame Ségur.
N.º 44 — **A nihilista**, por Catulle Mendés.
N.º 45 — **O grande Industrial**, por George Ohnet.
N.º 46 — **Morta d'amor**, por Albert Delpit.
N.º 47 — **João Sbogar**, por Carlos Nadier.
N.º 48 — **Viagem sentimental**, por Sterne.
N.º 49 — **O milhão do tio Raclot**, por Emile Richebourg.
N.º 50 — **A confissão de um rapaz do seculo**, por Musset.
N.º 51 — **O romance de um principe**, por Pierre de Lano.
N.º 52 — **O castello de Lourps**, por J. K. Huysmans.
N.º 53 — **Amor de Miss**, por J. Blain.
N.º 54 — **A sogra**, por Dubut de Laforest.
N.º 55 — **Colomba**, por Próspero Merimée.

Todos os vol. com este signal * estão esgotados mas vão ser reimpressos.

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XXV

OS BRILHANTES DO BRASILEIRO

VOLUMES PUBLICADOS

I — Coisas espantosas.
II — As tres irmans.
III — A engeitada.
IV — Doze casamentos felizes.
V — O esqueleto.
VI — O bem e o mal.
VII — O senhor do Paço de Ninães.
VIII — Anathema.
IX — A mulher fatal.
X — Cavar em ruinas.
XI, XII — Correspondencia epistolar.
XIII — Divindade de Jesus.
XIV — A doida do Candal.
XV — Duas horas de leitura.
XVI — Fanny.
XVII, XVIII, XIX — Novellas do Minho.
XX, XXI — Horas de paz.
XXII — Agulha em palheiro.
XXIII — O olho de vidro.
XXIV — Annos de prosa.
XXV — Os brilhantes do brasileiro.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

OS BRILHANTES DO BRASILEIRO

QUARTA EDIÇÃO

REVISTA E CORRECTA PELO AUCTOR

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1904

LISBOA
OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a vapor
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º
1904

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Recebeu o publico urbanamente este livro posto que o livro não se apresentasse sempre de luva branca aos seus hospedeiros amigos. Algumas vezes, o auctor, descurando a pauta do moderno decoro com os leitores, abusou do tom de familiaridade, e nos quer parecer que despiu a casaca, e se ficou em mangas de camisa a contar as manhas das Ruivas e Catraias, dos Fialhos e Athanasios. Tem elle dito aos seus amigos que a velhice auctorisa certas liberdades; e que, por mais agua de cal que se lance nos esgôtos, os cheiros nauseativos vaporam sempre. Esta rasão da velhice e dos cheiros não é efficaz; e, por tanto, é de esperar que elle, na terceira edição do romance, introduza sifões mais perfeitos nas suas latrinas sociaes, tornando inodoros os seus personagens.

I

Afflicções sudoriferas

Em um frigidissimo dia de janeiro de 1847, por volta das nove horas da manhã, o sr. Hermenegildo Fialho Barrosas, brasileiro grado e dos mais gordos da cidade eterna, estava a suar, na rua das Flôres, encostado ao balcão da ourivesaria dos srs. Mourões. As camarinhas aljofravam a brunida testa de Fialho Barrosas, como se a porosa cabeça d'este sujeito filtrasse hydraulicamente o estanque de sôro recluso no bojo não vulgar do mesmo.

Era o suor respeitavel da mortificação; o esponjar das glandulas pela testa, quando as lagrimas golpham dos seus poços, e não bastam já olhos a estancal-as. Era, em fim, a dôr que flameja infernos em janeiro, e tira d'um homem adiposo e glacial lavaredas, como o ethna as repuxa por entre as neves do seu espinhaço.

Sondemos o que passa dentro d'aquelle corpo, e desinchemos as bochêchas do estylo.

Hermenegildo Fialho tinha recebido, ás oito da manhã, no seu escriptorio de consignações e descontos na rua das Congostas, um bilhete da ourivesaria Mourão, convidando-o a entrar n'aquelle estabelecimento, quando podesse, para negocio urgente.

O substantivo «negocio» abalou-o. O adjectivo «urgente» sacudiu-o.

Poz o chapéo, revestiu de borracha os pés impermiaveis, affligindo-os; enroscou a cara no cachenez, sobraçou o guarda-chuva, e foi impando, costa acima, pelo largo de S. Domingos, resmuneando no intimo de si: «negocio urgente!... que diabo de urgente negocio será este com o ourives!?...»

— Então que temos? — perguntou o esbofado Barrosas, e sentou-se na gemente cadeira.

E os srs. Mourões disseram pouco mais ou menos o seguinte: Que, seis annos antes, elle brasileiro lhes havia comprado um adereço de brilhantes, composto de gargantilha, brincos, broche e bracelete por 6:500$000 réis, com o fim de presentear sua noiva, segundo elle comprador o declarara. Que, passados sete mezes, pouco mais ou menos, uma mulher desconhecida entrara na loja, e lhes vendêra um brilhante desengastado por 250$000 réis. Seis mezes depois haviam comprado á mesma mulher outro de igual quilate e valor. Corrido o mesmo praso, outro lhes fôra offerecido e vendido. Que, no fim d'um anno, um ourives visinho lhes tinha negociado um brilhante de cem libras, o qual lhes despertára reminiscencia de ter sido vendido em sua casa; mas, por mais que avivaram lembranças,

não recordaram a quem. E, volvido pouco mais d'um anno, diverso ourives lhes vendera outro brilhante do mesmo preço, dizendo que o comprara a um joalheiro hespanhol. Não obstante, insistiam em affirmar que as duas ultimas pedras tinham já sido d'elles; sem todavia desconfiarem de roubo. Acontecendo, porém, que oito dias antes, uma mulher com geito de criada, a mesma que primeiro lá tinha ido, lhes levasse uma pulseira para se engastarem pedras falsas no encaixe de outras já desencravadas, a desconfiança inclinou-se logo para roubo. Ficou a pulseira, e depressa reconheceram que era de sua casa, e d'ahi a suspeita de que os brilhantes comprados lhe houvessem pertencido. Os dois maiores ainda existiam soltos. Ajustaram-os nos engastes: frizavam perfeitamente. Recordaram com mais seguras probabilidades, e convieram na presumpção que a pulseira era parte das joias do noivado compradas pelo sr. Barrosas, seis annos antes. E, na incerteza, deliberaram prudentemente reter a mulher, quando ella viesse buscar o bracelete, certos de que, a ser a joia do sr. Fialho, por força se praticára roubo, sendo improvavel que um sujeito notoriamente rico mandassse vender brilhantes e repôr minas novas na pulseira de sua esposa...

— Deixe-m'a cá ver! — atalhou o brasileiro — Mostre-me isso?

Mostraram-lh'a.

Era a pulseira de Angela.

Aqui principiou a borbulhar um sumo gomoso e crasso da testa do homem.

— É de minha mulher, acho eu! — tartamudou ainda indeciso o sr. Fialho — Que é da criada?

— Está na policia porque tentou fugir. Se vossa senhoria quer, vae um cabo buscal-a.

— Bom será, que eu não posso mecher-me... Parece que me arde o interior! Dão-me os senhores um copo d'agua, se fazem favor?... Isto só no inferno! — proseguiu o sr. Barrosas, batendo na testa com os pulsos — Minha mulher não vendia os brilhantes! É impossivel! Vendêl-os p'ra quê? P'ra quê, não me dirão os senhores?

— Póde ser que estejamos enganados — observou um dos honrados ourives; — mas o esclarecerm'o-nos é tão necessario para vossa senhoria como para nós. Se nos illudimos, ficamos contentissimos e socegados. As nossas suspeitas não offendem ninguem, senão a criada. Em fim, cumprimos um dever.

— Fazem muito bem — obtemperou o brasileiro; — mas minha esposa não vendia os brilhantes... Roubar-lh'os a criada? isso póde ser; mas... Que figura tem ella?

— Baixa, gorda, mais de meia edade, vestida limpamente.

— Os signaes são d'ella... Tem uma verruga no nariz, assim do feitio de ervilha?

— Não reparei...

— E um dos olhos assim a modo de vêsgo?

— Parece que sim... Ella não póde tardar.

— E então os senhores — volveu o brasileiro com outro gesto de cara e tom de voz mais afinado — se os brilhantes forem meus, como hade isto ser?

— Como hade ser?!...

— Perdi-os, eim?

— Isso é outra questão.

— Que questão? Eu acho que não ha questão nenhuma... Se os senhores compraram uma coisa roubada...

— Provado o roubo, iremos haver a importancia dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que nol-os vendeu; quanto aos que comprámos a pessoa desconhecida, posto que já não estejam em nossa casa, restituiremos o seu valor, se vossa senhoria quizer; mas seria justo e honroso que o sr. Fialho não sacrificasse quem o acautellou, para evitar que lhe roubem as outras joias. Do contrario, teriamos de nos arrepender d'um zêlo que nos vem prejudicar...

N'este comenos, chegou a criada com um municipal e cabo de policia.

— E' ella mesma! cá está a ladra! — bradou o brasileiro — Com que então roubaste a pulseira de tua ama?!... Diz lá! Não respondes?

A creada abaixou a cabeça, e fechou hermeticamente os beiços, como se receasse que alguma palavra lhe fugisse.

— Que dizes tu, Victorina? — bradou o amo — Onde tens tu o dinheiro dos meus brilhantes? Diz onde está o dinheiro que eu não te metto na cadeia... Declaras ou não? Olhem a ladra que não tuge nem muge! Já viram? Olha que te rebento, mulher? Fallas? Roubaste os brilhantes?... E esta! nem palavra! Justiça com ella! Enxovia, até declarar onde está o meu dinheiro!...

Os circumstantes, espantados do silencio da cria-

da, e talvez suspeitosos d'algum mysterio talvez justificativo da inculpabilidade d'ella, instavam-na a responder.

— Perderia a falla com o susto — aventou o cabo, e sacudiu-a pelos hombros paralhe desemperrar a lingua — Você não póde fallar, creatura? Que fez você ao dinheiro dos brilhantes?

— Gastei-o... — respondeu ella soluçando.

— Ah! já confessou?—interveio Hermenegildo— cadeia com ella, que eu cá vou a casa vêr se me falta mais alguma coisa. Hade ir degredada!

II

1:650$000 réis!

Estava Angela na janella de sua casa na «rua do Bispo», quando o marido surdiu da esquina da «Praça nova». Reconheceu-o logo pela corpulencia redonda. Retrahiu-se da janella, e disse comsigo assustada:

— Ha novidade! O coração bem m'o dizia... Meu marido nunca vem a casa a esta hora! E Victorina sem chegar!... Que seria!...

O resfolgar de Fialho, escada acima, cobria o estrondo dos pés nos degráos que rangiam.

— Angela! Angela! — clamava elle.

— Que é?

— Dou-te parte que estás roubada! — bradou o espheroide.

— Roubada! gaguejou a esposa.

— Sim! roubada, tu! Aqui tens o teu bracelete sem os brilhantes. Conhecel-o? Vê lá que ladra sahiu a tua criada favorita! Um conto, seiscentos e

cincoenta mil réis de pedras... foi-se! E tu sem dares tino d'isto, mulher! Viste?

A pulseira tremia nas mãos convulsivas d'Angela.

E o marido proseguia:

— Aqui tens! tirou-lhe as pedras boas, e tinha a pulseira nos Mourões para lh'as incravarem falsas. Lá está na administração a ladra, e de lá vae pr'á cadeia, onde hade morrer; mas o meu conto, seiscentos e cincoenta mil réis, esse é que não torna...

Angela chorava soluçante.

— Não chores, menina! — accudiu o sr. Barrosas — olha que isto não abala a nossa fortuna...

— O' meu Deus! — balbuciou a senhora — com as mãos nas faces.

— Não te afflijas que eu comprò-te outra pulseira, mulher, deixa-me cá por minha conta a criada; que essa, ou eu não heide ser Hermenegildo, ou ella hade morrer na enxovia.

— Que infortunio, Jesus, que infortunio! — bradou ella desafogando-se a custo dos soluços.

— E ella a dar-lhe! Tem animo, Angela! Já te disse que te dou outra pulseira. Sou muito rico, graças a Deus! Da ladra da moça eu te vingarei!

Angela cobrou alento, ergueu a face, enxugou as lagrimas, e disse serenamente:

— Não prendas a criada que ella está innocente.

— O quê?!

— Victorina não roubou os brilhantes.

— Então quem diabo os roubou?

— Mandei-os eu vender.

— Tu?! pr'a que? o dinheiro d'elles que lhe fizeste? — exclamou o marido, fazendo ambos os pés

atraz, e tressuando novos repuxos de afflicto suor — Tu mentes, Angela! Dizes isso para livrar a criada, não é verdade?

— A verdade é que Victorina está innocente. Castiga-me a mim, se queres, que os brilhantes foram vendidos por minha ordem — tornou ella com admiravel serenidade.

— Que fizestes ao dinheiro, tu? — ululou Fialho, sopesando com as mãos o arquejar do abdomen.

— Gastei-o.

— Em quê? Não tinhas o que te era necessario?!

— Tinha; mas... gastei o dinheiro...

— Com quem? com quem? torno a perguntar com dez milhões de diabos, com quem gastaste um conto e seiscentos e...

— Não foi em coisas que me deshonrassem, nem a ti...

— Então diz em que foi?

— Não posso.

— Não podes? Raios!... pois não podes? então quem é que póde?

— Não posso.

— Arrebento! Tu não me cegues, mulher! Olha que eu já te não vejo nem enxergo! Com quem gastaste um conto e seiscentos e...

— Mata-me que te perdôo a morte! — volveu ella tranquillamente — Morrerei sem remorsos nem vergonha. As joias de minha mãe valem quatro a cinco contos de réis. Faz de conta que estás pago do roubo que te fiz: lá as tens.

— A historia não é essa, não é o dinheiro... —

replicou briosamente o marido — O que se quer saber é a quem déste o capital?

— A quem o precisava para não ser infeliz.

— Essa é boa! Então déste um conto e seiscentos e cincoenta mil réis de esmola?

— Dei.

— Mas a quem? a quem? com dez milhões de...

— Não te posso dizer mais nada, Hermenegildo... A criada está innocente. Não a prendas.

— Hade ir presa até dizer a quem déste o dinheiro.

— Ella morrerá, sem o dizer.

— Pois hade morrer... — vociferou Barrosas saltando e batendo com os dois pés em cheio no soalho — E tu... não sei o que será de ti...

— Mata-me que eu não tenho pena de deixar o mundo... — murmurou socegadamente, mas debulhada em lagrimas, a pallida senhora.

Hermenegildo rolou a sua pessoa fumegante escadas a baixo. Entrou no escriptorio do administrador, chamou de parte a authoridade, e contou-lhe o occorrido com a mulher, insinuando o magistrado a sacar da criada o segredo.

— O meu dever é aceitar as declarações voluntarias da criada, — disse o administrador — Não posso incutir-lhe terrores, nem devassar os segredos da vida domestica de vossa senhoria. Se sua senhora diz que a criada está innocente, a confissão da ré não basta a destruir o depoimento da ama, sendo de mais a mais muito natural que os brilhantes se hajam vendido por consentimento de sua esposa; aliás desde muito que ella teria dado pela falta. Em-

fim, sou obrigado a interrogar a ama e a criada, uma na presença da outra.

— Essa vergonha é que eu não quero! — obstou desabridamente o brasileiro.

— O interrogatorio hade ser secreto: não ha testemunhas que divulguem este acto impreterivel de justiça, — contraveio a authoridade. — Se sua senhora disser de modo convincente: «a criada cumpriu as minhas ordens» é certo que a moça não póde ser pronunciada, visto que obedeceu a sua ama; e os desvios dos bens communs feito pela esposa não é roubo, nem a cumplicidade da criada é punivel. Se sua esposa foi burlada por algum industrioso, e quizer declarar-se, o meu dever é seguir o fio do enredo; mas o que eu não posso é interrogal-a sobre segredos da sua vida intima. Isso pertence a vossa senhoria mediante processo d'outra naturesa...

— Então... afinal diz-me vossa senhoria que...— interrompeu o brasileiro zangado.

— Que vou mandar chamar sua senhora...

— Pois chame! — bradou elle — Este negocio hade aclarar-se... Não se me importa a vergonha nem o diabo! Eu sou um homem de bem, sr. administrador!

— Quem o duvida?

— Ninhos atraz das orelhas não m'os fazem!

— Com rasão...

— O meu dinheiro quero saber que fim levou...

— Essas averiguações é que são delicadas, sr. Fialho, — aconselhou a authoridade — E parecia-me rasoavel e prudente que vossa senhoria as guardasse para o secreto da sua casa.

— Mas ella não o diz!

— Se o não diz a vossa senhoria, menos o dirá a mim ou ao juiz...

— Diz que deu um conto e seiscentos e cincoenta mil réis de esmolas! O senhor acredita isto?

— Acredito;... porque não? Se ella repartisse por todos os infelizes do Porto essa grande quantia, estou em que não chegaria um pinto a cada pobre.

— Mas então a criada que diga a quem levava as esmolas. Dá-me vossa senhoria licença que eu pergunte?

— Sim, senhor — respondeu o administrador, e, tangendo uma campainha, disse ao official de diligencias:

— Essa mulher que entre aqui sósinha.

Entrou Victorina.

— Responda alli a seu amo — disse a authoridade á prêsa.

Hermenegildo assoou-se, fez duas upas na cadeira, rossou no pavimento as espaciosas plantas, e rompeu n'este interrogatorio:

— Quem roubou os brilhantes?

— Fui eu, senhor.

— Mentes! Os brilhantes foi tua ama que t'os mandou vender!

Victorina estremeceu, fitou o administrador, e gaguejou palavras imperceptiveis.

— Foi sua ama que mandou vender os brilhantes?—interveio a authoridade.

— Não, senhor... Fui eu que os... furtei.

E as lagrimas derivavam-lhe pelas faces copiosamente.

«Esta mulher está innocente!» disse entre si o interrogador.

— Mentes, desavergonhada!—trovejou o sr. Fialho, jogando com as catapultas dos braços á cara da criada.

— Levemos isto mais moderadamente, sr. Barrosas, — admoestou o administrador — Ora diga-me, mulher, foi vocemecê mesma que vendeu os brilhantes?

Demorou-se Victorina em responder:

— Fui, sim, meu senhor.

— A quem?

Repetiu-se a mesma tardança na resposta.

— A quem os vendeu? aos ourives Mourões? — repetiu o funccionario.

— Sim, senhor.

— Todos?

— Sim, senhor.

— Está vocemecê mentindo. Os Mourões compraram tres pedras a uma mulher, que provavelmente era vocemecê, e duas a um visinho. Como explica vocemecê esta verdade com a sua mentira?

A mulher abafava com soluços.

— Seja verdadeira; vocemecê não roubou os brilhantes: vendeu-os por ordem de sua ama...

— Não, senhor—acudiu a criada com vehemencia.

— Não me desminta, que logo vae ser sua ama interrogada na sua presença, e ella mesma já disse ao sr. Fialho que vocemecê não furtou a pulseira.

— O que eu quero—intermetteu-se o brasileiro—é saber a quem a tua ama dava o dinheiro.

— Isso é que eu não quero saber em quanto sua

senhora se não queixar de que foi lograda fraudulentamente—emendou o administrador do bairro—Já disse a vossa senhoria que esta repartição judiciaria não é confessionario, nem entende com a moralidade dos actos domesticos, entre casados, em quanto elles se não queixam competentemente. Da minha competencia é saber como heide enviar esta mulher ao juizo criminal. Ella teima que roubou os brilhantes; a esposa de vossa senhoria declara que os mandou vender. O meu juizo está feito; mas...

—Então qual é o juizo do sr. administrador?—interrompeu o queixoso.

—E' o juizo do sr. Fialho.

—O meu?!

—Sim: o senhor diz que foi sua esposa quem mandou esta ou outra mulher vender as pedras: eu digo o mesmo.

—Mas quem me hade a mim dizer o caminho que levou o dinheiro? Um conto seiscentos e...

—Sua senhora, se quizer.

—Mas esta mulher sabe-o.

—Vocemecê sabe-o, mulher?—perguntou a authoridade sorrindo.

—O quê, meu senhor?

—Sabe o que aquelle senhor deseja saber?

—Sabes a quem tua ama dava o dinheiro dos brilhantes?—perguntou o amo com estrondosos berros.

—Que brilhantes?

—Os brilhantes que ella te mandava vender.

—Não me mandou vender nada.

—Então roubastel-os tu?

— Sim, senhor.

Hermenegildo sobre poz os braços um no outro, transversalmente apoiados no estomago, e começou a dar com elles de modo que tiravam um som de tympanites das cavernas subjacentes.

— Já viram pouca vergonha d'este feitio? — gritava elle — Veja vossa senhoria se isto não é para indoudecer um homem!

E, levantando-se com prodigiosa rapidez, exclamou:

— Vou consultar os meus amigos sobre o que devo fazer; vossa senhoria faça a sua obrigação. O negocio é muito serio. Heide sahir com honra d'esta tramoia. Sou um homem de bem. Quem quizer saber quem é Hermenegildo Fialho Barrosas, pergunte-o ahi na praça do commercio do Porto.

— Sei que é um honrado capitalista, sr. Fialho! Quem lhe nega as suas excellentes qualidades?

— Vossa senhoria parece que está disposto a favor dos criminosos! — retorquiu o ricasso, esbofeteando uma mosca na testa.

— Quem são aqui os criminosos?

— Não sei! não entendo esta balburdia!

— Sua senhora diz que mandára vender os brilhantes. Quer que ella seja enviada ao juizo criminal com o labeo de ladra?—volveu o administrador agastado.

— Não quero isso! quero saber quem recebeu o dinheiro.

— Não posso esclarecêl-o.

— O dinheiro gastei-o eu—repetiu Victorina.

— E' o que vamos ver.

Disse, e tangeu de novo a campainha o funccionario mandando o official que intimasse a sr.ª D. Angela a comparecer na administração.

— Que vem ella cá fazer?!—exclamou Victorina com afflicção—Minha ama não tem que fazer n'esta casa!

— Cá se avenham! — disse o brasileiro, e sahiu em cata dos seus amigos.

III

Retratos do natural

Os amigos do sr. Fialho, áquella hora, estavam em grupo na calçada dos Clerigos á porta do immaculado capitalista ***.

Hermenegildo chamou-os á sala do primeiro andar d'aquelle prestante amigo dos brasileiros, e fallou d'este theor:

— Meus amigos velhos! srs. Athanasio José da Silva, Pantaleão Mendes Guimarães e Joaquim Antonio Bernardo!...

Interrompa-se a apostrofe, e desenhemos as proeminencias moraes caracteristicas d'estes sujeitos invocados a conferir e alvidrar n'um pleito de honra.

O sr. Athanasio tem quarenta e oito annos, é capitalista, casado, socio que foi de molhados com o sr. Fialho, bom visinho, cidadão pacifico, e aos costumes disse nada. Porém, o povo reza que elle, apanhando em flagrante a esposa n'uma excursão

philarmonica ás espheras sonorosas com um caixeiro, tão duro e miudo tocara o compasso no caixeiro com a batuta de uma tranca, que o rapaz expulso a couces chegou á terra natal e expirou oito dias depois, contando o segredo a sua familia.

A esposa de Athanasio, depois de encerrar-se quinze dias no seu quarto, viu abrir-se a porta á força, fez o acto de contricção para morrer christãmente, e ia expirar de pavor, quando o marido lhe abriu os braços e disse: «Estás perdoada; mas, se fazes outra, escavaco-te.» Desde então o porte d'esta senhora reduz as Fulvias e Marcellas a condições indignas dos gabos historicos. Peccadora que passe por ella é visão que a enjôa e adoenta. As filhas, quando a escutam discretar em virtudes, cuidam que sua mãe é uma mulher da Biblia.

Quanto a probidade mercantil, Athanasio José da Silva é contrabandista, e, algum tempo, ia mensalmente á estalagem da Ponta-da-Pedra, em tres carruagens de recreio, com sua familia e as familias dos dois amigos presentes, receber córtes de seda, cambraias, rendas e pellames inglezes. Conforme á justiça e ás manhas do Porto, a firma de Athanasio é das mais acreditadas na praça, e as gazetas, quando escrevem *Athanasio José da Silva*, antepõe-lhe ao nome os adjectivos *honrado* e *probo;* e, se acontece ir para Caldas ou praias com a mulher, vae sempre «o honrado capitalista com sua virtuosa esposa».

Pantaleão Mendes Guimarães, quarenta e cinco annos, capitalista, armador, antigo negreiro e «engajador» moderno. Ha doze annos que uma fres-

cassa loureira, chamada Francisca Ruiva, lhe coou filtros cupidineos atravez das enchundias do peito, e lhe atorresmou os toicinhos da alma. Pantaleão trasladou do bordel ás alcatifas de sua casa a Ruiva saudosa do lundum chorado, investiu-a da governança da dispensa, e mais tarde esposou-a, no intento de condecorar socialmente a lama que trouxera do alcouce. E, de feito, D. Francisca Mendes, n'este anno de 1847, já logrou a satisfação de se ver tambem calumniada de «esposa virtuosa» nas gazetas.

Joaquim Antonio Bernardo, negociante por atacado de fazendas brancas, quarenta e um annos, estupido perversissimo, antigo gandaieiro, que passára uma doce mocidade, subtrahindo assucar mascavo das caixas expostas no Terreiro do Paço, e actual irmão da Misericordia do Porto e fiscal da mesma. Casou com a mais desbragada pôlha que deu a Maya, e arreiou a de veludos e setins para a passear nas praças do Porto com o gaudio d'um cornaca vaidoso que expõe o seu elefante ajaezado bisarramente. Esta Lais de trapeira, quando passa espeitorada, recende e trescala o fartum das excreções cutaneas.

Não obstante, a sua recamara não inveja á de Lesbia o sêvo de delicias em que a maiata, Circe digna dos javardos que a esforçam, ganhou renome que bastaria a felicitar tres collarejas. Esta dama já se viu, n'um periodico, em que se dava conta d'um seu baile, nomeada de «illustre e distincta.» Ambos os epithetos lhe quadravam, occultos os substantivos. Não a tratavam de virtuosa, porque

o localista receou que o termo, revendo ironia, lhe fechasse as portas do seguinte baile.

Eis aqui muito em escorço esboçados os traços dos tres amigos de Hermenegildo Fialho Barrosas.

Deixal-o fallar agora.

IV

Tribunal de honra

— Amigos e senhores — proseguiu Fialho — a rasão d'esta chamada vão vocês sabel-a!

— Você parece que está afflicto, sr. Hermenegildo?! — accudiu magoadamente Pantaleão.

— Se lhe parece!... E' um caso d'honra e que me hade atirar á cova!

— Ora deixe-se d'isso! — sobreveiu Joaquim Bernardo — Então os amigos p'ra que servem? Aqui estamos physica e moralmente para tudo que fôr preciso.

— Meus amigos! — volveu o marido de Angela — acontece em minha casa o mais extraordinario caso que vocês ouviram...

— Como assim?! — interrompeu o marido de Francisca Ruiva.

— Negocio de mulheres!... Poucas vergonhas de mulheres!... Ainda ha quem se case!... — esclareceu Fialho intercortando as palavras com uns sus-

piros que lhe subiam do estomago á mistura com os arrôtos de bacalháo assado do almoço.

— De mulheres?! querem vocês vêr!... — disse com espanto Athanasio José da Silva.

— Temos maroteira? — perguntou Pantaleão.

— Ouçam lá. Minha mulher vendeu cinco brilhantes da pulseira de casamento que eu lhe dei, e não diz o que fez a um conto seiscentos e cincoenta mil réis sonante que recebeu pelos brilhantes. Aqui está o que eu tenho a dizer.

Os tres conferentes levantaram-se a um tempo, cruzaram as mãos sobre os osssos sacros respectivos, e começaram a passear cada um para seu lado.

Quem primeiro parou e fallou do seguinte modo foi o marido da maiata:

— Physica e moralmente fallando, sua mulher, amigo Hermenegildo, vendendo os brilhantes e dispondo do dinheiro, deve dizer o que lhe fez, por força ou por geito. Eu cá por mim pegava d'um arrocho, e dizia-lhe: «ó minha amiga, você diz o que fez ao dinheiro, ou acaba-se aqui hoje o mundo!»

— Amigo Joaquim — contrariou Pantaleão — Não voto por esse systema, e queira perdoar. Vamos por partes. O amigo Fialho desconfia de sua mulher?

— Eu?

— Sim: parece-lhe que ella doidejou e lhe fez alguma patifaria?

— Eu sei cá, homem!... Vejo isto!... Ah! esquecia-me de dizer que ella diz que deu o dinheiro aos pobres.

— Bem me fio eu n'isso! Essa não amolo eu! —

refutou Pantaleão, bascolejando nas queixadas um riso gallêgo — Aos pobres!...

— Tambem eu não a engulo! — concordou o irmão da Misericordia — Que diga o nome dos pobres! Sim! queremos saber quem são os pobres. Physica e moralmente fallando, se ella o não disser, está provado o crime.

— Isso está! — obtemperou Athanasio — E cá, se a tratantada fosse comigo, era negocio feito, percebe você?

— Você que faria? — perguntou Fialho.

— Eu?! Eu?! então você ainda me não conhece? eu cá era dois pontapés, e rua, percebe você?

— Isso não são modos! — obstou Pantaleão Mendes Guimarães — Amigo Fialho, você averigue esse caso com vagar.

— Não tenho que averiguar! — recalcitrou o marido de Angela — E' isto que lhes digo. Gastou o dinheiro e não diz em quê.

— Então, convento com ella! — alvitrou o prudente Guimarães — Um homem de creditos faz isto. Os amigos digam agora o que entenderem.

— Eu — opinou Joaquim José Bernardo, descascando os rebordos das ventas infectas — physica e moralmente fallando, tambem vou para ahi, attendendo a que é melhor não dar escandalo. Você administra-lhe de comer e beber no convento, e não quer mais saber d'ella.

— E se lhe pozer demanda a mulher?! — lembrou Athanasio.

— Demanda? ora essa!... — accudiu Joaquim Bernardo — Demanda?

— Sim; vamos que ella pede metade da fortuna, ou o dote de trinta contos com que o amigo Fialho a dotou?

— O amigo Fialho não tem nada — respondeu triumphantemente o arbitro — Tudo que elle tem é nosso por uma escriptura de divida. Você tem procuração d'essa mulher?

— Tenho.

— Então que lhe pegue com um trapo, physica e...

— Pelo que ouço — interrompeu Fialho — vocês, amigos, decidem que minha mulher se porta mal...

— Pois isso! — confirmou Pantaleão — Nem dado nem de graça! Você inda duvida?!

— Eu, como não tenho desconfiado nem visto nada...

— Podéra vêr!... — redargiu o fiscal da Misericordia.

— E vocês tem ouvido fallar de minha mulher? — perguntou Fialho.

— Olhe, isto de fallar, falla-se de todas — respondeu o marido da maiata. — Nem a minha tem escapado, cá por certos zuns-zuns que me chegaram aos ouvidos; mas vem barrados cá pr'a mim, que eu sei quem tenho...

Pantaleão e Athanasio trocaram uns lances d'olhos velhacos em que Hermenegildo entrou com o seu contingente de fino marôto.

— Isso é verdade — apoiou o marido de Francisca Ruiva — A gente se fôr a dar ouvidos á canalha, está perdida com a sua vida. Um homem tem sempre rabos de palha. Mas eu ando tanto ao seguro cá a respeito da minha honra, que desafio o

mais pintado a dizer de minha mulher isto ou aquillo.

D'esta vez os olhos de Joaquim encontraram os de Athanasio, em quanto Fialho lá entre si dizia: «Estás arranjado com a virtude de tua mulher...»

— Meus amigos, — disse Athanasio a seu turno — isto é terra de calumnias e aleivosias. A inveja vinga-se em nos ferir no mais sagrado de nossas almas. Aqui estou eu que...

O truculento homicida do caixeiro ía fazer o elogio da consorte, quando Barrosas bradou impacientemente:

— Então em que ficâmos, senhores?

— Em que ficâmos?! — perguntou Athanasio.

— Sim! os amigos estão ahi a palavriar em objectos que não vem á collecção. Ora que tenho eu que as suas mulheres sejam isto ou aquillo? Se são boas e virtuosas, deem graças a Deus, e tratem de remediar este contra-tempo.

— Não tem rasão de se agoniar, amigo Fialho — contrariou mansamente Pantaleão — Isto veio ao caso de você perguntar se tinhamos onvido fallar de sua mulher...

— Mas ouviram? — accudiu arrebatado o esposo de Angela.

— Eu não! — condisseram os tres simultaneamente; — mas você bem sabe, — ajuntou Joaquim Antonio, resalvando melhor juizo — que a nós ninguem dizia nada porque sabem que o Fialho e nós somos carne e unha.

— Sim—obtemperou Pantaleão—Póde ser que haja alguma cousa; mas pelo que eu sei não perde ella.

— Mas vocês entendem que o dinheiro não foi para esmolas... — repisou o marido incommodado.

— Sim eu... — murmurou Joaquim.

— A fallar a verdade... — disse outro.

— E' muita esmola... — concluio o terceiro.

— Não que o administrador disse que podia ser!...—sobreveio Fialho casquinando uma risada gosmenta.

— O administrador é um asno! — definiu laconicamente Pantaleão.

— Asno e mais alguma cousa! — obtemperou Athanasio.

— E então dizem vocês — tornou o brasileiro — que eu devo metter já minha mulher n'um convento?

— Podéra... — apoiou o marido de Francisca Ruiva.

— Deve dar esse exemplo de moral publica! — confirmou o marido da maiata.

— E saber quem lhe comeu os brilhantes para se lhe dar cabo da casta! — addicionou o matador do caixeiro.

— E isto como hade ser — volveu meditativo o interrogador dos honrados juizes de sua dignidade — Eu não a quero vêr mais diante dos meus olhos!

— Tambem nos parece acertado isso... — conveio um dos tres.

— Pois então, é mister que os meus amigos se encarreguem de lhe dizer que se recolha a um convento.

— Não me nego a servil o, sr. Fialho, no que poder ser-lhe util — disse magnanimamente Athanasio — Os amigos conhecem-se nas occasiões, percebe

você? Quer então que vamos dizer a sua mulher que é preciso já já entrar n'um convento...

— Se ella não disser a quem deu o dinheiro, nomeando os pobres um a um... — condiciou Hermenegildo.

— Apoiado! — approvou Athanasio — Se o dinheiro se foi em esmolas, então o caso muda muito de figura, acho eu.

— Isso é verdade — consentiu o fiscal da Misericordia; — mas é necessario que ella não torne a cahir na asneira de dar tão grandes esmolas... que eu, amigos e senhores meus, ainda que ella me dissesse os nomes dos pobres, havia de pôr de quarentona a galga!... Em fim lá vamos... Amigo Fialho, descance em nós, e espere-nos aqui.

Sahiram os mensageiros, e ficou entregue ás consolações do affectuoso dono da casa o agonisado marido.

V

Considerações plasticas

D. Angela já descia as escadas, encaminhando-se á administração, quando foi intimada a comparecer em juizo. Pela primeira vez, em sua vida de vinte e seis annos, encarava um official de justiça, cujo semblante carregado e voz cavernosa a trespassou de susto. O esbirro caminhava de par com ella, dando ao acto uma solemnidade policial que fez espanto nos logistas visinhos. Alguns enviaram os marçanos na colla da pallida mulher de Fialho, e ficaram conjecturando, com variadas hypotheses, por que iria capturada a visinha.

O administrador, ao ver Angela, ergueu-se em respeitosa postura, postergando o estylo costumado n'esta ordem de funccionarios, cujo lance de olhos é sempre fulminante, denotando, nos vincos da fronte severa, a carranca da justiça que os anima e afeia.

Esta desusada urbanidade do magistrado póde explical-a a bellesa de Angela. A condição d'um

administrador de bairro, no exercicio de suas funcções, não ha ahi compendio de civilidade que a pula e amacie tanto como uns olhos meigos que obrigam a respeito e amor quando intentam sómente pedir commiseração.

A esposa de Hermenegildo Fialho, se não era formosa para causar assombros, tinha direito a ser considerada uma das mais galantes esposas de brasileiros, os quaes, n'aquelle tempo, eram os usufructuarios mais ou menos exclusivos das peregrinas burguezas do Porto.

Angela não era portuense, como opportunamente se dirá; mas, no rosado sadio da musculatura e redondez das fórmas, pertencia á especie de belleza solida e tanto ou quê patriarchal que distinguia e avantajava, sobre todas, as senhoras da cidade eterna de ha quinze annos para além. E, como vem de molde, deixarei aqui em estylo lamentoso uma saudade á memoria d'aquella raça forte de mulheres quasi extincta, e já hoje representada por suas filhas, dessoradas no ambiente impuro dos collegios, e adelgaçadas por uma alimentação franceza que lhes depauperou a opulencia do sangue herdado.

Orvalharam-se-me, ha dias, estes olhos, quando passados annos de ausencia do grande confluente das familias do Porto, volvi ás praias da Foz, e reconheci a custo as bellas damas da minha mocidade. Fóra de lisonja, eram ainda grandiosas reminiscencias dos explendores da formosura antiga, sem impedimento da superabundancia de tecidos moles que lhes almofadavam as espaduas e quadris: o que porém entristecia era ver as filhas d'es-

tas sadias mães. Britannicamente esgrouviadas, delatando a magresa na adherencia dos trajos aos ossos escarnados, as filhas das sebáceas bellesas de 1850 assustam a alma devotada mais fervorosamente ao ideal; que a pallidez e o osso não é o prisma por onde poetas costumam entrever as deslumbrantes coisas do céo.

Além d'outras causas d'este deploravel estiolamento da geração nova, insisto nas que já argui: collegio e alimentação. O collegio em que o espirito atazanado pelo supplicio lento da geographia, da historia e da grammatica, perde a seiva nativa, e refaz-se a expensas do corpo; de maneira que a idéa se enriquece ao passo que o musculo deteriora: questão fundamental de physiologia, que importa ser estudada nos tratadistas especiaes. Quanto á alimentação, é sabido e notorio o progresso perigoso da culinaria portuense n'estes ultimos vinte annos. A cosinha tornou-se a ante-camara da sepultura. As intoxicações, causadas pelas especiarias, sobre-excedem a mortandade feita pelo verdête, pelos fósforos e pelo acido prussico.

Ora é de saber que as mães d'estas meninas apenas aprenderam o necessario de leitura e escripta para sustentar uma correspondencia honesta e parcimoniosa com os sujeitos adquados ao intento licito da familia e da procreação. De espirito não consummiam coisa que lhes fizesse falta no corpo. A naturesa florecia e fructificava desempedidamente. Póde ser que a mulher ignorasse a fórma do globo e a situação geographica da Abissinia; mas, em compensação, o rosado das faces e o alabastrino

dos hombros pareciam estar pedindo azas para disputar formosura a uns anjos que vos encantam por entre as folhagens e festões dourados das cathedraes. Rasoavel ignorancia e solida nutrição explicam a robustez d'aquella donosa pleiade de cherubins portuenses que levavam os olhos do forasteiro. Homem de Lisboa, que entrasse no theatro de S. João, recordava-se de S. Carlos como quem se lembra de ter visto aquellas almas brancas e lividas das formidaveis visões do florentino; ao mesmo passo que os rostos carminados das filhas do norte realisavam o mais vivaz colorido do pincel flamengo.

Pois saibam que vae volatisar se da terra portugueza essa raça de mulheres que nossos filhos já não hão de vêr. Eu não deploro este desapparecimento sómente por que me sinto levado na corrente em que derivam as graças plasticas do meu tempo: esse egoismo não cabe na minha alma. Lamento, sobre tudo, a sorte dos meus netos, se elles tiverem bastante espirito para se não contentarem com o amor dos puros espiritos. Volvidos cincoenta annos, n'este andar, se a mulher assim continua a subtilisar-se, a conservação da especie não me parece provavel. A meu vêr, o fim do mundo está-se annunciando na delgadeza, seccura e descarnamento da femea. Virá uma geração em que mulher e homem se defrontem, não já para se quererem e amarem, senão para discutirem egualdade de direitos entre espirito e espirito, entre osso e osso. Chegado o genero humano a essa extremidade, acabou-se este globo, que me parece ser o mais ordinario de todos.

Não era, todavia, assim quando existiam mulhe-

res como a do brasileiro Hermenegildo Fialho Barrosas.

Alta e refeita; cabellos castanhos; testa larga e escantuda; sobrolhos pretos; palpebras amortecidas com aquelle doce cançasso do somno irresistivel; faces que as rosas não deixam ser trigueiras, mas que um primoroso apreciador do bello desejaria menos carminadas; beiços arqueados pelo molde da pequena bocca, ainda pequena quando o riso mostra o esmalte dos dentes; pescoço alto, quebrando em ondulações de jaspe e torneios de espaduas e n'outras ondulações que o cantor das Ilhas dos Amores sabia descrever lindamente colhendo nos pomares as suas graciosas analogias: tal era Angela. Tal era?! Que presumpção! Quem soube ahi descrever uma bellesa mediana por maneira que vingasse retratal-a no espirito do leitor? E que direi da mulher que, á feição de Angela, sobrelevava ás de mais graças o realce d'um suavissimo colorido de candidez em que transluzia alma sublimada e cheia de poeticas tristezas!

Que admira, pois, que o administrador do bairro cortejasse com affavel sombra a esposa de Fialho, sendo que, já de antemão, propendia a protegel-a das iras um tanto brutas do mazorral marido?

— Minha senhora — disse elle, mandando retirar os circumstantes, menos a criada — Seu marido accusa esta mulher de lhe haver roubado uns brilhantes...

— Meu marido engana-se — interrompeu Angela — Os brilhantes, que a minha criada vendeu, fui eu quem os mandou vender.

— Mas a sua criada confessou ter sido ella quem...

— Já sei que ella confessou; mas não creia vossa senhoria senão o que eu lhe digo Esta mulher está innocente. Póde vossa senhoria mandal-a embora sem receio, que estou prompta a declarar por escripto que mandei vender os brilhantes da minha pulseira.

O funccionario sentia sinceramente não ter mais que fazer n'este lance, em harmonia com o codigo administrativo. Quizera elle, com qualquer motivo judicial, prolongar a sua interferencia nos negocios domesticos da linda creatura; mas não lhe occorria coisa que lhe desculpasse a curiosidade, ou, mais exactamente, a fulminante ternura que o alvoraçara. Não obstante o acanhamento natural d'estas paixões de assalto, o bacharel, que não era já verde, e podia com a gravidade do aspecto honestar o intento, animou-se a entrar no mysterio dos brilhantes com a seguinte pergunta:

— Vossa excellencia tem bastante confiança no amor de seu marido?

Angela poz os brandos olhos no semblante do interrogador, silenciosa e desconfiada do intento de tal pergunta.

O administrador insistiu, esclarecendo:

— Pergunto eu, minha senhora, se provada a innocencia da sua criada, vossa excellencia conseguirá explicar a venda dos brilhantes sem irritar o genio de seu marido, motivando suspeitas...

Atalhou Angela:

— Mandei vender os brilhantes para fazer bem a uma pessoa infeliz.

O funccionario receava transpor muito além a balisa do seu officio, averiguando a especie de philantropia que uma esposa honesta escondia de seu marido; mas o peccado da curiosidade, desculpado pela bellesa da interrogada, esporeou-o até á indiscrição de perguntar-lhe:

— E essa pessoa infeliz é... é pessoa de quem seu marido possa... suspeitar... relações... menos louvaveis?...

Angela doeu-se, ou, mais ao certo, pareceu corrida da pergunta, córando, e baixando os olhos silenciosa.

O administrador não instou, já convencido da impuresa da caridade. Faltava solida base para tal juizo; mas a malicia humana, se algumas vezes infama, adivinha outras. D'esta vez, porém, o magistrado adivinhava apenas que n'aquelle mysterio o coração era grande parte.

— Bem — disse elle, violentando-se a respeitar o segredo alheio de sua alçada — O que tenho averiguado é que vossa excellencia mandou vender os seus brilhantes, e que a criada obedeceu ás ordens de sua ama.

— Certamente.

— Póde por tanto vossa excellencia retirar-se, quando quizer, e a sua criada tambem. E estimarei — ajuntou elle com intencional mas delicada ironia — que vossa excellencia comsiga conciliar á sua boa acção a complacencia do sr. Fialho.

Deu ares de o não perceber a pallida esposa do brasileiro. Erguueu-se, e sahiu. A criada, limpando as lagrimas, acompanhou-a.

VI

Amigos do seu amigo

Já Hermenegildo Fialho estava afflicto com a demora dos tres parlamentarios enviados á esposa. Não cuidava elle que Angela comparecesse na policia, ou se havia esquecido de ter concordado com a authoridade sobre a urgencia da acareação entre ama e criada.

A impaciencia dava-lhe empurrões. Cahia aquelle sujeito sobre as molas das othomanas flacidas e fazia ringir os aços. Resaltava com pasmosos saltos d'um coxim para outro, e parecia tentar um suicidio por despejo da janella á calçada dos Clerigos, quando enxergou na Praça-nova Joaquim Antonio Bernardo, Pantaleão Mendes e Athanasio José da Silva.

Os solicitadores da honra de Fialho caminhavam á pressa e com ar de embezerrados. O brasileiro pregara os olhos n'elles, a vêr se lhes lia alguma coisa nas physionomias, cá do segundo andar onde

os outros lhe viam a cara grande e escarlate como a lua dos theatros.

— O homem dá-lhe ataque apopletico! — disse Athanasio a Pantaleão.

— Asno será elle se lhe der algum ataque! — observou Joaquim Antonio, empregando a grammatica e a phylosophia do seu uso.

— Qual ataque nem qual diabo! — corroborou Pantaleão Mendes — Um homem é um homem, sabe você, amigo Athanasio? E mulheres não faltam, physica e moralmente fallando. Haja dinheiro e saude: o mais, regalorio!

— Pois sim — redarguiu Athanasio, quando subiam a escada —; mas você não se vá pôr a dizer isto nem aquillo da mulher, percebe você? Conte o que se passou, e deixe obrar a naturesa.

— Não me dê conselhos... — resmuneou Pantaleão — Deixe o negocio por minha conta; que a honra dos meus amigos é como se fosse a minha.

Hermenegildo estava no tôpo da escada com os braços em cruz no costado, e o queixo debaixo cahido e apoiado sobre o papo dos bócios.

— Então que ha? — perguntou elle esgazeando pelas caras homogeneas dos tres um relance d'olhos penetrante.

— Vamos conversar — respondeu Pantaleão, levando-o de braço dado para a sala.

— Vocês tardaram tanto! — volveu o brasileiro.

— Estivemos á espera que a sua mulher se despachasse lá da policia; depois, palavra pucha palavra, e deitou-nos a conferencia a esta hora — explicou Athanasio, encarregando Pantaleão, por um gesto

de cabeça, de ser o relator dos casos acontecidos.

O qual tirou do interior umas palavras, cortadas por pausas que davam á narrativa uns toques de seriedade, prejudicando a indole ridicula da scena.

— Senhor compadre — disse o marido de Francisca Ruiva. — Sua mulher não estava em casa; aqui o amigo Joquim foi-lhe na piugada, e soubemos que ella tinha sido chamada á presença do administrador. Esperamos uma hora e pico. N'isto chegou ella a mais a criada. Estavamos sentados no banco do pateo, quando sua mulher deu comnosco, e fez-se amarella como esse colete que você traz vestido. Erguemo-nos, fizemos lhe as nossas cortezias, e disse eu que lhe queriamos uma palavrinha em particular. Mandou-nos subir, e chamou para dentro que nos abrissem a sala de visitas. Entrámos, e d'ahi a pouco chegou ella, assim com modos de quem se não importava muito comnosco. Sentou-se, e perguntou o que queriamos; não foi isto, amigo Athanasio?

— Tal e qual; é como você diz.

— Eu tomei a palavra, e disse que o meu honrado compadre e amigo velho Hermenegildo Fialho Barrosas nos mandara os tres afim de averiguar a quem a senhora D. Angela deu um conto seiscentos e cincoenta mil réis de esmola. E vae ella esteve um quasi nadá a pensar, e respondeu que me não dizia a mim nem a ninguem o que não tinha dito a seu homem, entende o amigo? Depois, aqui o nosso Athanasio tomou a palavra, e começou-lhe a dar práqui-prácolá, porque torna e deixa, a senhora deve confessar o que fez ao dinheiro, quem lh'o apanhou,

que qualidade de pessoa era; porque as mulheres não podem dispor assim dos capitaes dos seus homens, aliás ninguem póde contar com o que é seu; e de mais a mais dar um conto seiscentos e cincoenta mil réis sem dizer a quem, era caso para desconfiar de certas coisas muito feias, etc. etc. etc. Emfim, o amigo Athanasio batalhou com ella, apertou-a por todos os lados, mas respondeu você, compadre? não respondeu? nem ella! Vae depois, o amigo Joaquim fallou tambem com toda a prudencia e cortezia, discorrendo a respeito da honra d'um homem, e tambem não fez nada. Emfim, como ella estivesse a ouvir sem responder uma nem duas, eu tomei a palavra, e disse que o senhor seu marido lhe ordenava que se recolhesse sem perda de tempo a um convento. Agora é que são ellas! — proseguiu Pantaleão Mendes batendo nas proprias pernas duas palmadas que soaram como se as ponderosas mãos batessem nas pernas d'um Cileno de pedra. — Que cuida você, compadre, que ella respondeu?! Que...

— Que não ia! — atalhou o brasileiro, careteando com olhos e bocca e nariz uma temerosa carranca de colera.

— Isso mesmo! — conclamaram os tres.

— «Não vou» — accrescentou o relator — «não vou para convento» disse ella. E disse mais: «meu marido tomou conta das joias que eram de minha mãe; que fique lá com o dinheiro dos brilhantes, e que me mande o resto; se quizer mandar; se não quizer, que fique com tudo. Convento é que não.» Ha de ir! gritei eu; ha de ir, que seu marido é quem governa na senhora. «Não vou» teimou ella.

Então que quer a senhora fazer, se o seu homem a deixar, sem comer, nem beber, nem casa?— «Trabalharei para viver; e, se morrer de fome, Deus me dará o céo, porque morrerei honrada e innocente.» — Foi o que ella disse, e nós quedamos a olhar uns p'ros os outros. Disse-lhe então o amigo Athanasio que dissesse a quem deu o dinheiro, se estava honrada e innocente.

— E vae ella... — accudiu o brasileiro anciadamente.

— Respondeu que só se confessava a Deus, que sabia a pureza do seu coração. Não foi isto, sr. Athanasio?

— Sem tirar nem pôr.

— Tornei a fazer-lhe outra predica — proseguiu Pantaleão. — Disse-lhe tudo quanto me lembrou em termos commedidos, não sei se me entende? Não acreditei que ella fosse honrada nem innocente por varias rasões. Ouviu-me tudo com má cara, e pozse de pé, e disse que, se lhe não queriamos mais nada, que podiamos ir á nossa vida. Veja você que atrevida má-creação a da tal senhora! Impôr d'este modo tres amigos de seu marido, que iam alli tratar d'um negocio muito serio! Coisa assim nunca me aconteceu na minha vida; e só pela honra d'um amigo velho é que se póde tragar d'estes bocados! A' vista d'isto, a nossa commissão estava acabada. Não tinhamos que fazer alli. Pegámos nos chapéos e nas bengalas, e sahimos. Aqui tem o acontecido. Você fará o que quizer, compadre.

Hermenegildo começou a passear na sala, jogando de braços por maneira que parecia ensaiar-se

com elles para esvoaçar. Os amigos contemplavam-no com umas caras tristes, quando um criado entrou com uma bandeja, na qual transparecia em christaes a opala de antiquissimos vinhos, lardeados de marmelada, e outras fructas assucaradas que negaceavam o apetite. O bisarro dono da casa convidou os quatro attribulados a honrarem a sua garrafeira, e sem esforço obteve que todos, excepto Fialho, rebatessem os impetos da sua angustia com alguns tragos de licor que investe os animos de força reagente, e infunde stoicismo nas mais sandias almas.

— Compadre, beba d'este — disse Athanasio sobpondo ao nariz do amigo afflicto o calix aromatico.

— Tire isso p'ra lá ! — refusou Fialho, sacudindo a cabeça, e fechando os olhos, talvez, á tentação.— E resmuneou, entre tragico e comico :

— Se fosse veneno, mettia-o no corpo...

— Não seja asno ! — accudiu com hombridade Joaquim Antonio Bernardo — pois você ainda está n'essa — Matar-se por causa de mulheres ! Está a ler o nosso homem ! — ajuntou o marido da maiata, gargalhando com applauso dos circumstantes que bascolejavam o vinho e o riso entre as mandibulas. — Ingula esse nó que tem nas goelas, e beba, amigo Fialho ! Mulheres !... Com que então você, com amigos e fortuna, era capaz de tomar veneno p'rámor d'uma desaustinada de mulher que se portou mal ! Ella que se mate, se quizer ; e você viva regaladamente com cento e noventa contos que tem. Faça de conta que ella morreu, e trate de arranjar outra...

— Ou duas, que é melhor — emendou Athanasio.

— Ou tres que é mais peitoral — ampliou Pantaleão, pondo a mão suavemente nos gorgomilos por onde ia passando um damasco.

— O dono da casa, invejoso do espirito dos seus amigos, accrescentou:

— Quatro, quatro, para não ser pernão... O dado é sete femeas para cada macho.

— Macho será você! — replicou Athanasio com a boca a disbordar de marmelada.

Eis aqui o caixilho luctuoso em que incuadrava a agonia de Hermenegildo. Por pouco não descambava em orgia o tribunal de homens congregados para julgar a deshonra de Angela, e salvar a dignidade do marido. Fallavam todos a um tempo, alvitrando planos tendentes a evitar que a esposa infiel tivesse parte nos haveres do brasileiro. Para poder entrar n'esta secção importante com inergia, Fialho sopeteou duas bolachas americanas n'um calix do de 1806, e poz a mão instinctivamente no bucho aquecido, e capaz de competir em calor com o coração visinho. Os amigos, fazendo-o beber segundo calix, applaudiam o seu triumpho, e juravam que, ao terceiro, a honra do seu amigo ficaria lavada como as goelas.

Apoz longos debates, em que todos fallavam á mistura, convieram em que Fialho, como commerciante que era, se obrigasse por escriptura a dividas excedentes ao valor dos seus bens immoveis. e desde logo alienasse os titulos bancarios, e se cozesse com o dinheiro. A soberana rasão que poz os

cinco alvitristas n'este accordo, deve-se a Athanasio, o qual raciocinara d'esta laia:

— Amigo e compadre Fialho, não ha que duvidar: sua mulher tem homem a quem deu o dinheiro. Este homem hade aconselhal-a a separar-se de você para se dividirem os bens, percebe você? Se você os tiver, que remedio ha senão repartil-os. O maior logro e castigo que você póde pregar a ella e mais ao patife é não ter nada que repartir? Eim?

A resposta geral foi um brado unisono. E logo, no afogo do enthusiasmo, sacrificaram a quarta garrafa e uma bandeja de pasteis de Santa Clara.

— Mas, se ella não quizer sahir de casa? — perguntou Barrosas, acalmado o barulho.

— Você já não tem casa. A sua casa está vendida. Um de nós, quando o compadre quizer, vae tomar posse, e sua mulher recebe intimação judicial para despejo, percebe você? — respondeu enfaticamente Athanasio.

— Diz você bem, compadre — obtemperou Fialho — que eu tenho procuração d'ella em branco. Faz-se escriptura da venda da casa. E n'esse caso é preciso avisal-a que se mude quanto antes. Vamos vêr se ella sahe ao bem.

— Duvido; — atalhou Joaquim Antonio Bernardo — aquillo é mulher finoria e soberba. Sem ser por justiça, não a põe o amigo fóra de casa.

Continuaram debatendo questões juridicas ao proposito, em que as sandices se disputavam primasia, até que, chegada a hora de jantar, Hermenegildo foi hospedar-se em casa do compadre, reservando para a reunião do dia seguinte o plano definitivo.

VII

Revelações comicas

A's onze da noite d'aquelle dia, Hermenegildo Fialho rebolava-se no enxergão de pennas, e gemia uns gemidos que soavam como regougo de raposa. A comadre foi escutal-o á porta, e veio dizer ao marido que o compadre estava a gemer de saudades da indigna mulher. Ageitou-se á esposa escandalisada boa occasião de cortar nas mulheres desleaes; o marido, porém, que tinha, ás vezes, conscienciosas brutalidades, tapou-lhe os respiradoiros da ira, murmurando:

— Calla-te, calla-te; e não me cantes trêtas a mim...

A esposa incolheu-se, odiou mais do intimo o marido, e gosou o nectar dos deuses, o prazer da vingança antecipada, e a prelibação da vingança porvir. Ah! Athanasios, Athanasios!...

Ergueu-se o verdugo de caixeiros deshonestos. (Veja o cap. III) e foi ao quarto do hospede.

— Que tem, compadre? — perguntou elle — Não póde dormir? Estranha a cama, ou que é?

— E' uma dôr de barriga — respondeu o triste, apanhando nas mãos a parte dorida, e acocorando-se — Fez-me mal o empadão das ôstras. Dá-me você um bocado de Hollanda, a vêr se esmôo este diabo de marisco?

Fialho sugou na botija, e d'ahi a pouco tinha esmoido o empadão, e rebentava-lhe tanta saude pela cara fóra que parecia desafiar todas as ôstras do sr. Bocage a perturbar-lhe o somno.

Mas o compadre, sentando-se-lhe na cama, perguntou:

— Quer você cavaco? Ainda agora deram as onze.

— Vá lá; vamos conversar, que eu estou espertinado.

— Você nunca desconfiou de sua mulher?

— Eu nunca.

— Não ia lá por casa ninguem...

— Nem alma viva, a não ser a costureira. Visitas foi coisa que nunca me entraram das portas p'ra dentro, afóra você e mais a sua patrôa.

— Mas no theatro...

— Theatro! tó-carocha! foi logar onde nunca a levei...

— E na missa?

— Missa!... não era moda lá em minha casa... Você bem sabe que a gente lá no Brasil perde o pêllo. Logo que casei disse-lhe que isto de missa era uma historia. Ella ao principio ficou estarrecida: mas foi-se afazendo. Comprei-lhe um oratorio

e dei-lh'o p'ra que resasse em casa, se quizesse. E o caso é que ella e mais a criada, aos domingos, fechavam-se no quarto duas horas a resar ladainhas. Ora fiem-se lá nas mulheres resadeiras!... Olhe você, compadre, se a religião não é uma patranha!

— Patranha! e que grande patranha!

— A sua mulher resa?

— Nem se sabe benzer, acho eu.

— Faz ella muito bem; mas vae á missa dos Congregados ao meio dia, que eu já a tenho visto entrar na egreja.

— Vae por dar um passeio, e mais os pequenos, percebe você? Ora diga-me cá, compadre — continuou o previsto Athanasio sem dar logar a que o hospede averiguasse coisas tendentes a provar que a mulher do seu amigo conciliava a pureza dos costumes com a ignorancia do signal da cruz — eu ouvi dizer, e sei com certeza, que você tinha seus amores fóra de casa. Nunca lhe perguntei nada a tal respeito por se não offerecer occasião; mas eu sei que você tinha em S. Roque da Lameira uma moçoila da sua terra, chamada Rosa; e outra na sua quinta da Cruz da Regateira, chamada Benedicta.

— Não lhe mentiram. Confesso o meu peccado; mas dou-lhe a rasão. Minha mulher não me tinha amor de casta nenhuma. Tratava-me como se trata um tio. Entrava e sahia a semana sem me dar um beijo, nem se lhe importava que eu comesse ou não comesse. Você sabe que eu sou atreito a molestia de figado, e que só me sinto alliviado com papas de linhaça; pois ella mandava-me pôr as cataplasmas pelo galêgo! Diga-me se uma boa esposa

consente que alguem ponha as cataplasmas em seu marido!... Um homem, quando anda pelos cincoenta, precisa ser affagado, não é verdade?... E p'ra isso é que eu me casei com uma rapariga pobre, apesar de ser fidalga, formando tenção de a deixar rica. Imagine você que ella nunca me fez um carinho. A' minha beira estava sempre triste como a noite. Nunca se ria de chalaça que eu lhe dissesse; e depois que eu me deitava ficava ella duas horas a costurar, mais duas horas a resar, e via-se mesmo que me aborrecia. Aqui tem você a rasão por que eu trouxe da minha terra duas raparigas boas e bonitas que me amam com todo o affecto, e choram, quando se passam tres dias sem eu lá ir.

— E sua mulher desconfiava?

— Sabia tudo, por que um brejeiro d'um caixeiro, que eu puz fóra, lh'o mandou contar n'uma carta.

— E ella que fez?

— Deu-me a carta, e disse que não tornasse a fazer os meus caixeiros sabedores dos meus desvarios.

— E não se zangou!?

— Nada.

— Ora essa!...

— Pois se ella não me tinha amor nenhum!... Você não intendeu ainda?

— Agora percebo... Mais uma rasão para termos a certesa de que ella fazia outro tanto.

— Pois isso é claro como a luz que nos está alumiando... Chegue-me d'ahi a genebra, que estou com azia.

O brasileiro embocou a botija, gorgolejou tres bons tragos, e proseguiu:

— Se ella me tivesse amor, fazia o diabo em casa, logo que soubesse das minhas asneiras, não é verdade? Pois nunca me jogou a mais pequena chalaça a tal respeito!...

— Então não ha que duvidar:—evidenciou Athanasio Mendes—sua mulher tinha com quem se distrahir; e agora percebo eu como é que ella está innocente. Quer dizer na sua que está tão innocente como você, seu maganão!

Athanasio riu-se do chiste do proprio remoque.

— Pois sim — reflectiu judiciosamente Fialho — mas você bem sabe que nós, os homens, não somos mulheres. Ellas tem outra casta de obrigações. Se a mulher fôr egual ao marido, então não ha honra nem vergonha n'este mundo, não acha?

— Diz bem, compadre; mas é que ellas abusam do exemplo que os homens dão, percebe você?

— Isso tambem é verdade—concordou Hermenegildo, fechando o olho esquerdo.

— Você parece que quer dormir...—notou o hospede.

— Sim, elle agora parece que chega—resmungou Fialho, fechando o olho direito.

Minutos depois, esta victima deploravel da perversão dos costumes... roncava.

VIII

Revelações tristes

A'quella hora alta da noite, Angela, ajoelhada diante do sanctuario, pedia á Virgem que lhe inspirasse o melhor meio de cumprir os seus deveres na apertada situação em que se via.

O ar innocente d'esta mulher que se ajoelha como infeliz sem culpa, deve tocar o animo de quem vae lendo isto, e já desde o começo do livro pende a desconfiar da virtude da esposa do brasileiro. E', pois, tempo de antepararmos da involuntaria aleivosia a mulher pura.

Na margem direita do Lima, ergue-se por entre arvores seculares o antiquissimo paço de Gondar, cujo decimo oitavo senhor, no tempo da invasão franceza, era Simão de Noronha Barbosa, capitão de cavallaria, gentil e valente, em annos florentissimos.

Ainda não tinha dezeseis quando amou a filha de um seu caseiro, com quem queria casar se. Os parentes e o tutor debalde lhe anteposeram os estor-

vos da lei e ainda ordens expressas da regencia. A mulher humilde chegou a ser-lhe arrebatada e presa; mas a passagem da onda revolucionaria socavou as portas ferradas da cadeia de Ponte do Lima, e remeçou-lhe aos braços a formosa encarcerada. Certo general de Napoleão mandou a um vigario que os casasse em sua presença, e galardoou assim a devoção, talvez forçada, do capitão portuguez ao leão de Austerlitz.

Simão de Noronha foi ferido mortalmente no recontro de Amarante. A esposa, que o acompanhava, quando o viu acutilado e muribundo entre as garras dos patriotas, que cevavam suas iras mais encarniçadamente nos jacobinos, morreu de puro terror, suffocada por um golpho de sangue. Era uma fidalga alma a d'aquella filha do povo!

A piedade d'alguns populares salvou o capitão de ser arrastado nas ruas de Amarante.

Apoz seis mezes de curativo, recolheu-se ao seu paço de Gondar, e levou comsigo o esqueleto mal escarnado de sua mulher. Dias depois, entrou n'um mosteiro, e amortalhou-se no habito de noviço benedictino.

Antes, porém, de findo o noviciado, Simão viu casualmente sua prima D. Maria d'Antas. Era uma senhora de formosura rara. Não direi que o rasgar o noviço o habito fosse um preito digno d'esta notavel dama; nem me espantaria que toda a congregação benedictina despisse as tunicas, e os frades se esmurraçassem por amor d'ella. Mulheres assim aluiriam conventos, se lhes fosse consentido visitar os primos. Por um de seus cabellos arrastariam

communidades, e, d'um volver d'olhos, consummariam a empresa que não bastaram seculos a vingar.

D. Maria d'Antas, filha d'um desembargador da supplicação, trouxera de Lisboa, aos vinte e cinco annos, o coração já derrancado. Os seus costumes e manhas não edificavam ninguem; mas indoudeciam os mais guapos e galhardos fidalgos do Alto Minho. Além de bella e palavrosa, a fidalga d'Antas era guapa cavalleira, monteava lobos, matava patos bravos, e tinha de mulher, apenas, a cara que ficaria bem n'um anjo, e as fraquesas que venceriam a rebeldia dos demonios.

Simão de Noronha, em 1812, já morava no seu solar das margens do Lima. O esqueleto da esposa e o habito de noviço eram apenas umas lembranças de infortunios remotos. A casa ameiada de Gondar recebia a luz e os aromas das primaveras novas pelas rasgadas janellas onde, ás vezes, apparecia uma mulher alta vestida de branco. Era D. Maria d'Antas, não já esposa, mas prima, titulo respeitavel com que ambos se abroquellavam da infamação. E', porém, de notar que nenhum se preoccupava dos rumores publicos ácerca d'aquelle viverem sós e desligados d'outros parentes sob o mesmo tecto.

Devolvidos oito annos, a calumnia já tinha mais onde morder. Maria d'Antas, sem pejo nem resguardo, apparecia com uma creança d'um anno nos braços.

Mas esta creança, antes de prefazer dois annos, ficou sem mãe. As janellas do paço de Gondar fecharam-se outra vez. Simão de Noronha desap-

pareceu, emquanto na egreja parochial se entoavam os responsos á volta da eça de D. Maria. A creança foi levada a Vianna, onde vivia casada uma irmã do fidalgo. E o espanto geral dos visinhos não desistiu de cavar na sepultura da formosa desvairada até descobrir que ella, n'uma vertigem de ciume, fôra estrangulada. Isto de cavar na campa da morta vem aqui figuradamente. Ninguem profanou a sepultura de D. Maria. O caso execrando soube-se quando um morgado dos Arcos de Val de Vez contou aos seus amigos, não sem fatuidade, que Simão de Noronha matara sua prima, instantes depois que encontrára entre moitas de roseiras um punhal com a firma d'elle revelador, que tambem era primo. Ora este punhal lhe saltara da algibeira da véstia castelhana, quando o fugitivo pulava da janella ao jardim. [1]

Doze annos depois, Simão de Noronha desembarcava no Mindêllo com a patente de coronel. Quarenta e seis annos teria : mas apresentava adiantada velhice.

Finda a guerra e reformado em general, o senhor de Gondar foi viver no seu arruinado palacete de Ponte do Lima, e não voltou á casa solarenga.

De longe a longe, parava á porta do general uma

---

[1] As miudesas referidas vão quasi textualmente trasladadas d'uma ementa marginal escripta n'um livro de genealogias, que principia nos reis de Cordova e termina em Simão de Noronha Barbosa, 18.º senhor do Paço de Gondar. Os que despresam os manuscriptos genealogicos atiram fóra o melhor oiro da historia civil, politica e rellgiosa da nossa terra.

liteira, d'onde apeava, juntamente com sua criada já edosa, uma menina que contaria entre quatorze e dezeseis annos. As pessoas, que tinham conhecido D. Maria d'Antas, decidiram logo que a bella hospeda do general era filha d'aquella mallograda dama e de Simão de Noronha. De feito, era a creança que treze annos antes havia, talvez, sido arrebatada dos braços de sua mãe, pela mão que lhe afogara o nome no sangue da garganta.

Era Angela.

Demorava-se a hospeda um dia em Ponte do Lima, e voltava com sua criada, para Vianna, onde residia querida extremosamente da irmã de seu pae.

O general não dava nem recebia caricias. A presença da filha não descondensava de sobra a alma d'elle as trevas da consciencia que lhe escurentavam tudo. A's vezes quedava-se a contemplar Angela largo espaço. Marejavam-se-lhe os olhos, e afundavam-se-lhe as rugas da fronte. E' que via Maria d'Antas na filha, e em si o algoz. Depois, affastava-se d'ella carrancudo e desabrido; por maneira que Angela não visitava seu pae sem ser compellida. Cobrara-lhe medo antes de sentir no coração a ternura de filha.

E a do general por ella raros instantes entreluzia nas sombras do rosto carregado. De natural um tanto selvagem, peorado por infortunios que endurecem a condição, o sr. de Gondar parecia-se com todos os paes que não viram crescer hora a hora os filhos, tanto mais entranhados n'alma quanto lá pungiu o susto de os perder. Deixar uma filha com

dois mezes, e volver a tel-a de quatorze annos, é como adoptar uma creatura d'outrem, é ter perdido o direito á consolação de amar ardentemente o ser que se formou ao calor dos nossos beijos. N'esta compensação entra beneficio de Deus: a não ser assim, bastaria o sangue para encher de subito amor o coração. O sangue! Retrocede cem annos quem faz conta do sangue — o extracto util do bolo alimentar — no vinculo espiritual de pae e filho, alliança sacratissima, que se faz de lagrimas e não de sangue.

Angela, já suposta herdeira do general Noronha, era amada em dobro: formosa e rica. Amavam-na, pediam-na uns morgados que ella nunca tinha visto nem conhecido de nome. As solicitações por escripta ao mysantropo velho não recebiam resposta. Ninguem ousava dirigir-se em pessoa a um homem que dizia aos criados: «não conheço ninguem».

D. Beatriz, a irmã do general, tinha sido a medianeira dos primeiros pretendentes. O pae de Angela, no proposito de cortar futuras negociações, ordenou seccamente a sua irmã que mudasse Angela para a companhia d'outra tia professa nas benedictinas de Vianna, se a não queria solteira em sua casa.

E Angela abençoava a resistencia do pae. Não conhecia uns, e não amava nenhum dos fidalgos que tres seculos antes porfiariam em merecel-a acutilando-se reciprocamente. Os mais destros e insoffridos o que faziam era chover cartas de empenho a D. Beatriz de Noronha, e presentes ao egresso confessor d'aquella distincta beata.

Temos, portanto, donzella invulneravel? Angela desmentirá a exhuberante sensibilidade de sua mãe? Ou, namorada das visões beatificas do christianismo, suspira pela soledade do senobio?

Muito longe d'isto, e muito a dentro das raias da naturesa humana estava a peregrina Angela.

IX

Amores fataes

Amava um que se habituara a contemplal-a como o espirito devoto contempla uma esculptura da Virgem Maria, e com respeitoso temor imagina que os olhos da imagem fixos nos seus tem raios de luz viva e transluzem amor e misericordia do coração divino.

Era um estudante que se habilitava para cursar a escola medico-cirurgica do Porto. Era cunhado do mercieiro que provia a casa de D. Beatriz. Era irmão da mulher que costurava os vestidos das fidalgas, e ensinara a bordar D. Angela. Chamava-se, curta e plebeamente. Francisco José da Costa, e sabia que seu avô paterno tinha sido carpinteiro, e seu avô materno cosinheiro de um hiate.

Ora um homem assim «mal-nascido» alguma joia devia trazer preciosa dos inexauriveis thesouros de Deus. Se nos elle sahir bom e honrado coração, desculparemos a baixeza de instinctos com que nos alvorece Angela no seu primeiro amor.

A innocente não se escondia de D. Beatriz. Ensina a experiencia que a candura e a indiscrição andam muito intimas. A innocencia hombrea com a inepcia. Não póde uma menina amar innocentemente senão as suas bonecas. Amores d'outra especie, desajudados de espertesa e finura, desfecham em escandalo ou sandice.

D. Beatriz, devotissima de S. José que carpintejava, de S. Pedro que pescava, e de S. Marcos que mesinhava enfermos, e de S. Lucas que pintava, e de S. Matheus, cobrador de impostos, e de S. Cassiano, mestre-escola, e de S. Theodoto, taverneiro — christã a extremos de lavar os pés aos pobres em quinta feira santa, — transiu-se de horror frio quando teve a denuncia de que sua sobrinha amava o irmão da Joanna Costa. A denuncia vinha justificada com uma carta d'elle, significativa de não ser a primeira, nem talvez a decima: porque o tratamento dado a uma filha de Simão de Noronha e de D. Maria d'Antas era... um *tu!*

D. Beatriz poz as mãos convulsas nos olhos quando leu *tu* na primeira linha, *tu* a primeira syllaba da carta, uma entrada assim suja e escandalosa n'uma missiva de caderno numerado d'uma a dez paginas! E não leu mais do que aquelle *tu*, porque em seguida apanhou-lhe o flato as potencias da alma, e ella ficou a escabujar tão sómente com a potencia de braços e pernas.

Angela accudiu; Victorina, aquella criada que o leitor já conhece, lá estava, e nas mãos d'esta, a carta.

— Veja isto, menina, veja isto! — murmurou Vic-

torina — tanto lhe pedi que não lhe escrevesse...

Angela sumiu a carta no seio, e tomou nos braços a tia. Chamou-a, beijou-a, pediu lhe perdão, debulhou-se em lagrimas, e deu graças a Deus quando a velha mandou fazer uma infusão de herva cidreira para applacar a tempestade dos nervos.

Depois do quê, D. Beatriz obrigou a sobrinha a contar-lhe pelo miudo a origem da sua correspondencia com o irmão da costureira. Via-se a menina inleiada para referir o mais singelo da historia que era a origem; mas a velha insistia em perguntar:

— Como foi o principio d'isso?

— O principio... foi... foi... eu vêl-o... — respondeu Angela muito apertada.

Este começar a historia d'um primeiro e talvez eterno amor tem a sublimidade simples da origem do universo, referida por Moysés: «No principio era o Verbo»; com a differença que o principiar de Angela entende-se melhor.

— Então tu... — objectou a tia entre ironica e severa — viste-o, olhaste para elle, e mais nada... ficaste apaixonada!... Com effeito!... Eu ainda não me infirmei bem na cara d'esse sarrafaçal; mas, pela idéa que tenho, elle tem uma figura muito réles! Tu não sabias — continuou D. Beatriz espiritando-se com uma pitada de vinagrinho — não sabias que elle é irmão da Joanna, e cunhado do Zé tendeiro? e que o pae d'elle era sacristão da Senhora da Agonia, e que a mãe trabalhava com os bilros? Sabias isto?

— Sabia...

— Sabias?! quem t'o disse?

— Foi elle.

— Foi elle mesmo?! o tal Francisco?

— Sim, minha senhora.

— Então tu fallavas-lhe?

— Não, minha senhora... Escrevia-me elle.

— E contou-te de quem era filho!... É extraordinaria a sinceridade!... E para que fim te contava elle essas coisas que deviam fazer-te cahir na rasão da tua indigna escôlha?

— Contava-me estas coisas para que ninguem m'as contasse antes d'elle.

— Então o rapazola tinha orgulho em ser filho do sacristão?... Bem sei... são as idéas que cá trouxe a liberdade... Deus perdôe a teu pae, que tambem ajudou a fazer gente os netos dos carpinteiros e dos cosinheiros dos hiates... Oxalá que elle não pague... Vamos ao caso... E tu, apesar do Francisco da Joanna te dizer quem era, não mudaste de idéa?

— Não, minha senhora...

— Continuavas a querer-lhe...

— Sim, minha tia.

— E com que fim? querias casar com elle?

— Se me deixassem, casaria.

— Ora não sejas infame! — bradou a tia, cerrando os punhos, e resfolegando tão irada que o tabaco lhe espirrava em granizo das ventas arquejantes — não sejas infame, Angela! — repetiu ella, resistindo ao flato que já lhe emperrava a lingua — Não és minha sobrinha, não és filha de Simão de Noronha... De Maria d'Antas creio eu bem que sejas filha...

A ultima especie do insulto foi vociferada com rancoroso sarcasmo: Angela não o percebeu.

— Com que então, se te deixassem, casarias com o cunhado do Zé tendeiro!... repetiu a velha acentuando com crispações de riso asperrimo aquelle *Zé*, elidindo a primeira syllaba para engrandecer a ignominia do nome.

Angela ouvia em silencio e lagrimosa as invectivas da velha, cortadas de frouxos nervosos. De subito, D. Beatriz, circumvagando pelo sobrado o olho direito armado da luneta, exclamou:

— Que é da carta, que eu tinha aqui? Que é da carta?

— Aqui está — disse mansamente Angela, apresentando-lh'a.

— Querias lêl-a, não é assim?! — gritou a velha, tirando-lh'a da mão com arremeço — Vae perguntar á criada que m'a trouxe se ella quereria casar com o Francisco da Joanna...

E, abrindo a em tremuras de raiva, pôz a luneta, e bradou:

— *Tu!*... Olha isto, filha de Simão de Noronha! *Tu*... O neto do cosinheiro dá *tu* á filha do decimo oitavo senhor do paço de Gondar!... Não te envergonhas, Angela!... Consentiste em semelhante insulto a tua mãe, que era das mais distinctas familias de Portugal?[1]

---

[1] O auctor já deu noticia d'um manuscripto genealogico da familia d'Antas, escripto por um garfo infeliz d'este illustre tronco. Eram quinze ou dezeseis os monarchas apparentados com esta familia. Veja-se o livro intitulado *Coisas leves e pesadas*.

Como a filha de Maria d'Antas não respondesse, D. Beatriz gesticulou d'hombros e cabeça em ar de assombrada, repoz a luneta no olho fundo e mirrado, e leu mentalmente, fazendo esgares com os queixos, ao passo que um novo *tu* lhe descompunha o apparelho nervoso. Muito é, porém, de notar-se que da leitura da segunda pagina em diante o rosto da velha denotava espanto sem ira, sem carrancas, sem intermittencias de suspiros e ais. Um periodo especialmente a impressionou de feição que voltou terceira vez a lêl-o, compassando o intendimento de cada phrase com um gesto affirmativo de cabeça. A passagem dizia assim:

«Não nos illudamos, minha bôa amiga. Póde ser «que Deus aproximasse as nossas almas; póde ser «mas, se ellas houverem de se encontrar e unir, hade «ser na presença de quem as creou,—no céo. N'este «mundo, é impossivel; e, se fosse possivel, a so«ciedade te obrigaria a chorar rios de lagrimas, e «eu mesmo chegaria a sentir o tormento do remorso «por ter assassinado as alegrias do teu destino, e «destruido as modestas aspirações do meu. Desde «que comecei a adorar o que em ti ha divino, nem «uma hora só entrou em minha alma o pensamento «de te vêr minha esposa. Era escusado que minha «boa irmã estivesse sempre a medir a distancia que «nos separa. Bem viste que eu t'a mostrei na se«gunda carta que te escrevi; e Deus sabe que eu «chorava quando parecia rir da humildade de meu «pae, que era um respeitavel velho muito pobre, «muito resignado, e muito feliz. A grande herança «que elle me deixou foi a certesa de que ha pobres

«felizes. Conheço que a minha mocidade já não vae «encaminhada pela trilha da de meu pae. Elle igno- «rava tudo, êxcepto os artigos da fé que atam as «tristesas transitorias d'esta vida aos eternos con- «tentamentos d'outra: eu estudo ha seis annos, «penso e afflijo-me em terriveis duvidas; e, se creio «n'alguma coisa santa, é porque comparo a felici- «dade de meu ignorante pae com as dolorosas in- «quietações do meu espirito. Mas a ti que importa «isto, minha adorada amiga? Que impertinentes «cartas te escrevo n'estas noites tão compridas e «veladas! E que pesar me fica se ellas te enfadam, «cuidando eu que tens lá tambem noites sem dor- «mir, e amisade bastante para acceitar as confiden- «cias do pobre solitario!...»

D. Beatriz deixou cahir o braço que sustinha o papel, desarmou o olho cansado, e perguntou:

— Elle é quem ditou isto?

— Isto quê, minha tia?

— Esta carta?... Não creio que elle saiba dizer estas coisas... Não póde ser... Alguem lhe faz as cartas... Nada... O Francisco da Joanna, com aquella cara de bruto que tem, não ideava assim umas idéas tão discretas. Aqui anda sancadilha armada á tua innocencia, Angela. Ha velhaco escondido n'este negocio! Sabes o que é, tola?... O rapaz pensa que te prende com a confissão da sua humildade. Pouco mais ou menos aconteceu isso comigo, quando eu era da tua edade; e mais o meu pretendente era um doutor, filho do juiz de fóra de Ponte. Tambem me veiu com estas cantigas da desegualdade dos nossos nascimentos; e eu, a fal-

lar-te verdade, ia-me deixando levar, e não sei onde chegaria a minha loucura, se teu avô do pé p'ra mão não me escolhe marido conveniente. Casei, e d'ahi a quinze dias já nem me lembrava o outro; só quando o vi passados annos, muito gordo e nedio, é que me lembrei do palavriado d'elle. (D. Beatriz contava o caso espedindo uns espirros de riso gosmento). Dizia o velhacorio que o seu ultimo dia seria aquelle em que me visse ligada a outro coração; e, ainda na vespera de me casar, me fez verter grossas bagadas sobre o papel em que me escrevia que o sangue lhe sahia em borbotões pela bocca. Depois quando o vi muito barrigudo, casado com outra barriguda de feitio e da casta d'elle, pegou-me uma vontade de rir, que ainda agora não posso ter mão, que me não doam as ilhargas!...

E casquinava de modo a humoristica velhinha que Angela ria tambem do irresistivel grutesco de sua tia, recordando tão comicamente os seus virginaes amores.

—Pois convence-te, menina—volveu a fidalga, revertendo a custo a seriedade do acto—que estás passando pelo que eu passei; mas este cá me quer parecer mais manhoso do que o outro. Tem mais labia. Vem cá com estas coisas dos artigos da fé, que resava o pae... Podéra não! Ou elle não fosse sacristão!... Aposto eu que o filho não sabe o *Padre nosso!* Se o pae era feliz na sua baixa posição, por que não vae elle para o logar do pae? Eu já disse ao Zé tendeiro que se deixasse de o mandar estudar no Porto; que o mettesse n'um officio. E elle quem lhe deu dinheiro para seguir os estudos

de cirurgião, ou medico, ou lá do que é? O cunhado quanto tem quanto me deve. Emprestei-lhe um conto de réis a juro ha tres annos, e paga me em arroz e bacalháo. Nem d'aqui a vinte annos me tem pago. Ora não ha!—continuou a credora do mercieiro aguçando a voz em iracundo falsête—se eu via minha sobrinha casada com um lapuz, que ainda ha annos andava por ahi a jogar a pedrada no caes! Onde foi elle apprender este palavriado!... Nada... isto é d'algum finorio que esperava ganhar alguma coisa se cahisse o raio na minha familia. Não hade cahir!—bradou ella batendo com os ossos do pulso no capacho de palha em que encruzara as pernas—Não hade cahir, em quanto eu fôr viva! Teu pae não te quer casar? Eu te casarei! Escolhe. Tens cinco pretendentes. Um da casa de Paçovedro; outro da Passagem; outro de Aborim; outro de Aguião; outro de Azevedo; outro de... quem é o outro?

— Não sei, minha tia: nem quero saber, por que não caso com nenhum.

— Não casas com nenhum?!—assobiou a velha erguendo-se duas pollegadas de salto acima do capacho.

— Não, minha senhora.

— Não?!... Vou escrever a teu pae! Elle te obrigará!

— Meu pae não quer que eu case com algum d'esses que a tia nomeou.

— Não? mas eu vou dizer-lhe que ha um pretendente mais moderno: o Francisco do sacristão. Póde ser que elle queira este. O negocio vae arranjar-se.

Queres que lhe dê parte do novo arranjo? Responde: isto é pedir de bocca. Teu pae deve querer que o decimo novo senhor do Paço de Gondar seja neto do sacristão da Senhora da Agonia. Tem vergonha! tem vergonha! — rebramiu a velha, erguendo-se de impeto, e bradando a Victorina que lhe trouxesse mais chá de cidreira.

X

O poeta

D. Beatriz injuriára cruelmente Francisco José da Costa; mas não conseguira envenenar com a duvida o coração de Angela.

A corajosa menina, livre da velha que adormecera quebrantada de insultos nervosos, fechou-se a lêr as cartas do moço, e a escrever-lhe a noticia das tribulações d'aquelle dia. Atraiçoada pela medianeira da correspondencia, supplicou a Victorina que fizesse entregar aquella carta, promettendo-lhe ser a ultima. Condoeu-se a criada, movida tambem pela esperança de vêr terminado o funesto namoro, prenuncio de maiores desgraças. Foi ella propriamente entregar a carta, e pedir a Francisco da Costa que sahisse de Vianna, se não queria que a menina perdesse o amor de sua tia, e, peor ainda, a protecção do pae. Ainda assim, os dizeres da carta desdiziam dos rogos da criada. Angela pedia-lhe amor e animo, paciencia e esperança, ju-

rando morrer antes de succumbir a um casamento violentado.

O estudante esperou alguns minutos que as lagrimas o desafogassem, e, escrevendo, pedia perdão a Angela de sua covardia. «Sou covarde — es-«crevia elle — por que fujo; covarde por que me «não atrevo a vêr o rosto da infelicidade que te «ameaça. Vou sahir de Vianna. Quando souber que «o meu nome passou do despreso ao esquecimento «de tua tia, voltarei. Se te encontrar tranquilla, não «perturbarei o teu socego. Para eu te adorar, como «até aqui, em todas as situações estarás bem, mi-«nha amiga. Ainda ligada a outro homem, eu sabe-«rei separar o anjo da mulher. O que eu não que-«ro, nem posso, é tirar-te o nome, o prestigio, o «amparo e a honra que só é visivel em quanto a «consideração publica a proclama ou finge reconhe-«cer...»

— Elle não me ama! — disse, entre soluços, D. Angela a Victorina — Não me ama, e eu hei de ser muito desgraçada por amor d'elle!...

A criada louvava-se a si do conselho, e agradecia a Deus a honrada determinação do estudante, dando como terminado o lance em que o bello e rico futuro da sua menina corria perigo. Angela, todavia, asseverava que tudo estava perdido para ella, e que só lhe restava reduzir-se á extrema pobresa e desvalimento do pae, a vêr se assim o homem pobre e plebeu a queria para esposa.

Este plano, se viesse a realisar-se, era original, a meu vêr; mas não sei que fados esquerdos se atravessam aos projectos epicos em materia de casa-

mento, se a poesia depende de uma casinha colmada, á ourela de um regato, com seis pés de couve na horta, e por cima lua, sol, estrellas e ar á descrição. A culpa de se malograrem estes sublimes intentos quem na tem é a sociedade, esta prosa derreada do gentio commum que assim que vêem pomba a librar-se tres metros acima da lama, apedrejam-n'a, desazam-n'a, dão com ella em terra. É desgraça! Mulheres distinctas com amores distinctos é mister invental-as. E maior desgraça ainda: as heroinas, que se admiram e applaudem no romance e no drama, seriam assobiadas, se tal genero de pensar e viver se encarnasse em sinceras heroinas na vida real.

Angela seria capaz de descer até livelar-se com o irmão da Joanna costureira; mas não a deixaram. Privaram-na de estremar-se do vulgar. Compelliram-na por maneira as circumstancias que não ha ahi maior rebaixamento onde podesse ir sopesada uma alma primorosa em finesas d'amor.

Vamos vêr o que este mundo faz das mulheres que transcendem a craveira commum.

D. Beatriz, aconselhada pelo seu confessor, escreveu ao irmão precavendo-o contra a inclinação amorosa de sua filha, sem esconder o nome e a geração vilissima do inquietador de Angela. Por sua parte a fidalga declinava de si a responsabilidade d'alguma consequente ignominia de familia, admoestando o general a que levasse Angela para sua casa, e lhe insinuasse com o preceito sentimentos de dignidade e faro mais senhoril na escolha dos maridos. Esta linguagem methaphorica devia ser do

frade confessor. Só um egresso, descassado das boas praticas de sala, daria a uma senhora faro na escolha de maridos, assim á guisa de perdigueira de dois narizes que fareja a volateria.

Simão Barbosa não se assanhou. Respondeu placidamente que transferisse Angela para o convento, e lhe fizesse saber que a rebeldia lhe redundava em passar de condição de senhora á de criada. «*Eu não sei bem de quem ella é filha. Apenas lhe conheci a mãe.*» Este homem, escripto isto, devia accrescentar: «Eu deveras não sou pae d'essa mu-«lher, por que pude escrever esta resposta sem sen-«tir o minimo abalo de odio ou de piedade. Se me «dissessem que ella tinha casado com o filho do sa-«cristão, daria ordem a um lacaio que os enchotas-«se da minha porta com um tagante.» Era o ermo, o tedio, a doença, a irreligião, a covardia em anniquilar-se, que empedravam o coração do general.

Uma hora, em certa noite, dezesete annos antes... hora negra foi essa que lhe innoitou a vida inteira. Ullulava-lhe desde essa hora nos ouvidos um grito de garganta abafada. Nenhum rir de festa, nenhum gemer de infelizes, nenhuma aurora de paz vingou mais distrahil-o d'aquella noite, e do som final d'uma corda de vida que lhe estalou entre os dedos.

Quando Angela recebeu as ordens de seu pae, já Francisco da Costa ia caminho do Porto.

Mas que homem é este? que edade tem? que figura? que desproposito de coração é esse que se escusa com feminil pavor a fazer rosto á desgraça, raras vezes vencedora, se a paixão braveja e se esbraseja n'um formidavel «quero»?

Francisco José da Costa vae em vinte e dois annos. Não se recommenda por gentilesa, posto que lhe sobejem graças estimaveis. Basta-lhe os olhos negros e a tristeza, a pallidez e o nunca sorrir-se. E' poeta; mas as suas estrophes não se imprimem; são lagrimas; e desconhecidas, porque ninguem o vio chorar. Estuda desde os treze annos com intelligencia precoce. A mente de seu pae era fazel-o frade em ordem pobre; mas o mocinho esperava que o seu estudo lhe valesse formatura gratuita em Coimbra.

Mudadas as instituições politicas, e fallecido seu pae, Francisco acceitou as sopas offerecidas por seu cunhado, mercieiro escasso de posses, e sempre infeliz nas empresas commerciaes. José Maria dos Santos, como não tivesse filhos, promettia cortar pelas precisões domesticas para formar o cunhado na escola medico-cirurgica do Porto. Esta dependencia mortificava o estudante, não por indole rebelde á gratidão, senão que via sua irmã afadigada no lavor da costura para auxiliar as despesas no Porto.

Joanna era a mais doce e resignada creatura que ainda a Providencia deparou no seio de uma familia mal-sorteada de bens d'este mundo. Seu marido tinha quarenta e seis annos, e ella vinte e tres. Não distinguireis entre a filha extremosa e consorte desvelada. Acariciava-o e respeitava-o como a pae. Não sabemos que grau marcava a temperatura do seu amor de esposa: o certo é que José Maria, golpeado de revezes no seu negocio, dizia que Deus o compensava sem medida, premiando o com o oiro do

coração de sua mulher, em exemplo de paciencia, suprema riquesa do pobre, moeda sagrada com que se negoceia o céo.

Francisco adorava sua irmã; todavia, para estar triste, escondia-se d'ella. Joanna queria que todos agradecessem a Deus, quando se levantavam com saude, e se juntavam á volta da mesa do almoço. Se via triste o marido ou irmão, dizia: «Sois ingratos ao Senhor. Se um de nós adoecesse, e a doença fosse mortal, com que saudade nos lembrariamos d'estes dias tão quietos, tão felizes! Pensae na tristesa da familia onde morreu um irmão; pensae na casa onde ha fome e frio, e dizei-me se não é ingratidão e peccado uma tristeza causada não sei porquê!»

Quem primeiro revelou a Francisco o amor de Angela foi Joanna. Acabou de lhe contar a confidencia da fidalga, e disse:

— Agora, Francisco, é necessario que vás para o Porto, embora a aula se abra em outubro. Deixa que o tempo desfaça esta creancice de D. Angela. Eu disse-lhe o que devia: mas ella respondeu-me que havia de ser tua esposa, se a tu amasses. Já viste innocencia assim? Eu fiquei espantada a olhar para a menina, e de repente passou-me pelo espirito uma nuvem negra. Deus me livre que tu, meu querido irmão, não podesses vencer-te, se chegasses a imaginar possivel casar com a filha do general Noronha, com a sobrinha de D. Beatriz, tão soberba da sua fidalguia!

Francisco escutou sem assombro e sem interrompel-a a extensa revelação de Joanna. Passados momentos de serena reflexão, disse:

— Eu sabia isso...; ainda assim, dás-me uma triste novidade.

— Sabial-o? por quem?!

— Por mim. Tinha-m'o dito a minha alma. Eu pensava n'ella... — vê que doidice! — pensava em Angela imaginando a felicidade do homem que ella amasse. Era uma inveja que me envergonhava, por isso t'a não confessei. Até de mim a quizera eu esconder; mas o absurdo luctava com o absurdo, e não sei quem venceu... Um dia sonhei que a via chorando, e acordei a chorar. Desde este momento, senti que adorava Angela. Isto foi ha tres annos, lembras-te? Fui para o Porto, e lá fiquei todo o anno. Quando voltei e a vi, desejei morrer. Um dia entrou-me no coração a certesa de que era amado... Por quem? perguntas tu, Joanna; e bem vejo que estás sorrindo da vaidade do teu pobre irmão!... Eu te digo como foi... estavamos na egreja matriz, nas trevas de sabbado santo. Eu sabia em que tea de altar ella tinha ajoelhado; mas entrevia-lhe escassamente o vulto. Ao tanger da campainha, fez-se a claridade subita no templo, e vi os olhos d'ella cravados nos meus, que se abaixaram respeitosos. Sabes tu que delirio de piedade me assalteou? Ajoelhei, quando todos se levantavam e davam boas-festas. Ajoelhei no maior sombrio da nave... e chorei. Aqui tens a revelação que os olhos de Angela ensinavam á minha alma... Que pensas tu agora de mim? — Proseguiu o moço, apoz longa pausa de reconcentração. — Receias que eu appareça diante de Angela com o collo erguido pela vaidade de ser amado? Cuidarás que eu principiei

a acastellar illusões por esse céo além, e a descer d'ellas para o paradoxo d'um casamento? Mal me conheces então, Joanna! Vê se me comprehendes isto... Acho sempre o teu espirito aberto a certas coisas confusas que eu digo, e não sei dizer mais intelligivelmente. Olha, minha irmã, eu não sei se o estudo invelhece o coração: figura-se-me que sim. A alma não; que essa é immortal, inalteravel e inviolavel á destruição do tempo. Em mim conheço o coração atrophiado, e a alma viventissima. Como homem d'alma adoro Angela, illumino-a á luz que radia das minhas crenças em Deus. Como homem de coração não a sacrificaria, nem me sacrificaria. Impulso que me arroje a querel-a ouvir dizer que me ama não o sinto; desejo de encontrar aquella bella imagem, no silencio do espaço em que a tenho visto nas minhas noites de vigilia, intender os murmurios que ressoam o seu nome, vestil-a das aerias roupagens que sonhou a exaltada poesia do oriente, é isso, é isso o meu amar, o meu delirar, a minha inoffensiva vertigem, que não tem nada que vêr com o nascimento, nem com os haveres de Angela. Não sei quem é, não conheço, não quero conhecer a filha do general Noronha, a rica herdeira, a fidalga que tem no seu paço de Gondar retratos de avós que fundaram a monarchia portugueza. Quem eu conheço e adoro é uma mulher que se chama Angela, que tem no rosto uma luz celestial, e essa luz m'a representa de geração divina. Alli ha signal de origem mais alta. Eu vou buscar-lh'a no céo; não a procuro na fundação da monarchia. Porque receias tu, então, que eu perturbe

o socego da fidalga opulenta, se eu não lhe quero nem os brasões nem o oiro? Póde ella dar-me a alma sem lesar os seus pergaminhos nem declinar o direito de succeder nos castellos dos senhores feudaes seus avós? Póde. Então, minha irmã, deixa ao pobre sonhador a sua innocente felicidade, e faz de conta que o defensor de Angela não é o anjo da guarda, sou eu.

XI

Sonhos e esperanças

Como foi que a vigilancia dos dois anjos-custodios de Angela deixaram passar a primeira carta?

Denunciaremos á moral publica certa fragilidade do estudante.

O escrever-lhe não constava do programma; nem isso era mister para homem que se abastava com o ideal encontro no silencio das noites estrelladas. E, de feito, elle não escrevia cartas á imitação d'umas que o vulgo mais selecto escreve, e suja e profana nas mãos incodeadas d'um aguadeiro.

Francisco, no calado da noite, voltava contemplativo e vagaroso da costa maritima, ou descia dos pinhaes cerrados d'Agra. Aquellas noites estivas da gentilissima Vianna, que se reclina á beira-mar, sob um pavilhão de verdura, e se remira no espelho do seu Lima, são noites para poetas, e poetas se fazem alli subito inflammados por tantas maravilhas da naturesa, raro cumuladas n'um só paraiso. De-

baixo de céo tão inspirativo, e terra tão espontanea de murmurios, de musicas, de perfumes, de silencios que se intendem e ouvem no coração, alli, onde não se faz mister a fórma para adorar a idéa, é que o poeta de Angela adorava idéa e fórma tambem, apesar dos seus incorporeos devaneamentos.

Na volta da montanha ou das ribas do mar, continuava os sonhos, á lampada do seu quarto, e escrevia-os, justamente n'um caderno com frontespicio que dizia SONHOS.

O mercieiro viu, uma vez, a costaneira com o estranho titulo; abriu-a, leu duas linhas, fechou-a como os philologos modernos em consciencia deviam fechar os codices cophtas, e disse á esposa:

— Teu irmão está alli, está doido. Escreve de dia os sonhos que tem de noite. Pobre moço!

Joanna foi vêr tambem. Leu e intendeu muito pela rama.

Aconteceu perguntar D. Angela á sua mestra de bordar o que fazia o irmão, quando não lia.

— Escreve n'um grande livro em branco uma coisa chamada *Sonhos*—respondeu Joanna.

A fidalga pediu, rogou e supplicou á costureira que lh'os deixasse vêr.

Joanna hesitou muitos dias em denunciar a sua curiosidade a Francisco; todavia, importunada por Angela, referiu ao irmão a sua imprudencia.

Fraquesa congenial do homem! Teve o rapaz uns assomos de jubilo com os rogos de Angela! Releu os seus *Sonhos*, deu o manuscripto á irmã, e disse-lhe:

— Pede-lhe que rasgue esses papeis depois de os lêr.

Angela pairava em regiões sob-postas á do seu espiritual adorador. Adivinhou mais do que percebeu. Decorou até o que não intendia.

Vem de molde o encher-se um vacuo importante d'esta historia. A educação litteraria da filha de D. Maria d'Antas era egual á do capellão que lh'a transmittira. Escrevia com a orthographia do padre, quasi nunca racional. Lia os livros de sua tia, que se presava de perceber a *Recreação philosophica* do padre Theodoro d'Almeida, e relia todos os annos o *Feliz independente* do mesmo congregado, o *Belizario* de Marmontel, e outros livros, cujas passagens notaveis andavam de memoria na familia.

Que montava isto? O amor de Deus infundiu a maxima sciencia nos apostolos ignorantes. O amor do homem arrotea e enfrutece, a subitas, o mais maninho intendimento de mulher. Fenomenos do amor. O divino, florejando e aromatisando martyres e santos, ala os amados á gloria. O humano com seus relampagos que abrasam, e perfumes que embriagam e asphixiam, despenha-se nos reconcavos do inferno, que n'este mundo se chama o desesperar.

Angela sentiu destecer-se o escuro de sua ignorancia ao compasso da leitura nocturna que fazia dos *Sonhos*. Aquelle livro não lhe ensinava historia, nem grammatica, nem geographia, e outras coisas que não sabidas, constituem a ignorancia humana. O que ella aprendia era o Verbo, não o verbo que se conjuga; mas a palavra, o som que vibra, a corda virgem, a translucidação do sentir inexpressavel, o definir da idéa confusa, a linguagem um tanto mys-

tica d'esta religião do amor que precisa revelação dos iniciados. Emfim, o Verbo.

Ora, muito era para vêr-se a affoitesa com que a menina começou desde logo a escrever em um livrinho em oitavo, brochado por suas mãos, uns pensamentos curtos e singelos, com o titulo de ESPERANÇAS! Mal emplumada ainda para librar-se a remontados lirismos, Angela apenas avoejava de arbusto em arbusto, colhendo todas as suas imagens das flôres, como a abelha a dulcidão dos seus favos.

Quando já tinha escripto algumas laudas, pediu, com adoravel simplicidade, a Joanna que entregasse o livrinho ao irmão, e acrescentou:

— Quando elle rasgar esse, eu rasgarei o que me elle mandou. E diga-lhe que se elle *sonha*, eu *espero*.

Joanna satisfez o pedido com repugnancia, e mormento quando viu Francisco por tanta maneira banhado de consolação que lhe batiam as arterias das fontes, collando o livrinho aos beiços.

Agora é que vae começar o periodo epistolographico d'estes amores.

Joanna, receiosa de ser solicitada para medianeira em tão arriscada correspondencia, evitava o ensejo de estar a sós com Angela, e raramente, sem necessidade extrema, ia a casa de D. Beatriz.

Angela, doida d'este desaffecto, grangeou imprudentemente os serviços d'uma criada a quem entregou carta fechada para Joanna. O contheudo eram puerilidades, senão antes umas espertesas innocentes. Enviava ella duas folhinhas no formato das suas *Esperanças*, e pedia que fossem reunidas ás outras. O dizer d'este supplemento era já triste e

queixoso: chamava-lhes ella aos pensamentos: *Esperanças que fenecem.* Se Francisco não estivesse presente, a irmã esconderia os papelinhos, e iria pedir misericordiosamente á fidalga que se esquecesse de seu irmão, e empregasse amor onde lhe fosse permittido esperar felicidades.

Francisco mandou esperar a criada, e escreveu a primeira carta. Depois, a segunda, a terceira, até á duodecima, que era o caderno, cujo paradeiro foi ás mãos convulsas de D. Beatriz.

Ate-se agora o fio da historia, no lance de D. Beatriz mandar que a sobrinha se preparasse para entrar no convento.

XII

A fuga

A surpresa tolheu a reflexão.

Angela, pela primeira vez, deu ares de familia. Contavam-se arrojos de D. Maria d'Antas, em annos verdes, quando o pae lhe impunha observancia das leis do decoro, em desacertos amorosos. Sahiu-se a filha de Simão de Noronha com um dos atrevimentos não communs em quanto a sociedade assusta, e o coração mulheril não desteme os effeitos do escandalo.

Ouvida a ordem, ao anoitecer, entrou no seu quarto onde se deteve até ás dez. O silencio da casa era completo, quando ella abriu a janella mais rente da rua, sahiu e encaminhou-se a casa de Joanna.

A irmã de Francisco, que tanto o instigara a sahir para o Porto, n'aquelle dia, estava, a essa hora, chorando saudosa d'elle. Quando ouviu bater á porta, alvoraçou-se, cuidando que o irmão desandára, por não poder vencer se. Perguntou, conheceu a

voz tremula da fidalga, expediu um grito, e chamou o marido.

Angela, apenas entrou, disse entre risonha e espavorida:

— Fugi!

— Fugiu, santo Deus! — exclamou Joanna — Vossa excellencia fugiu, senhora D. Angela?! Não me diga isso por quem é!. .

— Fugi, deveras, pois não vê, minha amiga? Olhe... ninguem veiu comigo... Se eu não fugisse, ámanhã havia de entrar no convento forçosamente, que assim m'o disse minha tia...

— E agora, minha senhora? — atalhou affligidissima a irmã de Francisco.

— Agora o quê?

— Que tenciona a menina fazer?

— Fico n'esta casa — respondeu serenamente D. Angela, apertando nas suas a mão de Joanna.

— Mui pobre casa; mas ella aqui está, e nós para servirmos a vossa excellencia — disse José Maria respeitosamente.

— Mas que infelicidade, minha senhora, que infelicidade! — exclamava a tremula irmã do academico, em quanto Angela relançava em volta de si os olhos indagadores.

— Não te afflijas assim, Joanna! — disse tranquillo o mercieiro — maior infelicidade seria que a fidalga não tivesse pessoas que a respeitam como nós.

— Seu irmão? — perguntou Angela com vehemencia, como se a salteasse o pensamento d'elle ter sahido para longe.

— Está já no Porto, minha senhora — respondeu José Maria, visto que a mulher não respondia.

— Foi para o Porto?! — murmurou a filha de D. Maria d'Antas empallidecendo e esbugalhando os seus brilhantes olhos negros.

— Foi, minha senhora; pedi-lhe eu muito que fosse — tartamudeava Joanna — cuidando que, sahindo elle d'aqui, se acabavam as inquietações de vossa excellencia e de sua tia.

Angela pendeu a face para o seio, e quedou-se largo espaço confusa, sem attender ás sensatas observações de José Maria.

— Que ingratidão! — murmurou ella; e, levantando-se de salto, disse: — Bem... não vim aqui fazer nada; irei para o convento; irei para onde quizerem. Meus amigos, abram-me a porta, que eu vou outra vez para casa; mas digam ao senhor Costa que eu vim procural-o n'uma hora de muito soffrimento, que não o encontrei, e que sahi desenganada...

— O' minha senhora, vossa excellencia é injusta com o meu pobre irmão... — exclamou Joanna, com as mãos postas, e inclinada quasi em joelhos.

N'este em meio, soaram na porta redobrados golpes. Estremeceram todos.

José Maria foi á janella, e as duas senhoras seguiram-no.

— Está cá a senhora D. Angela? — perguntou uma voz de mulher esbofada.

— E' Victorina... — disse a fidalga — Estou, Victorina, estou aqui... Que é?

— O' minha senhora — disse a criada anciadissi-

ma — Deram fé que vossa excellencia fugiu. Sua tia levantou-se a chamar os criados. Não tardam ahi... Olhe que a levam á força, e sua tia disse ao João Alho que se pilhasse ás mãos o sr. Francisco, o fizesse em postas. Volte depressa, que, se elles cá chegam a vir, ha desgraça de maior.

— Eu vou — disse atribulada Angela — eu vou; que não vão elles fazer-lhes mal, meus amigos. Adeus, adeus, que nos não tornamos a vêr... — E, abraçando Joanna, balbuciou coberta de lagrimas: — Diga a seu irmão que lhe perdôo, que fez bem em fugir, senão talvez o matassem...

E desceu pressurosamente as escadas.

Logo que sahiram á rua, ouviram a estropeada de criados que eram muitos, acaudilhados pelo capellão, sujeito de má rez.

— Vamos por outro lado — disse Victorina receando o encontro.

— Não — obstou Angela — Se elles me não encontram, são capazes de arrombar a porta d'esta pobre gente. Vamos direitas a elles. Se não queres vir comigo, vae por outra banda.

— Não, minha menina, heide acompanhal-a, aconteça o que acontecer... — disse Victorina.

A poucos passos encontraram a chusma. Angela parou. O capellão aproximou-se a reconhecel-a, e disse severamente:

— D'onde vem vossa excellencia?

— Vou para casa — respondeu imperturbada a fidalga.

— Mas d'onde vem? — insistiu o padre.

— Que lhe importa?

— Importa, sim, senhora — replicou elle, apertando entre os dedos o marmeleiro argolado que vergava sob a pressão d'aquellas mãos ungidas de sacerdote de Jesus; e proseguiu: — Eu queria vêr a cara ao bandalho; queria mandar as orelhas d'elle de presente ao senhor general Simão de Noronha.

Angela ladeou a turba, e, trespassada de subito medo, seguiu caminho de casa. Os criados, imitando o padre, seguiram-na de perto.

Entrou a senhora pela porta principal. D. Beatriz rodeada de criadas e visinhas, estava na primeira sala. Angela perdeu o animo, quando avistou do patim a multidão que estava dentro. Voltou-se então muito desalentada para Victorina, e disse:

— Quem me dera morrer n'este instante!...

O capellão adiantou-se, mandando recolher os criados. Passou ávante de Angela, e disse a D. Beatriz:

— A sobrinha de vossa excellencia está alli. Que ordena?

— Abram-lhe uma porta de dentro; que não passe diante dos meus olhos, e que fique esta noite aqui por caridade. Começou como Maria d'Antas; provavelmente acabará como ella. Tal mãe, tal filha.

E, vociferando assim, sacudia umas calmandulas de azeviche que tinha penduradas no pulso.

A gente, que a rodeava, repetiu com tom de piedade:

— Tal mãe, tal filha!...

E Angela escutára aquillo, amparando-se nos braços de Victorina.

E esta mulher sentia-se transida de horror, po

que só ella e Simão de Noronha sabiam que morrer havia sido o de D. Maria d'Antas. Ella tinha sido quem conduzira a Vianna a criancinha de dois annos; e nunca o terrivel segredo lhe fôra arrancado pelas suspeitosas indagações de Angela.

Recolhida ao seu quarto, a pavida menina rompeu em soluços abafados no seio da criada.

XIII

Desamparo

O capellão obteve de galope as licenças necessarias para a clausura de Angela.

D. Beatriz recusou vêr a sobrinha, que lhe mandou pedir licença para despedir-se.

Victorina acompanhou-a.

Quando entraram no convento, já lá corria a noticia da fuga. Soror Cassilda de Noronha, irmã do general, estava prevenida por sua irmã. Recebeu glacialmente a sobrinha a quem aborrecia: era odio reflexo de D. Maria d'Antas, causa indirecta da sua forçada reclusão. Fôra o caso que Simão de Noronha, resolvido a concubinar-se com a prima, removeu o estorvo da irmã, induzindo-a ou constrangendo-a a professar, já quando não podia consagrar ao divino esposo a virgindade do coração. Sem impedimento da mortalha, Soror Cassilda desforrou-se, bem que não sahisse da classe, e da sua ordem, honra lhe seja; que os seus amados tinham sido

todos frades benedictinos. Sem embargo, o odio inveterado a Maria d'Antas foi semente maldita, que bracejou arvore, onde as aves infernaes fizeram ninho. Cumpria á desditosa filha da peccadora tragar-lhe os fructos.

Para dobro de desgraça, o general foi avisado da fuga. A resposta do selvagem foi simples: «não tenho filha.» Queria dizer: essa mulher que se sustente com o seu trabalho, ou sustente-a a caridade publica.

E, por tanto, Angela não tinha mesada. Cassilda dizia ás suas criadas: «dêem-lhe alguma coisa, se quizerem». E Victorina, que tinha cordões e arrecadas, vendeu o seu oiro, alegrando-se de o vêr transformado no pão da sua ama.

Foi terminantemente prohibido á porteira entregar carta á recolhida, sem previo exame da abbadessa; a mesma condição estipulada para carta ida do convento.

Tres dias depois, José Maria, o mercieiro cujos haveres não chegavam a pagar o debito de um conto de réis a D. Beatriz, foi intimado para pagar ou nomear bens á penhora. Tinha a casa em que vivia, e os generos de sua loja a pagamento de praso. Offereceu a casa. Penhoraram-lh'a. Os crédores confluiram. Fecharam-lhe a loja. E dez dias depois o coveiro fechou-lhe a sepultura. «Morro deshonrado, e deixo-te a pedir e mais teu irmão» exclamou elle, desde que o ameaçou a congestão cerebral até que pendeu a cabeça aos braços da esposa, e expirou.

Chegou a noticia do successo triste ao mosteiro.

D. Angela verteu acerbas lagrimas, e tomou como sobre-carga de angustias a responsabílidade da morte do mercieiro, e a desgraça da viuva e do cunhado.

Francisco José da Costa recebeu a um tempo a noticia da fuga e reclusão de Angela, a da penhora e fallencia, a da doença e provavel morte do cunhado. Partiu para Vianna. Quando chegou, Joanna assistia de joelhos ao acto de sacramentar-se o marido. Francisco não ajoelhou. N'aquelle estacar immovel diante do espectaculo lugubre, havia o que quer que fosse peor que a condição do moribundo. Vêl-o era comprehender as palavras plangentes d'um escriptor celebrado: «A vida morta ficou sepultada no corpo vivo». [1]

Fechada a sepultura de José Maria, a viuva ajoelhou á beira do leito do irmão.

— Não morras, que eu não tenho outro amparo! — lhe clamava ella.

— Qual amparo?!—murmurou elle.

— Trabalharemos, meu irmão! Vê que sou mulher, e não desespero! Vê que dôres me trespassam, Francisco! e vivo, e vivo, meu querido irmão! Lembra-te da coragem da infeliz menina!... Não sejas tu o mais fraco de tantos desgraçados, já que...

— *Já que foste a causa*... completou o moço a phrase, e rompeu em chôro desfeito.

---

[1] Padre Balthasar Telles—Chronica da Companhia de Jesus.

Depois, sentou-se no leito, fincou os dedos recurvos na fronte, e disse:

— Pois sim: trabalharemos.

E, volvidos poucos dias, Joanna e Francisco sahiam para o Porto, com quanto dinheiro possuiam: o urgente para a alimentação de oito dias.

O estudante abandonou as aulas. Quem o sustentaria? Como congraçar o estudo com qualquer outro emprego? E qual emprego lhe daria pão, exhauridos os cobres salvados dos ultimos vestidos feitos por sua irmã?

Joanna pedio trabalho a uma modista franceza. Exigiram-lhe fiança. Ella disse a chorar que não conhecia ninguem. Abonaram-n'a as lagrimas. Permittiu a modista que a desvalida levasse as fazendas para um sotão da Rua-Escura, onde seu irmão tinha vivido como estudante de escassos recursos. Francisco vendeu todos os seus livros, depois que apartou de entre elles as *Esperanças* de Angela. Comprou com o producto d'elles o catre de sua irmã, que dormia sobre taboas. Dizia ella que para quem passava as noites trabalhando e chorando todo o leito era bom.

Os condiscipulos do academico, sabedores do infortunio do primeiro annista, cotisaram-se para lhe accudir e salvar o anno: Francisco regeitou a esmola sem orgulho, dizendo: quem não póde ser medico, seja operario de mais humilde condição.»

Um dia offereceram-lhe um logar de amanuense de tabellião. Acceitou muito agradecido. Escrevia á rasa, e ganhava trezentos réis diarios. No sotão da Rua-Escura, depois de dois mezes do trabalho

incessante, com intermittencias de lagrimas, havia horas regulares de comer.

Eis aqui o poeta dos SONHOS, tres mezes depois que... sonhava.

Que despertar aquelle! Se não vale mais andar um homem sempre acordado, e a patinhar na lama d'este planeta para não adormecer!...

Entretanto, Angela de Noronha, ou d'Antas, como as tias a apellidavam para sacudirem de si o opprobrio de tal parenta, ainda lia os SONHOS do scismador do monte d'Agra e das ribas do mar. O manuscripto e cartas de Francisco andavam na caixa de Victorina, valendo todavia menos ás amarguras de Angela do que o oiro da velha, o qual (digamol-o com venia da poesia, e da prosa apocaliptica) tornava-se muitissimo mais prestimosa a caixa da generosa criada.

O recolhimento e conformidade da filha do general moveram á commiseração algumas religiosas, que se não pejaram de frequentar a sua desornada cella, a occultas de soror Cassilda. Se alguma freira, mais desprendida de respeitos e preconceitos, se affoitava a arguir de cruel a invalida consoladora dos extinctos frades, Cassilda respondia que não acceitava como sobrinha a mulher que seu irmão não considerava filha. Esta rasão passava com fóros de discreta e ajuizada.

Quem mais se compadecia de Angela era uma criada da prelada. Assim que vagava ás lides caseiras, ia com mostras de grande respeito á cella da fidalga, e alli se esquecia a contemplal-a, e a dizer coisas muito encarecidas, fascinada de sua bellesa.

Muitas vezes offereceu as suas soldadas de trinta annos a Victorina, ás escondidas da senhora; mas a criada fazia milagres de economia com o producto dos seus enfeites, auxiliado com os bordados da ama.

Rita de Barrosas — que assim se chamava a criada da abbadessa — contou muito secretamente a Victorina que sua ama tinha apanhado uma carta muito grande, vinda do Porto para a fidalga; por signal, ajuntava Rita, que a senhora abbadessa, lendo-a a outras freiras, chorava com ellas.

Com o bom proposito de não acerbar as dôres de sua ama, Victorina occultou esta confidencia. E, quando Angela, brandamente accusava o esquecimento de Francisco, a criada, conciliando a discrição com a consciencia, dizia:

— Deus sabe o que elle padece! E vossa excellencia sabe tambem que á sua mão, carta que elle escreva, nunca chegará.

— Mas nem Joanna... aquella infeliz mulher...

— Deus sabe tambem se ella terá papel em que lhe escreva... Minha querida menina, tenha compaixão d'elles, que são mais infelizes do que vossa excellencia. Disse-me a Rita de Barrosas que ouvira contar miserias da pobre gente lá pelo Porto. Olhe, minha senhora, se vossa excellencia podér esquecer o sr. Costa, ainda pode ser que volte ás boas graças de sua familia, e seu paesinho, á hora da morte, lhe perdôe, e a deixe herdeira dos bens livres, como todos diziam que deixava; mas, se elles souberem que vossa excellencia ainda teima n'estes praguejados amores, então não sei o que hade ser da minha infeliz menina.

— O que a divina Providencia quizer. Eu não posso esquecer-me de Joanna e de Francisco porque fui causa da desgraça d'elles. Se Deus me désse alguma coisa, e meu pae me deixasse pouco que fosse, eu daria tudo para os remediar. Isto já não é amor, Victorina; é dever. Quem matou o José Maria foi a cruel vingança de minha tia. Fui eu que lhes não deixei gosar a santa felicidade de pobres.

XIV

Via dolorosa

Passaram dois annos, e somos chegados ao de 1840.

Alteração notavel no viver de Francisco José da Costa não ha nenhuma. E' ainda amanuense de tabellião. Joanna continúa a trabalhar para as modistas; mas, cançada e doente, rende-lhe pouquissimo o lavor.

O viver de Angela é mais angustiado. Victorina já vendeu tudo que valia dinheiro. A ama não tem que vender, porque sua tia Beatriz negou-lhe algumas joias que o pae lhe havia dado, sem impedimento de terem sido de D. Maria d'Antas. Os escrupulos de beata não iam ao extremo de repulsarem os braceletes e correntes da peccadora.

Victorina já acceita as esmolas de Rita de Barrosas, e as liberalidades de outras senhoras que delicadamente favorecem a sobrinha de Cassilda de Noronha — freira opulenta, como depositaria e herdeira *in mente* d'um dom abbade de benedictinos,

rolado ao inferno por intermedio d'uma hydropesia.

Angela ignorou algum tempo a sua deploravel dependencia. Era, comtudo, forçoso adivinhal-a, e inferil-a das tristesas da criada. Animou-se para entrar ao fundo da sua miseria, e soube que estava indigente.

Vencida pela desesperação, escreveu ao pae, invocando a memoria de sua mãe. Pessimo expediente! Victorina quiz dissuadil-a da invocação; mas era-lhe doloroso, tendo de explicar a inconveniencia, contar a uma filha a desastrada morte de Maria d'Antas. A carta foi; mas a resposta não veiu.

Pensava Angela em sahir do mosteiro e ir ajoelhar-se diante do pae. Constou o intento. A prelada, com boas palavras, lhe desfez o plano, dizendo-lhe que só poderia sahir com ordem de sua tia ou do sr. arcebispo de Braga.

—Mas minha tia ou o sr. arcebispo não me deixarão morrer á necessidade?—perguntou Angela debulhada em lagrimas.

A prelada commovida respondeu:

—A menina não hade morrer á necessidade. Por em quanto alguem a tem soccorrido e continuará a soccorrer. A misericordia do Senhor é grande.

N'este tempo, aconteceu chegar ao convento a noticia de ter apparecido em Barrosas um brasileiro muito rico, procurando novas de uma irmã que deixára, quando, em creança, fôra para a America. Ora a irmã do brasileiro era Rita de Barrosas, criada da abbadessa. Grande alvoroço, e alegrias, e invejas no mosteiro!

Rita correu ao quarto de Angela a mostrar a car-

ta do vigario da sua freguezia, avisando-a de que o irmão iria brevemente buscal a de liteira.

Dias depois, chegou a Vianna Hermenegildo Fialho; e, dado aviso ao convento, foi procurar a irmã. Sahiram a cumprimental-o as religiosas mais authorisadas, e folgaram de o vêr comer pasteis ensopados em vinho do Porto com familiar lhaneza e proporções homericas de estomago.

Ao outro dia, Rita sahiu do mosteiro, depois de ter chorado abraçada em Angela, unica pessoa, dizia ella, de quem levava saudades, e de quem nunca se esqueceria.

Com este successo coincidiu a morte de D. Beatriz de Noronha. Contaram as criadas que o fantasma de José Maria, auxiliado por incommodos de bexiga, a matára, penetrando-a d'um remorso dilacerante. E posto que a critica e a medicina presumam que D. Beatriz haja succumbido a uma sistite, ou qualquer outra molestia mais ou menos grega, é certo que a velha para lograr o espectro do mercieiro, deixou em testamento 960$000 réis para missas por sua alma de esmola de 240. Quatro mil missas! O diabo que se atreva a levar alma com tal recommendação, se é capaz!

Fallecida Beatriz, solicitou Angela novamente a sua sahida. A prelada consultou Soror Cassilda, a qual respondeu que não tinha que vêr com a sahida, assim como não tivera com a entrada. Sempre discreta! Os frades d'esta senhora deviam de ter sido sujeitos atticos bastantemente nos seus raciocinios. Esta madre era notavel nas fórmas aphorismaticas, e quasi sempre rebatia as replicas com

argumento de dois bicos. Parece que, na convivencia de varões doutos, a subtil religiosa medrava em espirito o que os mestres iam adelgaçando na parte que Xavier de Maistre denomina *a outra.*

Rita de Barrosas, escrevendo a D. Angela, pedia-lhe que fosse estar com ella uma temporada á bella quinta que seu irmão acabava de comprar; e ajuntava que, sendo necessaria licença, ella se encarregaria de requerer e obter em Braga.

Ninguem impediu a sahida da reclusa. As freiras cooperaram quasi todas para que não se estorvasse á pobre senhora o intento de pedir perdão ao general.

Effectivamente, Angela, apesar de despresada do pae, insistia em tentar a reconciliação apresentando-se-lhe com as supplicas piedosas do costume. Se ella medisse o seu amor filial pelo que devia esperar de Simão de Noronha, poupar-se-hia a tentativas vãs. Em verdade, o desapêgo, era reciproco. A ficção poderia espremer lagrimas dos olhos de Angela aos pés do pae, que lh'as despresaria; se, todavia, elle podesse sobre-posse acaricial-a, os jubilos do perdão escassamente agitariam o coração da filha. Seriam, bem ensaiados, filha e pae de comedia, quando os artistas se compenetram dos seus papeis.

Um pensamento, nem esquisito, nem reprehensivel, avassalava o animo de Angela: cogitava em ser rica para enriquecer Francisco da Costa e irmã. O amor já entrava quasi esvahido n'este calculo. Figurava-se lhe que tocaria o acume da fortuna se conseguisse pagar cem por um dos bens

que perderam os dois irmãos, quebrado o esteio do logista.

Ora, a riqueza d'onde lhe proviria a não ser do general, cuja abastança engrossára com a herança de D. Beatriz?

Rijo era, pois, o estimulo que a fazia transpor as balisas da dignidade. E longe de nós acoimar de aviltamento a humilhação da filha; se, no entanto, o sentir filial a não impulsa, e a cobiça, fingindo arrependimento, se deplora, o senhoril do acto é pouquissimo exemplar. Tanto assim, que Angela, despreoccupada do desejo de enriquecer-se para remediar alheios infortunios, certo se deixaria vencer da fome antes de ajoelhar a um homem distincto dos outros pelo nome insignificativo de pae.

Foi, pois, caminho de Ponte do Lima, apenas sahiu do convento. Chegou de noite com Victorina ao portão do palacete. Bateu, esperou largo tempo que lhe abrissem. Annunciou-se. Mandou-a entrar um antigo criado; conduziu-a a uma sala, com duas alcovas, dizendo-lhe:

— Vossa excellencia tem alli uma cama n'aquella alcova, e a criada outra. Eu vou servir o chá.

— E meu pae não me consente que o veja hoje? — perguntou Angela.

— Seu pae, minha senhora, foi para França ha quinze dias consultar medicos, por que tem padecido muito n'estes ultimos mezes. Eu já era criado em Gondar quando vossa excellencia nasceu. A sr.ª Victorina hade lembrar-se do João Pedro. Sou eu, é este velho que aqui está. Ora eu fiquei com o governo d'esta casa, que para isso fui chamado lá

do Paço, e intendo que a minha obrigação é receber a filha do meu amo, e dar parte para Paris que vossa excellencia está aqui. Se o sr. general reprovar o meu procedimento, e me despedir do seu serviço, já me não prega grande peça, que eu pouco heide viver. Até já, minha senhora. Se a sr.ª Victorina quizesse ajudar-me a preparar o chá, bom seria, para não haver grande demora; que eu despedi a cosinheira assim que o patrão sahiu, e cá me arranjo e mais outro criado com duas brazas e um pucaro.

Era consolador o repousar e respirar que Angela experimentava n'aquella athmosphera de riqueza. O seu quarto de dormir, quando, annos antes, visitava o pae, era aquelle mesmo. Em quanto Victorina moirejava alegremente na cosinha, a senhora pegou d'um castiçal e andou percorrendo a casa. Reconheceu a ante-camara de seu pae, entrou e sentou-se na cadeira de espaldar ante-posta á banca de escrever. Era esta banca rodeada de escaninhos onde se recadavam cartas. Angela reconheceu a letra da defunta Beatriz n'um sobrescripto de carta immassada com outras. Leu a primeira em que sua tia relatava os pormenores da fuga, calumniando a sobrinha a ponto de referir que os seus criados a tinham arrancado dos braços do filho do sacristão. Que seria d'aquella alma, a não se guindar do purgatorio alçapremada por quatro mil missas a 240 réis!

Leu a segunda, em que D. Beatriz participava estar disposta a obrigar Angela, pela necessidade, a vestir a touca de criada, para que todos soubessem

que os parentes, *se o eram*, (sublinhava ella) a tinham abandonado como infame.

— E' impossivel que meu pae me receba... — disse entre si amargurada.

Ia retirar-se, quando reparou n'um cofre de prata que assentava sobre um bofete. Reconheceu-o, por que tinha sido de D. Beatriz. Abriu-o. Estavam dentro as joias que seu pae lhe tinha dado, e sobre ellas um cartão com o nome impresso do general, e por baixo, escripto do pulso d'elle, o seguinte: *Estas peças em numero de dez pertencem a Angela, filha de D. Maria d'Antas, já defunta. Se eu morrer em Paris, entreguem-lh'as os meus testamenteiros. Procurem na no mosteiro de S. Bento em Vianna, ou onde ella parar. Não tem mais que herdar da casa onde viveu sua mãe.*

Fechou Angela o cofre e voltou profundamente descoroçoada á sala.

Entravam os dois criados com a bandeija do chá. A filha de Maria d'Antas tomou uma chavena, e disse:

— Aceito a esmola, sr. João Pedro. Dirá ao sr. general que a filha de D. Maria d'Antas aceitou esta chavena de chá, e um leito onde passar uma noite.

— Uma noite! — volveu espantado o velho — vossa excellencia está em sua casa, penso eu. E, se me não engana o coração, a fidalga não sahirá mais da casa de seu pae.

— A'manhã.

— A'manhã! pois vossa excellencia ainda ha pouco parecia resolvida a ficar esperando que o sr. general...

— E' verdade; mas resolvi outro passo menos deshonroso. A'manhã iremos para Barrosas, Victorina. Aceitaremos o bem-fazer da mulher humilde. Ella foi pobre; será por isso mais compadecida.

— Estou ás aranhas, minha senhora! — exclamou João Pedro — Faça-me o favor de mudar de idéas, e queira desculpar o meu atrevimento. A senhora tenha prudencia. Já que veiu, fique; que seu pae, quer queira quer não, para fóra de casa não a manda...

— Manda — affirmou Angela com vehemencia — Diga-me uma coisa, sr. João: nunca ouviu fallar de mim ao sr. general?

— Nunca: eu não sei mentir.

— Quem suppõe vossemecê que seja herdeiro do senhor general?

— Os irmãos da mulher com quem elle casou quando tinha dezeseis annos, uns homens de pé descalço, que nunca vieram a esta casa. Eu desconfio, minha senhora, que seu pae está doente de cabeça, ha coisa de quatro annos. Os medicos não atinam com a cura por que lhe procuram a doença no peito, e elle tem-na nos miolos; salvo tal logar. E' por isso que eu desejava que elle visse aqui vossa excellencia, por que, se a visse, parece-me que atremaria outra vez.

— E, se elle morresse em Paris, eu seria expulsa d'esta casa pelos homens de pé descalço, não é verdade? — perguntou Angela.

— Seria o que fosse. Eu, e mais os criados todos, iriamos jurar que seu pae não regulava do juizo quando fez o testamento; e p'ra prova basta dizer

que elle mandou trazer da capella do Paço de Gondar o esqueleto da tal Josepha Salgueira com quem foi casado, e tem-no debaixo da cama n'um caixão de páo de alcanfora. Quel-o mais doido ao pobresinho do velho?

— Respeite-se a sua dôr, embora seja um desatino — disse Angela. — Então elle amou muito essa mulher?

— Lá isso muito. Ella morreu de afflicção, quando o viu ferido em Amarante.

— Já sabia isso. Era uma sublime alma! Conheceu-a?

— Se conheci! Andava ella com o rebanho das ovelhas, quando eu era rapazola de quinze annos. Era muito linda, isso era!

— E de minha mãe lembra-se?

— Da senhora D. Maria d'Antas?... pois não embro! Isso foi hontem? Fui criado d'ella dez annos... como heide eu não me lembrar?

— A Victorina diz que era muito formosa...

— Era vossa excellencia sem tirar nem pôr. Estou a vêl-a. Só era um poucachinho mais alta e córada.

— Lembra-se se ella era muito minha amiga?

— Parece-me que sim...

— Por que?

— Foi ella quem a creou: não quiz ama, como todas as mães que tem de seu.

— Lembra-se da morte d'ella?

João Pedro respondeu tardamente e tartamudo:

— Não me recordo bem... Eu estava então na quinta de Santo Amaro... Lá é que me chegou a no-

ticia de ter morrido a fidalga... E, quando voltei, o sr. Simão de Noronha já estava fóra de Portugal ..

— Mas o sr. general não mandou buscar os ossos de minha mãe? — perguntou Angela chorando no sorriso.

O velho não respondeu.

— Vamos deitar, Victorina. Até ámanhã, sr. João Pedro.

— Muito bem passe a noite, fidalga.

Ao alvorejar da manhã, Angela, que vellara a noite ao pé do leito de Victorina, foi sentar-se á banca de seu pae, e escreveu uma breve carta, que sobrescriptou ao general Simão de Noronha, pedindo-lhe que perdoasse ao seu criado a caridade de a ter recebido, e de lhe ter dado uma cama por uma noite, e lhe haver ainda esmolado dinheiro com que ella e sua criada podessem chegar a outra porta caritativa. Em seguida, chamou João Pedro ao escriptorio de seu pae, abriu o cofre das joias, leu-lhe a declaração do general, e ajuntou:

— E' quasi certo que, por morte do sr. Simão de Noronha, me sejam entregues as joias de minha mãe. Sobre este penhor, peço eu a vossemecê que me empreste uma moeda para eu poder ir d'aqui a uma terra chamada Barrosas. Não tenho outro penhor que lhe offerecer.

— Pois eu tenho mais que uma moeda para dar a vossa excellencia. Tenho cincoenta.

— Uma me basta.

— Torno a pedir-lhe que não vá, fidalga.

— Heide ir forçosamente.

— Faça-se a sua vontade. Irei então alugar cavalgaduras; e entretanto Victorina fará o almoço.

. . . . . .

— Aqui tem esta carta: mande-a a meu pae — concluiu Angela sahindo com a face altiva e enchuta.

XV

Meio milhão!

Ao cabo de onze leguas de jornada, encontraram a quinta dos Choupos, residencia de Rita de Barrosas, que os do sitio chamavam a sr.ª D. Rita brasileira.

Quando apearam, Hermenegildo estava no espaçoso pateo vigiando os pedreiros que derruiam uma antiga torre de architectura manuelina para construir nos alicerces d'ella uma capoeira.

Fialho, habituado a ouvir repetidas descripções da formosa fidalga, reconheceu Angela, apertou o cóz das ceroulas, abotoou o colete amarello, deu um geito ao collarinho desengravatado, e foi ao portão receber a hospeda, mandando chamar a irmã.

— Faça favor de desculpar este desarranjo, minha senhora... — disse elle referindo-se ás mouras verdes acalcanhadas, onde os pés jubilavam em pleno desafogo dos joanetes. — Vossa... vossa excellencia é a sr.ª D. Angela amiga cá da Rita?

— Sim, senhor... Como está ella?

— Rija como um pêro. Ella ahi vem a quatro pés!... A mulher é sua amiga como eu nunca vi!...

— Tambem eu d'ella.

Rita abraçou Angela pelos joelhos, e levantou-a, exclamando:

— Pilhei-a! pilhei-a! não torna a sahir d'aqui a sr.ª D. Angela, senão para a companhia dos anjos, que não são tão lindos!

E com estes outros sinceros encarecimentos entraram nas vastas salas, onde o brasileiro tinha recolhido as espigas do milhão a monte, de mistura com as cebolas, e as nozes e as castanhas.

Passado este lanço da casa, que havia sido convento de ordem rica, no angulo formado pela vasta quadra, as salas e quartos estavam decorados com luxuoso e atrapalhado máo gosto.

— Aqui é a parte da casa que pertence á fidalga e á nossa Victorina — disse Rita, com approvação de Hermenegildo manifestada por um sorriso.

— Como tudo isto é bonito! — exclamou sinceramente Angela. — Uma princesa ficaria contente...

— A nossa princesa é vossa excelleacia — tornou Rita.

— Princesas que as leve a breca! — interveio Fialho n'um lerdo assomo de republicanis mo — O que eu quero em minha casa são pessoas amigas, que não obrigam a «intiquetas» nem outras aquellas.

— Se me recebessem com cerimonias — accudiu a filha do general — poucas horas estaria contente n'este paraiso.

— Toca a saber o essencial—disse o brasileiro— A senhora jantou? São cinco horas.

— Não jantamos, nem temos vontade.

— Hão-de comer do que houver. Rita, carne assada, fiambre, salame, e peixe frito p'ra mesa. O café heide ir fazel-o eu. Aqui, quem quizer estar em minha casa, hade comer e beber, passear e dormir. Divertimentos não nos ha, a não ser alguma chulata cá dos labrostes da terra. A gente aqui passa tres mezes na chacara, e depois vae em a cidade passar o inverno, que eu tenciono lá abrir escriptorio de consignações, e fazer dois ou tres navios p'ra me entreter, que graças a Deus não preciso, sou solteiro, e os meus parentes, não fallando cá na Rita, são os dentes, diz lá o ditado.

Hermenegildo era loquacissimo d'este feitio, e de certo modo pittoresco na linguagem.

Angela engraçava com aquella rudesa indicativa de bom peito de bruto. O sorriso d'ella não era mordente, nem o lance d'olhos observador. A novidade do typo, o plebeismo do dizer, a redondesa da pessoa, a cara espirando alegria e uma saude oleosa, tudo isto que aceraria a satyra da mulher d'um alfayate de Lisboa, produzia na fidalga bem condicionada uma inoffensiva hilaridade, com a qual o brasileiro se comprazia.

Dobaram-se dias bonançosos para Angela. Esses seriam, por ventura, os mais quietos de sua vida, se, a revezes, lhe não innublasse o espirito o incerto destino de Joanna e seu irmão.

Rita, sem ser rogada, mandára lançar inculcas no Porto sobre descobrir se alli viviam os dois irmãos.

Não colhêra indicio algum. Apenas soubera que Francisco José da Costa começara a frequentar em 1839 o primeiro anno da escola medico cirurgica, e abandonara os estudos em meio do anno. Quanto a Joanna, vestigio nenhum levou os indagadores ao sotão da Rua-Escura. Victorina estava sempre encontrando com judiciosas reflexões o cuidado que dava a sua ama o destino da familia do mercieiro, afim de a ir desatando de recordações prejudiciaes a reconciliar-se com o general. N'este louvavel designio pedia a Rita, que, se descobrisse a paragem de Joanna, se calasse com o segredo para affastar novos dissabores, e a peor das calamidades, que seria a fidalga casar com Francisco.

— Credo! — exclamou a irmã de Hermenegildo, dois mezes antes cosinheira da abbadessa. — Credo! Anjo da guarda! pois uma fidalga assim, filha d'um general, e linda como os amores, havia de casar com um pobretão?! Não me diga isso, sr.ª Victorina! Esta senhora, se quizer casar, encontra marido que mede o dinheiro ás rasas, e tem quintas e palacios, e quanto cobre a rosa do sol, e que se póde comprar com dinheiro. Vocemecê não me intende?

Victorina parecia não intender.

— Pois vossemecê não me intende?! — tornou Rita aconchegando-se d'ella — Então eu lhe conto o que se passa, e vossemecê vae ficar espantada. Faz hoje tres semanas que chegou a fidalga, não faz?

— E' verdade.

— Pois n'este pouco tempo meu irmão ganhou

uma tal sympathia á menina que não faz outra coisa senão dizer-me que ella é muito bonita, que é muito discreta, que é muito bem feita de corpo, que é isto, que é aquillo, que é aquel'outro. Não faz idéa, sr.ª Victorina! E olhe lá que eu cáia em lhe dizer os amores que ella teve com o tal Francisco! N'essa não cae a Rita... Hontem era uma hora da noite, e elle ainda estava no meu quarto a batalhar p'ra que eu lhe dissesse se a fidalga ainda viria a gostar d'elle. «O' mano, eu sei lá o que hade acontecer!» dizia-lhe eu, e elle fez-me uma pena, que vossemecê não faz idéa, quando disse muito triste: «Oxalá que eu nunca visse esta creatura! Nunca me senti apaixonado cá do interior senão agora! Estou d'esta edade, e é a primeira vez que pegou em mim o amor verdadeiro! Sinto-me outro homem cá por dentro. E, se isto não muda de rumo, eu não hei de ir longe... Tu verás que esta paixão dá comigo na cova». Sabe vossemecê? peguei a esbaguar lagrimas como punhos...

Rita alimpou ao avental os olhos aguados, e proseguiu sensibilisada:

—«O' meu querido Hermenegildo, disse-lhe eu, tem juizo! Tu não te deixes apaixonar por uma pessoa tão nobre! Verdade é que ella é pobre; mas tem pae muito rico, sem outra filha. E a de mais: ella terá vinte annos, se tiver; e tu já vaes nos quarenta e seis, por que eu sou mais velha que tu quatro, e faço os cincoenta pelas cerejas.» E vae elle levantou-se da cadeira, e sahiu pelo quarto fóra sem dizer palavra. Eu fiquei muito afflicta, e fui-me ter onde a elle, e comecei a dizer-lhe que não per-

desse a esperança, por que se tinham visto casos mais milagrosos. Não lhe digo nada, sr.ª Victorina; estive até á madrugada, e não puz olho, por que a final meu irmão, de se affligir, começou a doer-lhe o figado, e eu fui arranjar-lhe a cataplasma de linhaça. Assim que o vi descançadinho, fui resar á minha Senhora dos Remedios, e fiz-lhe uma promessa que não digo, se ella, das duas uma, ou varresse da cabeça de meu irmão esta idéa, ou movesse a fidalga a casar com elle.

Victorina ouviu sem tosquenejar a commovida mulher. A impressão da confidencia não lhe era irrisoria nem mesmo de grandes estranhessas. A criada, tanto ou quanto participante da luz do seculo XIX, já estava á altura da idéa democratica e nivelladora quanto a nascimentos, resalvada a profunda desegualdade quanto a «fortunas». Pelo que, a união do plebeu ricasso com a fidalga pobre não se lhe afigurou absurda, e muito menos *milagrosa*, como dizia a consternada Rita, na sua exposição. Possuida, por tanto, d'estes sentimentos indiciativos de illustração innata, Victorina respondeu d'este modo consolativo:

— Sr.ª Dona Rita...

— Não me chame *Dona*. Eu sou Rita de Barrosas, já lh'o disse um cento de vezes, e mais á sua ama. Meu pae era tamanqueiro, torno a dizer-lhe. Se um vestido de seda e um relogio d'oiro dá dom a quem o não tem, em pouco está o dom, e não no quero.

— Pois sim, seja como quizer. O que eu lhe digo é que seu irmão não deve descorçoar. Minha ama

tem-me fallado d'elle com ar de amisade, e gosta muito de ouvil-o. Quem é amiga póde ser o resto. Deixe estar, sr.ª Dona Rita...

— E ella a dar-lhe... — atalhou a outra — Rita, Rita...

— Esquecia-me... Deixe estar que eu heide sondar a minha ama...

— Por que olhe vocemecê — acudiu alegremente a irmã do brasileiro — eu tenho muito medo que meu irmão se apaixone por alguma d'estas senhoritas cá de Barrosas que andam a armar-lhe a rediosca com presentinhos de queques e ramos de flôres. O doutor das Lamellas já cá trouxe tres filhas de visita, umas espinifradas com uns grandes pentes, a darem-me senhoria a mim, e por de traz a escarnecerem de meu irmão. Pois quer vocemecê saber? O doutor teve o descôco de dizer ao meu Hermenegildo que as suas filhas eram todas muito amigas d'elle, e que qualquer d'ellas se daria por feliz ficando n'esta casa! salvo seja! Eu as arrenego! Longe vá o agouro! Meu irmão, que é finorio alli onde o vê, respondeu que estava já velhote para casar, e que era muito doente do interior. O homem não tornou cá, nem as pelintronas das filhas, que hão de pôr a cara onde a sr.ª D. Angela põe os pés para serem fidalgas. E, como lhe eu ia contando, meu irmão é muito doente do figado, e diz elle que não hade viver muito. Oxalá que se engane; mas a mim bacoreja-me que aquella molestia de dentro não se cura. Se elle morrer, eu já sei que a mim me deixará alguma coisa para a minha decencia: mas a riquesa quasi toda vae para o Atha-

nasio do Porto, que foi socio d'elle, e são muito amigos. Ora diga-me vocemecê: Não era melhor que esta riquesa ficasse á sr.ª D. Angelasinha? Fazia-lhe mal ficar com este palacio, com esta quinta, e com o dinheirão que o meu Hermenegildo tem nos bancos, que pelos modos me disse o tal Athanasio que era metade d'um milhão! Metade d'um milhão, ó sr.ª Victorina! Vocemecê já viu riqueza assim?

— Com effeito! — disse a interlocutora com sincero assombro — Metade d'um milhão! A fidalga, ainda que ficasse herdeira do pae, não tinha tanto, acho eu!

— Nem sombras d'isso! meio milhão acho que n'este mundo só o tem as pessoas reaes. Quer vocemecê saber outra? Já desde que meu mano chegou, duas vezes os governos do Porto lhe escreveram para elle ser barão. Vocemecê bem sabe que barão é isto de ser grande e maioral do reino, e fica-se logo fidalgo. Pois saberá que o meu irmão não quiz até agora, por que lhe pediam cinco contos pela fidalgaria, e elle offereceu metade. Estamos a vêr se arranjará o negocio; mas, ponto é querer a fidalga que elle seja barão, que isso manda elle logo aos governos do Porto pagar os cinco contos. Conte-lhe vocemecê tudo isto lá como coisa sua. E olhe que, se o casamento se chega a fazer, vocemecê tambem hade apanhar uma boa pechincha. Eu cá de mim dou-lhe um cordão de vinte moedas, e meu irmão é capaz de lhe comprar uma casa p'rá sua velhice.

— Velha estou eu, sr.ª Ritinha—atalhou Victori-

na—e, se Deus quizer, heide morrer na casa onde viver a minha ama.

—Pois isto é um modo de fallar; que vocemecê hade ficar sempre comnosco em quanto fôr viva.

Pouco depois, Angela escutava a exposição de Rita fielmente reproduzida pela criada, tirante as ridiculezas que a sagaz Victorina omittiu como desconvenientes á gravidade do assumpto.

Não obstante a compostura da velha, Angela sorria-se e duas vezes abafou os froixos da gargalhada. Finda a relação, a filha de D. Maria d'Antas reconcentrou-se, apanhou as fontes nas mimosas mãos e murmurou:

—Qual virá a ser o meu destino?

Esta pergunta era o epilogo de mil confusas idéas que se lhe embaralhavam na alma, umas sublimes, outras baixas até ao vilissimo lodo que originariamente foi costella do homem. Com a qual costella bem podem dar-nos na cara as malfadadas a quem fréchamos de satyras, quando uns fumos iriados do prestigio, que lhes doira a nossa poesia, se rarefazem.

—Qual virá a ser o meu destino?

Que interrogação!

E' a mulher sem parentes que a faz.

E' a mulher que conheceu a pobresa.

E o desamparo.

E o despreso dos seus.

E as injurias calumniosas, sem que Deus ou a sociedade a vingassem e a illibassem.

E' a mulher que não vê aurora de melhor dia;

Que um mez antes quasi esmolara o custo da passagem d'um albergue de caridade para outro ;

Que se despenhara das canduras d'um primeiro amor á mais rasa, á mais estranha e imprevista miseria.

— Qual virá a ser o meu destino ?

Ha n'este interrogar-se uma abdicação, um alienar direitos de dispor do que quer que seja aspirações a felicidade.

Por que é tudo escuridade e amargura em sua alma. Amargura, se se recorda ; escuridade, se olha adiante.

A riquesa, que se lhe offerece, não é a que ella desejava. O meio milhão d'este homem não servirá a resgatar da pobresa a familia do homem assassinado por sua tia. Mas Victorina...

(O' costella do homem ! ó oiro que a baba da serpente converteu em lama !...)

Mas Victorina repisará n'aquellas palavras de Rita : *Ora diga-me vocemecê : Não era melhor que esta riquesa ficasse á sr.ª D. Angelasinha ?*

E Angela de Noronha, interrogando o silencio da sua alma, poz os olhos lagrimosos em Victorina e disse :

— Se tu pedisses a Deus que me levasse d'este mundo !...

— Porque, minha senhora ? porque quer morrer ?

— Porque me julgam tão sem amparo que já me aconselham o casar-me com este homem... E, na verdade, eu sei que sou muito, muito infeliz ! Não tenho nada, não sei trabalhar, não tenho outras amigas, senão tu, e esta mulher a quem devo benefi-

cios que me collocaram inferior a ella... Quem sou eu, afinal? Uma grande senhora que não póde guardar a independencia de sua alma, á custa dos mais rudes trabalhos... Até hoje, a minha puresa foi tão sómente manchada pela calumnia de minhas tias; mas ámanhã em que posição me collocará a Providencia? Toda a gente terá direito de me considerar ou perdida, ou no trance de me perder... E, depois, Victorina? Quando sahirmos d'aqui, onde iremos? Se, ao menos, meu pae me mandasse entregar já as joias de minha mãe... ainda teriamos com que viver, e eu iria trabalhando nos bordados...

— Os bordados... — murmurou Victorina.

— Sim...

— Os bordados, minha senhora... — tornou a criada sorrindo amargamente — Vossa excellencia sabe quanto eu recebia de cada bordado em que a menina gastava as horas todas do dia e algumas da noite? Era conforme Uns regulavam a tostão por dia e noite. Outros a seis vintens. E mais diziam que era por favor, por que tinham melhor e mais barato...

Saltaram-lhe as lagrimas dos olhos.

— O' minha mãe, se tu me visses chorar!... — exclamou a filha do general inclinando a face para o seio arquejante.

XVI

Por causa do figado

Escreveu Angela a João Pedro perguntando-lhe se o pae respondera. Teve resposta negativa. Que o fidalgo tivesse peorado suppunha o escudeiro por ter lido n'uma gazeta de Lisboa que o bravo general Noronha estava em Paris soffrendo, além de antigos achaques, os graves incommodos de uma ophtalmia, que o ameaçava de cegueira.

Não era já a herança que a alvoroçava. Contental-a-hia a entrega das joias, como um soccorro immediato, para poder, agradecida a hospitalidade do brasileiro, procurar sua vida n'outras condições. Mas até esta esperança se fechara á pobre senhora!

Na correntesa d'estes successos, aconteceu adoecer de hepatite Hermenegildo Fialho. Bem póde ser que o amor contribuisse a sobreexcitar a inflammação chronica do figado, entranha que se ressente das perturbações moraes por esquisita sympathia. Alguma rasão, pois, tinha a mortificada sr.ª Rita

para attribuir a doença do irmão a pura paixão d'alma.

A enfermidade aggravou se. Vieram as intermittentes, a intumecencia da viscera, o fastio e a rapida magresa, os suores nocturnos e o delirio, emfim o estado em que a medicina capitula assustadoramente a doença.

Nos delirios, o brasileiro rosnava o nome de Angela, caso que fazia sempre repuchar chafarizes de lagrimas dos olhos da irmã, ao passo que o rosto de Angela se entristecia compassivamente.

Uma vez que o doente desagradou notavelmente ao medico, Rita lançou-se de joelhos aos pés da hospeda, e clamou:

— Meu anjinho, faça um voto a Nossa Senhora dos Remedios que hade casar com meu irmão, se elle melhorar! Faça, pelas chagas de Christo, e por alma de sua mãesinha!

— Levante-se, sr.ª Rita! — disse Angela, inclinando-se para erguel-a nos braços.

— Não me levanto, sem vossa excellencia prometter a Nossa Senhora que hade casar com o meu pobre Hermenegildo que morre de paixão pela senhora.

— Jesus! — balbuciou a attribulada menina.

— Então? — instou a supplicante velha — Então, minha senhora!...

— Pois a sr.ª Rita cuida que a minha promessa salva seu irmão?! — argumentou Angela.

— Cuido, cuido, por que Nossa Senhora hade ouvir a promessa d'um anjo!

— Pois... sim — gaguejou a violentada senhora.

— Casa com elle? — acudiu Rita, radiosa de esperança.

— Sim... caso...

Levantou-se Rita com exultação de mentecapta, entrou no quarto do enfermo, e chamou-o tão estrondosa e vertiginosamente que o homem abriu os olhos, as ventas, e a bocca, tudo a um tempo e medonhamente.

— Olha que a sr.ª D. Angela fez a Nossa Senhora dos Remedios a promessa de casar comtigo, se tu melhorasses.

— *Hum*... — fez Hermenegildo, e quedou-se estatico a olhar para a jubilosa cara de Rita, e ella a repetir-lhe até quarta vez a noticia.

E, ao mesmo tempo, Angela soluçava e estalejava com os dentes vibrados por um frio nervoso. E Victorina a fim de consolal-a e tirar-lhe a carga da promessa, dizia-lhe:

— Não se afflija, menina, que o homem não escapa! Quando vossa excellencia casar com elle, dou licença que me enforquem.

Voltou o medico segunda vez n'aquelle dia, e achou o homem menos febril, e a lingua mais humida. No seguinte, a febre foi menor; e o suor da noite quasi insensivel. Ao outro dia, como o doente já desemperrasse a lingua para dizer que a dôr o deixava respirar livremente, o medico, voltado para Rita e Angela, declarou, com vaidade de ter restaurado um moribundo, que o doente estava livre de perigo, e ia entrar em convalescença.

E, dentro em pouco, entrou a bolear-se, a arredondar-se, a pelle a encher, as orelhas a enconchar-

se com um escarlate de coralinas, o nariz a vestir-se de tegumentos, o todo emfim do carão a luzir e a estilar sorosidades de sangue novo que parecia uma espumadeira de tomates.

E Angela via tudo aquillo com o falso contentamento das viuvas do Malabar que assistem á disposição das achas para a fogueira que hade assal-as.

Hermenegildo esperava que a sua hospeda lhe désse azo a fallar-se em casamento; ella, porém, esquivava os lanços preparados pouco engenhosamente pela irmã do noivo.

Era fatal e indeclinavel o calix!

Uma vez, o brasileiro, esporeado pela mana, affoitou-se a perguntar a D. Angela se queria ser sua esposa.

— Sim, senhor — balbuciou ella, rapida e laconicamente, como o suicida que fecha os olhos, e se despenha, antes que a reflexão lhe pinte os horrores da queda.

Hermenegildo emparveceu mais que o commum nos sujeitos da sua natureza. O sorriso que lhe entreabriu as queixadas parecia escancarar os alçapões d'aquelle peito carecido de ar, como se o jubilo o afogasse.

A careta era feia; mas amorosissima. Havia alli mescla de satyro cupidinoso e de amante soez. Angela não viu a fachada do coração que senhoreava. Se n'aquelle instante o encarasse, bem póde ser que a Senhora dos Remedios fosse lograda.

Dado o dilacerante *sim*, a ideal amante de Francisco Costa, a maviosa scismadora das *Esperanças*, entrou no seu quarto, e não pôde chorar. Sentia um

peso de estupidez, uma sensação na cabeça, como um capacete de lama, permitta-se a figura.

Victorina foi eminentissima em insartar argumentos sobre argumentos convincentes de que Angela havia de ser feliz, embora não amasse o marido, e simplesmente o estimasse como homem que a levantava com sua riquesa á independencia, á consideração publica, e ao futuro goso de se vêr viuva; «por que elle, dizia a criada, d'outro ataque vae-se embora».

N'uma tragedia d'esta ordem, como se vê, o comico está sempre negaceando á gente por detraz d'aquelle Fialho, o qual, apesar dos chacoteadores, tinha ares de bom homem, e talvez désse de si um marido regular, se se ajoujasse a uma femea da sua especie.

Por cortar demoras, não nos deteremos a descrever a bulha que a felicidade de Rita e do irmão fazia na casa. Fialho sahiu logo para o Porto a prover-se dos aprestos para o noivado, e então comprou os 6:500$000 réis de brilhantes, como consta do primeiro capitulo d'esta chronica social, e córtes de seda, e peças de veludo, e quanto lhe depararam as casas francezas, e modistas escripturadas que levou comsigo para a quinta.

No meio d'esta azáfama, Angela estava como insensivel, e na cama, onde uma febre lenta a prostrára.

Victorina, exagerando o susto, já era de parecer que se desligasse a ama da sua palavra, e não casasse.

—Que me importa a mim?! — dizia Angela —

D'um ou d'outro modo heide acabar breve. O coração já não o sinto. Não tenho saudades de nada. Morro, sem faltar á minha palavra. Se Deus me não der melhor vida depois, é que não ha céo.

Angela enganou-se. Ao fim de quinze dias estava cansada de pensar na sua desgraça, e indifferente, senão identificada. Estas refundições são vulgarissimas. E' minha opinião que as lagrimas deslaçam e rompem os liames de certas crenças e esperanças; porém, como á vida se fazem mister outros, opera-se uma renovação de vinculos que nos atam a outras preoccupações. Nas indoles feminis são por via de regra taes renovações mais temporãs, em rasão de operarem n'ellas as lagrimas em maior copia. E, se me não engano, ha ahi coração de senhora que póde frutificar colheitas variadas cada anno, duas, tres e mais, consoante a réga de lagrimas. E uma aleivosia que o mundo ignaro lhes assaca de versatilidade não é mais que illusões que se afogam e renovos que desabrocham assim que as lagrimas se estancam.

Postas estas coisas como explicação de outras relativas á filha do general Noronha, cumpre saber que no dia 4 de novembro de 1841, pelas 9 horas da manhã, contrahiram o sacramento do matrimonio D. Angela de Noronha Barbosa com Hermenegildo Fialho.

Entre as testemunhas d'este consorcio, invejado das damas e cavalheiros do concelho, estava aquelle João Pedro, mordomo do general.

E' que elle tinha chegado na vespera a entregar a D. Angela o cofre das joias de D. Maria d'Antas,

e a mostrar uma carta, escripta desde Paris, em que o general dizia: «*Se souberes onde pára a se-*
«*nhora que pernoitou n'essa casa, entrega-lhe um ca-*
«*cifro de objectos de oiro e pedras que está no meu*
«*quarto, e cobra recibo.*»

João Pedro, informado da riquesa do noivo, antes de o vêr, felicitou a filha de seu patrão; mas, depois que o viu, coçou as farripas da calva, e disse á puridade, a Victorina:

— Oh! com dez milheiros de diabos!...

— Então que é? — perguntou a criada.

— E' que, se a fidalga não fôr santa, aquelle homem hade ser...

E callou-se, porque adivinhou que eu tinha de contar fidelissimamente estas passagens.

XVII

Historia dos brilhantes

Em janeiro de 1842, Hermenegildo Fialho passou a residir no Porto em casa sua, mobilada pomposamente, na rua do Bispo.

Diga-se desde já, para anteparar estranhesas futuras, que o brasileiro andava scismatico e a modo de melancolico.

Não se descosia com ninguem, porque a irmã, sua confidente, ficára a governar a quinta dos Choupos. E', todavia, facil entrar nas cavernas d'aquelle peito, sem embargo do enxundioso arnez.

Fialho conjectura que Angela o aborrece. Nem um sorriso, nem uma caricia, nem uma palavra que não seja resposta concisa e sêcca. Elle não ousa arguil-a; mas, se mansamente se queixa, Angela responde com um franzir de testa e um silencio tetrico.

Principia o arrependimento a desbastar-lhe as opulencias musculares, e o figado a dar rebates de

desordem intestinal. Recorre aos emolientes; mas a esposa, como elle revelou ao compadre Athanasio, manda-lhe cingir as papas por um gallego.

Angela faz isto innocentemente. E, talvez, que, matrimoniada com um archanjo, não pozesse mãos em linhaça, se os archanjos podessem soffrer do figado.

Debaixo das telhas do proximo passam agonias ridiculas que não viu o dom Cleófas de Le Sage.

Victorina está sempre a procurar na cara do amo signaes de morte. Se o vê mais amarello, ou mais vermelho, com o nariz menos succoso, e os olhos mais incovados, diz logo a Angela: «O homem não tarda!» A phrase era illipticamente economica; o *não tardar* era ir depressa para a sepultura.

Resolvido a viver e distrahir-se, Fialho abriu escriptorio na Reboleira e comprou navios. E distrahia-se. A bailes e theatros não ia, nem Angela os desejava. Como é já notorio, em substituição á missa, comprou oratorio para uso da esposa. Hermenegildo, em materia de religião, era bestial.

Decorreram seis mezes. Angela foi mudando salutarmente para ambos. Estava affeita. Conversava com melhor sombra; mas acariciava um gato para sentir o praser nativo de suas aveludadas mãos. Hermenegildo olhava para o lombo lusidio do bicho, e espumava umas coleras que engolia azedas como vomito de digestão derrancada.

Na primavera d'este anno, o brasileiro foi á terra, e só, para queixar-se á irmã n'estes termos:

—Ella não me tem casta de amor nenhum. Passam-se dias que não dá palavra, e noites que ador-

mece a resar e lá fica. Este casamento foi o diabo! Cabeçada assim nunca a deu homem de juizo! E' bonita, mas de que serve? E' como quem tem um painel em casa. Se é fidalga, isso cá a mim que me faz? Fidalga é a burra. Emfim, desde que me desenganei que não ha volta a dar-lhe, lancei cá os meus calculos, e já sei o que heide fazer... Nada de me apaixonar. Mulheres que me queiram não faltam. Eu me arranjarei como fazem todos.

A irmã deu-lhe bons conselhos, e recommendou-lhe paciencia e juizo.

— Lembra-te, dizia ella, que a pobre menina fez uma promessa para te salvar da morte, e casou comtigo sem amor.

— Então não casasse.

— Eu disse-t'o, e tu disseste que o amor vinha depois. Então espera que elle venha, meu filho.

— A'gora vem! olha que ella está-se a fazer velha; e de aborrecida já nem parece a mesma. Está mais amagrada, e branca como a cal da parede.

— Coitadinha!—atalhou Rita condoida.

— Coitadinho de mim!

— Mas tu estás bem gordo, Hermenegildo!

—Bem haja eu! podéra não! Vou fazendo pela vida.

— Mas não a mortifiques, que ella é um anjo.

— Não me cantes lerias, Rita! Aquella mulher tem lá no interior outra paixão antiga. E queira Deus ou o diabo que ella me não pregue alguma, que eu não sou para graças. A' primeira que me fizer, ponho-me ao largo.

— Jesus! tu estás ahi a asnear, homem de Deus! pois uma senhora tão boa, tão resadeira...

— Ora contos, minha amiga; as que resam muito lá sabem por que o fazem. Se ellas não teem peccados, p'ra que resam? Responde lá, se és capaz!

— Tu és hereje, Hermenegildo!

— Qual hereje! sou *phelosepho*, é o que eu sou.

E era.

Em quanto elle philosophava em linguagem correntia—merito de que não se gabam muitos de seus confrades—lances extraordinarios passavam na vida de Angela.

Estava ella á janella, em um domingo de manhã, quando viu subir da Praça Nova uma mulher de mantilha, que a fez estremecer vista de longe. Desceu de corrida ao primeiro andar e abriu a janella a tempo que a mulher passava defronte. Duvidou, acreditou, hesitou, e emfim disse em voz alta á criada que a seguira assustada:

— Será Joanna?!

A mulher, que passava, voltou o rosto rapidamente, deu d'olhos em Angela e estacou.

— E' ella, é ella!—confirmou Victorina.

— Suba, sr.ª Joanna!—disse a senhora agitadamente, correndo a recebel-a no pateo.

— O' minha senhora! — exclamou Joanna — O' meu Deus! pois eu encontro aqui a sr.ª D. Angela! ainda torno a vêr esta senhora!

Abraçaram-se enternecidas e subiram sem se desenlaçarem.

— Como ella está acabada!—disse Victorina benzendo-se.

— Estou muito velha e muito doente... e vossa excellencia ainda tão formosa, mas mais descoradi-

nha!... Eu vim de Vianna ha tres mezes, perguntei por vossa excellencia, e ninguem me soube dizer onde parava. E estava aqui! e eu sem o saber!...

— Então tem tido muitas amarguras na sua vida? —perguntou Angela com os olhos afogados em lagrimas muito fitos n'ella.

— Oh! se tenho, minha senhora! Ha perto de quatro annos a vivermos d'um trabalho pouco rendoso...

— A viverem...—atalhou Angela—então seu irmão...

— Meu irmão está comigo, minha senhora. Nunca nos desamparamos um ao outro, e Deus tem sido misericordioso comnosco deixando-nos viver juntos...

— Aquella morte de seu marido...— balbuciou a sobrinha de D. Beatriz.

— Não me falle n'isso, minha senhora, que ainda se me parte o coração, quando me lembro de o vêr cheio de vida e luctando com a desgraça para poder pagar á sr.ª D. Beatriz, sem vender a casa; e, em poucos dias, matou-o a paixão de se vêr deshonrado e...

— Sei tudo, sei tudo...—murmurou Angela apertando-lhe as mãos — Perdôe-me, sim?— continuou ella com a voz tremente — Perdôe a quem foi a causa de morrer seu marido...

— A causa, minha senhora, não foi vossa excellencia; foi a má estrella que nos perseguia. Ninguem podia prever o que aconteceu. Tão culpada foi a senhora, como eu, como o meu pobre Fran-

cisco. Por causa d'elle tambem vossa excellencia padeceu muito, segundo lá ouvi dizer em Vianna a uma criada que foi do convento. Affirmaram-me que vossa excellencia chegara a sentir a precisão de trabalhar... Quem diria!...

— E que tem isso? Peor seria se o meu trabalho me não chegasse para o pão de cada dia...—reflectiu Angela.

— Quando contei isto a meu irmão, parecia que a luz dos olhos se lhe apagava nas lagrimas...

As duas senhoras referiram mutuamente a sua historia, desde o momento em que se apartaram.

A leitora sensivel antes quer ignorar miserias que alli se revelaram as duas amigas; que farte tristesas são já sabidas pela piedade e sympathia.

Tinham decorrido tres horas de pratica entre sorrisos e lagrimas, quando Joanna se levantou e disse:

— Deixe-me vossa excellencia ir fazer o jantar de meu irmão.

— Espere...—atalhou Angela, e foi ao seu quarto.

Parou á entrada, e exclamou, como se houvesse medo de entrar:

— Ah!

E, chamando Victorina, perguntou com afflicção:

— As joias de minha mãe ficaram na quinta, não ficaram?

— Sim, minha senhora. Vossa excellencia disse-me que as fechasse na commoda, por que eram coisas antigas que já se não usavam; até seu marido, n'essa occasião, lembrou que o melhor era trocal-as por enfeites modernos.

— E' verdade!... — recordou Angela com muita amargura — Como hade ser isto? Eu queria dal-as a Joanna.

— Dal-as?... e se seu marido perguntasse por ellas?

— Respondia que as dei.

O tom severo d'esta resposta forçou a criada a silencio.

Angela voltou á sala, apertou entre as suas as mãos da viuva, e disse-lhe com vehemente solemnidade:

— A minha amiga vae jurar pela memoria de seu marido que não dirá a seu irmão que me viu.

— Juro, minha senhora.

— E não lh'o dirá por que o vermo-nos complicaria o infortunio de ambos.

— Não era preciso lembrar-m'o vosso excellencia.

— E promette-me aqui vir ámanhã á mesma hora?

— Sim, minha senhora.

— Então vá, e creia que tem aqui ao pé da minha alma de irmã a alma de seu marido. Eu heide melhorar a sua sorte, se a senhora nunca esquecer o seu juramento.

— Não esquecerei, sr.ª D. Angela.

Sahiu Joanna; e a esposa do brasileiro abriu um estojo de velludo, que continha o adresse que o marido lhe dera. Examinou as peças, procurando uma, cujas pedras se desencravassem com menos custo. Escolheu a pulseira, e d'ella com os bicos de thesoura extrahiu um brilhante. Chamou Victorina, e disse-lhe:

— Vae vender esta pedra a um ourives.

— Vender?!... — objectou com espanto a criada.

— Sim, vender.

— Teremos novas desgraças, minha senhora?

— Não. Temos desgraças antigas a remediar. Faz o que te mando, Victorina, senão, vou eu.

A criada sentiu-se impellida por irresistivel força. Angela, quando mandava com imperio, fazia lembrar á velha a soberba e inflexivel Maria d'Antas.

Sahiu Victorina, examinando, na rua das Flôres, as ourivesarias mais abastecidas. Entrou na loja dos srs. Mourões, e vendeu o brilhante por 250$000 réis.

Voltou a tremer, medindo a gravidade do delicto pela abundancia de oiro e prata que lhe pesava de certo modo na consciencia. Entregou o dinheiro a sua ama, e abalançou-se a fazer considerações timoratas sobre o alcance de tal passo.

D. Angela rebateu os sustos de Victorina com o seu ar de infinita alegria — raio de luz que muitos annos havia não tinha tocado os luctos d'aquella alma.

— As minhas joias já elle me disse que valeriam quatro ou cinco contos — ajuntou Angela para aliviar dos escrupulos a menticulosa criada — Quando elle (*elle* era o marido) désse fé que eu dispozera d'estes brilhantes, lá tem os de minha mãe para se resarcir.

— Mas o peior é se elle pergunta a quem vossa excellencia deu o dinheiro... — contraviou a sisuda velha.

— Se pergunta, responderei «dei-o». Verás que sou pontual no que prometto, se chegar essa occasião.

— Deus nos accuda por sua sagrada paixão e morte!... — esconjurou Victorina, e accomodou-se para não agorentar a exultação da ama.

No dia seguinte, á hora aprasada, chegou a irmã de Francisco Costa. Foi recebida com grande contentamento.

— A minha amiga — disse a filha do general com a mesma gravidade do dia anterior — continua a jurar pela memoria de seu marido que fará quanto eu lhe disser, e não revelará a seu irmão palavra do que se aqui passar. Jura?

— Farei o que vossa excellencia disser, sendo coisa que não possa acarretar-lhe desgostos.

— Não me ponha condições; se m'as põem, torna-me mais desgraçada do que eu era — disse Angela com transporte, perdendo por instantes a alegria que lhe illuminava o rosto.

— Farei o que vossa excellencia mandar.

— Bem. Escute-me. Quero que a senhora mude de situação, de casa, e de tudo. Quero que seu irmão continue os seus estudos. Quero restituir-lhe o que perdeu com a morte de seu marido...

— O' minha senhora, vossa excellencia...

— Deixe-me fallar. Quero que seu irmão nem em sonhos possa conjecturar donde a minha amiga recebe os recursos. Ajude-me a pensar; como hade ser isto? Como poderemos nós enganal-o?

— Não sei, minha senhora... Meu irmão sabe que eu nada tenho, e que os nossos parentes todos são pobres...

— Eu pensei toda a noite n'isto. Inventei uma mentira innocente. Veja se tem geito... Parece-me

que sim... A minha querida amiga finja que uma pessoa de Vianna, que não se declara, ficou devendo em consciencia a seu marido certa quantia de dinheiro, e quer restituil-a por que tem remorsos de ter contribuido para a quebra e morte do sr. José Maria. Comprehende?

— Sim, minha senhora; mas...

— Espere. Ouça o resto. Essa pessoa diz na carta que irá remettendo, de tempo a tempo, a quantia que deve, e declara que não é pequena a restituição, para que seu irmão possa sem receio de ser interrompido por falta de meios, continuar o seu curso. Que lhe parece?

— Não me parece mal; mas se meu irmão quer entrar em averiguações...

— Na carta hade dizer a pessoa que das averiguações, se se fizerem, resulta a suspensão dos pagamentos porque o restituidor não se esconde de Deus, mas quer esconder-se do mundo. Pensei em tudo.

— Mas quem hade escrever a carta? — argumentou Joanna.

— Olhem a grande difficuldade! Escrevo-a eu.

— Mas elle conhece a letra de vossa excellencia...

— Que novidade! Deixe-me acabar... escrevo-a eu, e Victorina chama um rapaz da escola, e paga-lhe para que a copie; e, depois, a carta finge-se trazida por um sujeito desconhecido que a procura em sua casa em quanto seu irmão está no escriptorio, e lh'a entrega com este dinheiro.

E, dizendo, entregava a Joanna os 250$000 réis em uma saquinha.

A irmã de Francisco hesitava em receber. Angela lançou-lhe a sacca ao regaço, e disse:

— Com esses modos não me deixa gosar todo o contentamento com que Deus me está compensando o martyrio de quatro annos! Minha amiga, deixe-me inteiro este goso, por quem é, por alma de seu marido lhe rogo!

Lavada em lagrimas, Joanna inclinou-se a querer beijar os pés da fidalga, que a estreitou com transporte ao coração.

— Vá que são horas — disse Angela — guarde o dinheiro onde seu mano o não veja. A'manhã torne á mesma hora, que já heide cá ter a carta. Fico muito alegre. Vou agradecer a Deus este raio de sol. Não me acha hoje mais bonita? mais nova? Olhe o que faz a felicidade!... Ha quatro annos á espera d'esta hora!... E' hoje a primeira vez que vejo seu marido a sorrir para mim do outro mundo!... Não chore, que elle não quer. Vá, vá minha amiga...

Joanna sahiu enchugando as lagrimas, e entrou no primeiro templo que encontrou aberto a pedir ao Senhor que abençoasse a caridade da virtuosa Angela.

Sahiu-lhe bem logrado o plano á consolada senhora.

Francisco José da Costa leu a carta como assombrado d'um caso de restituição em tempos de tanta philosophia alumiadora dos espiritos — quando para castigo de ladrões já não havia inferno, nem para gloria de arrependidos céo. Contou o dinheiro, e disse á irmã:

— Agora, minha pobre Joanna, cessa de trabalhar. Vae vivendo do que receberes, que eu para mim cá me arranjarei com os tres tostões da escrivaninha.

— Isso acabou, Francisco. Deixas-te de ser amanuense de tabellião.

— Estás doida com a tua felicidade dos 250$000 réis!...

— Olha, Francisco, — tornou ella — se este dinheiro e o que vier te não servir, para mim é inutil. Ou tu continuas os teus estudos, ou eu continuo a minha costura, esperando que um dia te resolvas a empregar o dinheiro. Escolhe. Juro-te que não levantarei cinco réis d'este, e do que vier, sem que tu estejas formado. O que peço é que me alugues melhor casa e que a mobiles com mais limpesa. Peço-t'o muito por ti, e pouquissimo por mim. Estamos em março; vê se consegues ainda este anno continuar a aula que interrompeste em fevereiro ha quatro annos. Forma-te, meu querido irmão, e serás depois o meu amparo. Então descançarei confiada sómente aos teus cuidados.

A lei não permittia abrir matricula extemporaneamente. Todavia, Francisco passou o restante do anno recordando materias esquecidas desde as mais rudimentares das aulas preparatorias. Melhorou de casa, comprou livros, sentiu-se renascer, abendiçoou muitas vezes a Providencia que suggerira no coração de quem quer que fosse a virtude de repor um roubo — virtude difficilima, digo eu, que encheria o céo de santos, se os ladrões, uma bella ma-

nhã, se combinassem para expulsar de lá os bem-aventurados por virtudes faceis. Roubar e restituir depois, dizia elle, inculca uma transformação moral de tal magnitude que não se faz mister provar com outro phenomeno a divindade da religião que operou tal maravilha.

No primeiro capitulo d'este livro vem contado o proseguimento da venda dos brilhantes até completar-se a formatura de Francisco Costa, concluida em 1846. A illusão do estudante nunca soffreu quebra. A restituição orçava por 1:650$000 réis, quando o cirurgião-medico, desgostoso de se vêr sem clinica, bem que se distinguisse em premios e habilidade operatoria, deliberou aceitar a proposta d'um armador para ir ao Rio de Janeiro como cirurgião de d'uma galera. O proponente era Hermenegildo Fialho, sujeito que Francisco nem de nome conhecia. Aceitou sob partido que ficaria, no Rio, se lhe approuvesse.

Joanna, na vespera de embarcar-se o irmão, pediu de joelhos a D. Angela que lhe deixasse declarar a quem deviam a sua felicidade. A esposa do brasileiro, redarguio que lhe daria máo pago, se a denunciasse sem precisão nem utilidade, indo humilhar um homem que não podia agradecer, sem desconsolação, o beneficio da mulher que o amou.

Pelo que respeita ao viver intimo do brasileiro e esposa, no correr d'estes cinco annos, é de notar que melhorou sobre maneira. Angela conformara-se, ou as alegrias da beneficencia vislumbravam-lhe no rosto, mais affavel para o marido. Elle, por sua parte, cumprindo o programma exposto equivoca-

mente á irmã n'aquella phrase *eu me arranjarei*, realisou-o exuberantemente mobilando em S. Roque da Lameira e na Cruz da Regateira duas vivendas alegres, gaiolas d'amor, em que tinha as duas aves colhidas a visgo de oiro nas florestas da sua Barrosas, segundo elle confessára, justificando os motivos a seu hospedeiro compadre Athanasio José da Silva.

E visto que chegamos ao ponto em que deixamos o brasileiro roncando, ligue-se a historia, depois de havermos affastado da immaculada esposa as presumpções aleivosas.

XVIII

A infamada

Estava Angela escrevendo a um dos tres amigos de seu marido, rogando que a não considerassem esposa infiel, nem diffamassem seu nome, querendo forçal-a a entrar n'um convento, á imitação das mulheres delinquentes. Promettia ella defender-se, se seu marido a quizesse escutar, a sós, bastando-lhe de sua innocencia o testemunho de Deus, cuja providencia, em tão apertado lance, lhe dava coragem para encarar de rosto qualquer desgraça, menos a de entrar no convento com a nodoa de adultera.

A carta ia ser fechada, quando se annunciou Athanasio, com os seus amigos Pantaleão e Joaquim Antonio.

O marido da Ruiva declarou que o amigo Hermenegildo teimava em que sua mulher entrasse no convento que lhe fosse escolhido por elles representantes de suas ordens; e que, no caso de a senhora se negar a obedecer a tão justo mandado, fizesse

de conta que não tinha marido, nem casa, nem fortuna, porque todos os teres e haveres de seu homem estavam hypothecados, vendidos e alienados, como se provaria em juizo com documentos da maior validade

Escutou-os Angela, e disse serenamente:

— Mandam-me por tanto sahir?

— Sim, se a senhora não quizer ir para convento.

— Não vou.

— Então, muito nos custa dizer-lhe que...

— Despeje a casa? — concluiu Angela.

— Sim..., se a senhora...— repetiu Athanasio — Bem sabe que a honra d'um homem... Seu marido tem de dar contas á sociedade...

— E a Deus — ajuntou Angela.

— Isso de Deus...— resmuneou Joaquim José Antonio.

— Não ha? — perguntou ella.

— Não sei se ha, nem se não ha. O que sei é que elle não se mette cá n'estas coisas.

— Se a senhora está innocente — interveio Pantaleão — prove-o. Diga a quem deu 1:650$000 réis.

— A um pobre.

— Mas quem era o pobre? Saibamos isso... Era pobre honrado?

— Era.

— Como se chama?

— Ainda que lhes diga o nome d'elle, os senhores não conhecem os pobres honrados; conhecem sómente os infames ricos.

— Tenha prudencia na lingua, minha senhora — rebateu Athanasio.

— Desçam as escadas, que quero sahir, seus biltres! — exclamou a filha de D. Maria d'Antas — Se os gallegos da casa me obedecessem, haviam de fazel-os saltar pelas janellas; mas a casa já não é minha, e infame eu seja quando pedir um ceitil do que ella encerra. Aqui ficam as joias de minha mãe, que valem quatro ou cinco contos de réis. O seu amigo Hermenegildo que se pague do que me deu, e, se alguns vintens sobejarem, que compre uma corda e que se enforque.

— Irra!... que mulher! — dizia Joaquim a Pantaleão, limpando o suor da testa em janeiro.

— Tem diabo no corpo! — regougou o outro.

Voltaram-lhe as costas com arremesso, e sahiram vociferando palavras insultantes.

Depoz elles sahiram Angela e Victorina, deixando as portas abertas e a casa entregue aos criados, que choravam em altos clamores.

— Vaes tão triste?! — perguntou Angela á criada.

— E vossa excellencia não, minha infeliz menina?

— Não! pois não vês?! O que eu não deixei n'aquella casa foi o ouro da consciencia...

— Sahir sem nada!... Que leva vossa excellencia ahi n'esse dispensavel?...

— E' o livro dos Sonhos do Francisco — respondeu ella sorrindo — Não tenho mais nada que me recorde a minha alegre mocidade senão isto e tu! As coisas que mais amo vão comigo.

Victorina chorou de agradecida, e participou involuntariamente da alegria da senhora.

Entraram na rua do Moinho de Vento e procuraram um numero de casa. Subiram, e acharam-se

na alegre e aceiada saleta de Joanna Costa, que se levantou a receber a fidalga com transporte e espanto.

— Venho pedir-lhe um canto da sua casinha! — disse Angela risonhamente — Dê-me o quarto de seu irmão para mim e para a minha Victorina.

— Pois que é minha senhora? que é isto?! — exclamou Joanna.

— E' que fui expulsa: não tenho casa, nem «fortuna». Veja como se cahe depressa, minha amiga! apesar d'isso, quando a queda não é vergonhosa, a gente parece que sente as azas dos anjos a amparal-a.

Referiu Angela o successo dos brilhantes, da intimação para responder á authoridade, da mensagem dos amigos do marido, etc. Se Joanna a interrompia com o choro, a serena hospeda revelava desgosto, e queixava-se do máo uso que ella fazia das lagrimas.

Finda a relação, a filha do general foi tomar posse do quarto de Francisco, quedou largo tempo a examinar as mais insignificantes coisas, boliu nos livros, nas gavetas, nos papeis escriptos, sorrindo a tudo.

— O meu livrinho das *Esperanças?* — perguntou ella.

— Levou-o. Costumava estar n'este sitio — respondeu Joanna indigitando um logar vasio entre dois livros.

— Pois irá para o logar d'elle o livro dos Sonhos.

E collocou o manuscripto, examinando os dois

livros lateraes. Eram tambem manuscriptos, e ambos com o mesmo titulo: ANGELA.

Joanna disse, sorrindo:

— Eu nunca lhe contei que elle tinha esses livros...

— Não.

— De proposito para que vossa excellencia os não quizesse vêr... Escreveu-os nos primeiros quatro annos da nossa pobresa. Passava as noites n'isto, depois de gastar os dias no escriptorio. Lia-me ás vezes alguma pagina, e abraçava me se eu chorava. Mas não se intristeça, minha senhora! Já mudou de semblante!

— E' felicidade! não me lamente, minha amiga!... Como eu quero a estes dois livros!... E era capaz de me deixar morrer sem que eu os visse?

— De certo! Deus me livrasse de eu ir inquietar vossa excellencia!... Já depois que meu irmão sahiu, estive aqui um dia muito doente, e pensava já em os rasgar, se peorasse; que não fosse alguem ler o que elle dizia de vossa excellencia...

— Pensemos n'outra coisa, minha amiga — tornou Angela com os olhos rasos de gososas lagrimas — Temos em que trabalhar?

— Não precisamos; que meu irmão deixou-me metade dos trezentos mil réis que foi ganhar. Apenas gastei duas moedas d'este dinheiro. Abra vossa excellencia essa gaveta, que lá está o resto.

— Mas é necessario trabalhar, minha irmã. A ociosidade é o tedio, é a doença, é o desespero. Olhe que eu, quando me chamavam a brasileira do

meio milhão, em cada dia, costurava cinco horas. E foi bom conservar os costumes adquiridos na pobresa do convento. A pobresa voltou; mas d'esta vez encontra-me prevenida, e de mais a mais disposta a desafial-a para que me incommode.

— E como o prazer lhe salta nos olhos! — dizia Joanna a contemplal-a, e a saborear o seu quinhão d'aquella communicavel alegria.

— Não, que a minha irmã não imagina quanto me sinto bem! Parece que renasci! O' Victorina, vae vêr como está isso lá de cosinha. Tenho vontade de jantar. Vamos jantar logo, Joanninha?... E, se seu irmão nos apparecesse agora? Se elle me encontrasse de posse do seu quarto e dos seus livros, e a escrever as minhas novas *Esperanças*... Esperanças! — sorriu ella accentuando a palavra — Agora é que as esperanças de ámanhã não hãode inquietar o bem de hoje! Até agora o que eu esperava era isto... esta paz, esta doçura de viver, sem parentes, sem ninguem, senão com as pessoas que sacrifiquei, e me querem bem, apesar de tudo, não é verdade?

— Mas se seu marido a vem buscar, minha senhora!

— Buscar-me! eu morri, ou elle morreu..., não sei bem quem foi; mas o certo é que nos não veremos mais...

A'quella mesma hora, Hermenegildo jantava na cevadeira de Athanasio. Escarmentado pela ceia da vespera, não comeu empadão d'ôstras; mas fez-se em lagôsta e salmão. Depois de jantar, reuniu os

amigos, e completou as instrucções a seguir sobre a segura arrecadação da sua «fortuna», alienação fraudulenta de quintas, casas e navios, tudo incontinente para antecipar-se á tentativa de divorcio com a separação do casal, a requerimento de sua mulher. Ao anoitecer, metteu-se em carruagem, e foi para S. Roque da Lameira, ou para a Cruz da Regateira: não liquidamos com certesa em qual das paragens pernoitou. O sabido é que uma das duas frescassas môças de Barrosas o seguiu para o Porto, no dia seguinte por noite, e tomou as redeas do governo da casa do brasileiro, e achou bonitas as cortinas do leito nupcial de Angela, quando pela manhã um raio de sol, atravez das rendas, aureolava a cabeça de Hermenegildo, contornada no braço trigueiro d'ella.

E, quinze dias depois, o brasileiro, chorado e lamentado dos amigos, embarcava em um dos seus navios, aproando ás praias de Santa Cruz, onde, dizia elle, ia esconder a sua vergonha, associando á sua angustia a franduna rapagôa, Rosa Catraia, que se lhe encostava ao coração, enjoada com o balanço da galera!

A colonia de brasileiros portuenses longo tempo chorou a sorte dura de Fialho. Alli, na Praça-nova e no Jardim de S. Lazaro, se apinhavam os magotes d'aquelle gentio a escoucear na honra de Angela. Em quanto uns diziam que ella passára a abarregar-se com o incognito amante, outros asseveravam ter exactas informações de que a tal fidalga de Cascos-de-rolhas cêdo poria em almoeda a sua bellesa. E os homens honestos do Porto jungima-

se na maledicencia com a vara de javardos que retoiçavam e forçavam na infamia uns dos outros. E sobre aquella gente chovia, e chove Deus toda casta de prosperidades! E a providencia ter-lhe-ha dado quanto tem e póde no dia em que enviar sôbre ella uma nova chuva... de albardas.

XIX

Amor proprio

Recebeu Joanna a segunda carta de seu irmão. A prosperidade affagava-o no Rio de Janeiro. Feliz n'uma operação de catarata, e louvado nos periodicos, fez soar o seu nome nas capitaes das provincias, d'onde concorriam os infermos a consultal-o. As remunerações eram liberalissimas, por maneira que, segundo a parcimonia de sua ambição, poderia, dizia elle, retirar-se com sobejos recursos para viver em Portugal sem clinica. Não transparecia da carta scintilla de contentamento, senão antes muitas e tristes saudades da irmã e do seu gabinete de meditação. O periodo ultimo da carta resava assim:

«Li ha dias no *Jornal do Commercio*, que tinha «chegado ao Rio o portuguez Hermenegildo Fialho, «que é ou era o dono da barca em que vim. Nunca «o tinha visto; mas intendi que devia procural-o, «por que era d'elle o primeiro dinheiro que ganhei «pela sciencia, e o com que te estás sustentando.

«Tinha-se hospedado em casa do seu correspondente. Sem eu nada lhe perguntar, me disse que deixára Portugal para sempre, por causa de serios desgostos que lhe dera a mulher. Ouvi-o em silencio, e tive pena do homem que me pareceu consternado, posto que nedio e pouco azado para mover á piedade. Mas a minha compaixão trocou-se em riso quando hontem o vi em Petropolis com uma espaduada mulher que denunciava pertencer á raça forte das nossas mulheres do Minho. Eu ia-me desviando d'elle, pensando que o embaraçava; mas elle mesmo me chamou para me offerecer de almoçar com tal instancia que não pude safar-me. Não me atrevia a perguntar quem era a nossa commensal. Como leste o D. Quichote imagináras que eu, comparando os personagens do romance com os do almoço, me figurei que Sancho tinha roubado Maritornes ao cavalleiro da triste figura. Realmente, Hermenegildo, como Sancho, excedeu a imaginativa de Cervantes.

«Em meio do almoço, o marido exilado da patria e da esposa que o deshonrou, me disse que aquella mulher era o seu aconchêgo, e a consolação das suas maguas. Isto me fez um certo inguilho, e fiquei depois a pensar na desmoralisação d'aquelles cincoenta annos. Talvez que a mulher cuide lá que o seu esposo anda por cá muito atormentado! Contei-te este caso por achar n'elle, não direi sal, mas podridão dos costumes contemporaneos, etc.»

Leu Angela a carta, interrompendo-se com impulsos de riso no derradeiro periodo.

— E, se elle soubesse que eu era a esposa de Sancho!... — exclamou ella casquinando uma argentina risada — Que piedosas lagrimas não verteria o nosso Francisco, minha irmã! E, se não chorasse, póde ser que eu lhe fizesse tambem ingulho!...

A despeito do riso, Angela doêra-se, e em secreto sentiu impetos de chorar. Não lhe pungia a ridicula libertinagem do marido. Que lhe fazia isso a ella? O nojo não tinha já onde coubesse. A magua era toda de amor-proprio; era prever que Francisco Costa, um dia, ao saber que tão grutesco homem era o marido da mulher unica do seu amor, sentiria despintar-se-lhe da fantasia o colorido ideal com que a etherisava nos dois livros chamados ANGELA.

E, como esta magua era de especie ruim de revelar-se, o callal-a foi um penetrar-se mais dos espinhos de sua perdoavel vaidade, e entristecer-se a extremos de dar que soffrer á amiga e a Victorina.

Perguntava ella uma vez a Joanna:

— Seu irmão, quando soube que eu casára no Minho, como o soube?

— Por que um homem de Ponte lhe disse que a filha do sr. general Noronha tinha casado muito rica, e o soubera do mordomo de seu pae...

— Eu vi aqui no livro d'elle, — interrompeu Angela—uma allusão ao meu casamento. Diz elle assim... (E abriu o livro, onde tinha a lauda dobrada, e leu:) *Que pena terás de ti propria, Angela, quando não sentires o calor da tua alma nas fórmas tão bellas, tão vestidas de celestial luz, conspurcadas no sêvo da brutal cupidez do argentario!...* Sabe, minha amiga, o sentido d'estas palavras?

— Sei, minha senhora. E' por que o mordomo de seu pae tinha visto, não sei onde, seu marido, e dissera ao outro que nunca vira coisa mais feia.

— E seu irmão despresou-me por isso?

— Leia vossa excellencia a continuação do livro e verá que elle não a despresou: amou-a sempre com a mesma elevação espiritual do tempo em que elle dizia, e eu mal o percebia: *Como homem d'alma adoro Angela, illumino-a á luz que radia das minhas crenças em Deus.* Quantas vezes eu lhe dizia:—Porque não amas outra?—E elle respondia-me: «Não se aviltam certas almas quando mesmo queiram envilecer-se...»

— Isto está aqui escripto — apontou Angela, e continuou lendo: *Entre ti e Deus poderá existir outro elo, minha querida amiga; mas eu não o conheço. Se um dia o conhecer, então esquecer-te hei. O homem, que te chama sua, é apenas a lama que se apegou ao brilhante cahido no tremedal. Eu serei sempre, na tua memoria, o aro de ferro onde realçaria o teu brilho. A sociedade enxovalhou-te, impelliu-te a golpes da miseria á degradação dos corpos escravos do ouro; mas eu sei que a tua alma se vae alçando mais para a sua origem purificada por agonias superiores ás minhas. A mim resta-me a independencia para chorar; e tu não tens sequer esse desafogo, minha pobre Angela! Eu sou mais feliz, e não queria sel-o...*

Estas leituras e os commentos de Joanna despontaram as puas do amor-proprio. A satisfação renasceu.

N'este tempo, noticiaram as gazetas portuenses que o general Noronha, voltára de novo a Paris, e recolhera a Portugal sem esperanças de cura, sendo um dos seus flagelladores padecimentos uma quasi cegueira, que lhe tornava horrorosa a existencia no seu solitario palacete de Ponte.

Angela sentiu-se transida de compaixão de seu pae, que ella tinha conhecido onze annos antes ainda vigoroso posto que encanecido. Escreveu-lhe. De sua vida nada lhe contava. Offerecia-lhe o seu braço para amparo, os seus olhos para vêr por elles, o seu coração de filha para urna das lagrimas espremidas pela saudade e memorias dos seus affectos de moço feliz, com todas as alegrias do mundo a cortejal-o. O general ouviu ler a carta ao seu mordomo, e disse:

— Cuidei que era morta... Morta está de certo...

E não respondeu.

Aquella carta redobrou-lhe o tormento da memoria ao ancião. Maria d'Antas relampagueava-lhe a miudo diante dos olhos d'alma; e elle circumvagava os do rosto para affastar a imagem formidavel com a diversão d'outras; mas... não via! Apenas tinha olhos para chorar.

— Por que não chama vossa excellencia para si sua filha?—dizia-lhe um dia o mordomo, com a liberdade de quarenta annos de servo.

— E quem te disse que ella é minha filha?

O mordomo callava-se.

— Quem te disse que ella era minha filha?—insistia o general esbugalhando os olhos cinzentos e nubelosos.

— Pensei, senhor...

— Parece-se comigo?

— Não senhor, é o rosto de sua mãe.

— Muito parecido? Já me não recordo de Angela...

— Tal qual. Quando aqui esteve, ha sete annos, era como a fidalga d'Antas quando... morreu.

— Vae-te... deixa-me...—rugia o cego, gesticulando vertiginosamente.

XX

O doente e o doutor

Em fins de 1848 prefazia dois annos e meio que Francisco José da Costa demorava no Rio, gosando os proventos de seus muito trabalho e creditos. As remessas de dlnheiro feitas á irmã denunciavam o proposito de voltar proximamente á patria. Uma instante recommendação fazia elle: era a compra da casinha de Vianna que Francisco ainda via luzente e doirada das illusões de sua mocidade. *Talvez que ali vá acabar os meus dias*—escrevia elle—*Tenho posses para mais; no entanto as minhas esperanças não vão mais longe; e as tuas, pobre Joanna, são vêr-me resignado na tristeza.*

Era, pois, em novembro de 1848.

O doutor Costa, como no Rio o honorificavam, foi chamado para visitar um enfermo já seu conhecido e de muita consideração.

Era Hermenegildo Fialhó de Barrosas — o roliço devasso que elle não tornára a vêr desde o almoço de Petropolis.

Encontrou-o doente do figado: desconfiou da enfermidade n'aquelle clima, e no afogo do verão.

O acerto do tratamento, desfez os mais graves symptomas; receava, não obstante o facultativo que o doente recahisse por demasias de gulodice em que a enfermeira se mostrava complacente amiga, e lambaz quinhoeira.

Hermenegildo não dispensava duas visitas diarias, pagando-as com generosidade, porque, dizia elle:

— Sou muito rico, conto mais de duzentos contos, e não tenho herdeiros. Tinha uma irmã, que já morreu ha tres mezes, com paixão de me vêr sahir de Portugal para nunca mais. Não poupe o meu dinheiro, sr. Costa; e de cada vez que vier conte com uma nota de cem mil réis. O que eu quero é saude para gastar o que tenho; que já não sou capaz d'isso.

— Então vossa senhoria não teve filhos de sua senhora? — perguntou o doutor.

— Nada, não tive, nem tenho de ninguem. Não sou de casta.

— Mas sua senhora, se não houve divorcio nem escriptura especial, deve partilhar da sua herança, penso eu.

— Isso é cá uma historia que eu contarei ao meu amigo doutor Costa. Minha mulher... minha ou lá do diabo de quem é, não hade receber uma pataca, se eu fôr adiante d'ella. Quando me apartei, desfizme de tudo; isto é, dispuz a minha fortuna de geito e com taes artes que ella não acha coisa a que deite as unhas.

— E tem ella recursos de que viva, depois que vossa senhoria a deixou?

— Não sei, nem quero saber. Dizem que o pae é rico; mas elle faz tanto caso d'ella como eu.

— Desculpe-me fazer-lhe uma pergunta:

— Pergunte o que quizer; que eu já não me importo fallar n'isto. Deitei o coração ao largo, e, como o outro que diz, leve o diabo paixões e mais quem com ellas medra. Gosto do cavaco. Que queria o sr. doutor saber?

— Se teve rasões para privar inteiramente de recursos sua senhora. A's vezes acontece um homem, na sua posição de atraiçoado pela esposa, cavar mais fundos abysmos á sua honra, atirando a culpada ao meio da sociedade, como quem diz: «ahi vae uma mulher que eu podia salvar da extrema miseria... Levem-n'a á ultima paragem do vicio!»

— Não que eu quiz salval-a — acudiu o doente — mas ella não quiz. Dava-lhe que comer n'um convento, e a doida sahiu pela porta fóra, descompondo os meus amigos.

— E foi viver com o amante, ou esse mesmo a abandonou?

—Isso não sei. Eu o amante não lh'o conheci, nem sei quem fosse.

— Não sabe?! então com que provas se julgou trahido?... Desculpe...

— As provas foi ella gastar dinheiro grosso sem dizer no que: disse que o dera, e acabou-se. Pois a quem dava ella o dinheiro?

— Era velha sua mulher?

— Nada: era uma rapariga bonita, bonita d'uma

vez. Não tinha de seu; apaixonei-me pelo palmo da cara, e casei. Vossa senhoria, que é do Porto, nunca ouviu nomear um general chamado Noronha?

— Noronha?!—exclamou Francisco José da Costa, cravando os olhos pavidos no brasileiro.

— Sim, um general Noronha que vivia em Ponte do Lima... Minha mulher era filha d'elle...

— Como se chama essa senhora? — interrompeu o facultativo respirando difficilmente.

— Angela.

Francisco Costa, espaço de tres minutos, ficou n'um espasmo e torpor de pensamento e acção. Aos olhos do brasileiro aquelle ar espantado significava estar o doutor recordando-se de ter conhecido o general ou a filha.

— Talvez que o sr. doutor visse alguma vez minha mulher no Porto... — proseguio Hermenegildo — eu morava na rua do Bispo, n'uma casa de azulejo de quatro andares... Vossa senhoria está incommodado! — disse o doente, notando extraordinaria mudança no rosto do medico — Parece que está a infiar!...

— Não, senhor. Estou bom... estava a ouvil-o, e a lembrar-me... que não me é estranho o nome do general e da filha... D'onde era sua senhora?

— De Vianna, cuido eu.

— Mas eu tinha ouvido contar que uma filha do general Noronha casára na provincia do Minho...

— Foi comigo; eu estava então na minha quinta dos Choupos. Lá é que foi dar a tal senhora porque era amiga de minha irmã, que tinha estado no mesmo convento com ella, e eu fiz a grande bur-

ricada de casar, sem pedir informações a ninguem.

— E depois mudaram para o Porto? em que anno?

— Em 1840.

— E foi no Porto que o sr. Fialho teve rasões para suspeitar da lealdade de sua senhora?

— Sim, senhor.

— Mas já me disse que não conhecia o amante, nem tinha a certesa de que ella o tivesse...

— Lá conhecel-o, não conheci; mas a quem dava ella o dinheiro? A minha casa não ia homem de suspeita. Ella não se visitava com folego vivo. Mulheres d'estas de mexericos não me punham lá o pé das escadas acima, a não ser a costureira de longe a longe. Não sei; o que sei é que descobri que ella vendia os brilhantes d'uma pulseira que lhe dei, e distribuia o dinheiro.

— Quantia grande?

— Que eu saiba 1:650$000 réis. Não era pelo dinheiro, que isto cá a mim não me fazia móssa; a minha questão era saber a quem deu ella este capital. Isso é que nem Deus nem o diabo foram capazes de lhe tirar do bucho.

Deteve se Francisco a pensar n'aquella quantia de dinheiro confrontando-a com outra que recebera durante o tempo da sua formatura. O homem tinha momentos de cuidar-se allucinado ou adormecido. A's vezes, a ancia com que perguntava e o alvoroço com que ouvia as respostas, inclinavam-no sobre a cara do enfermo, que tinha rasão de se espantar da torva inquietação do doutor.

— Queira dizer-me...— voltou Francisco e sus-

teve-se embaraçado com a torrente de perguntas que lhe sossobravam o espirito.

— O quê? — perguntou Hermenegildo, que parecia folgar n'estas confidencias com o seu medico.

— Já me disse que a sua casa ia apenas uma costureira...

— E' verdade...

— E essa costureira...

Susteve-se outra vez o interrogador, receando demasiar-se em averiguações que deviam parecer desnecessarias ao marido de Angela.

— Da costureira não desconfiava eu, nem me importava que ella lá fosse; mas olhe que não deixei de indagar da vida d'ella.

— E soube alguma coisa?

— Soube que era uma viuva honrada e que vivia com um irmão. Chamava-se ella Joanna, e por signal que não era má fatia! — accrescentou elle piscando o olho direito e tregeitando uma carêta de sybarita.

O facultativo callava-se a intervallos grandes. Dir-se-hia que o nojo crescendo, subindo, impolando-se do peito acima lhe impedia a falla.

De subito, perguntou com a fronte avincada:

— E para onde foi a sr.ª D. Angela?

— Não sei: os meus amigos ainda a viram sahir com a criada pela rua acima, tomar para o largo do Laranjal, e não souberam mais nada. Eu, passadas duas semanas, fiz-me de véla para aqui.

— Mas não póde o sr. Fialho conjecturar onde ella iria ter?

— Quem sabe lá?!

— Ella sahiu sem dinheiro?

— Acho que sim. Não me faltou nada de casa. Tinha lá umas joias, que eram da mãe, e deixou-as.

— Então sahiu em circumstancias de pedir esmola?

— Esmola?... acho que não...

— Por que acha que não?... Uma senhora pobre, educada como fidalga, não exercitada em qualquer trabalho, de repente privada de meios, e indigente, que faria?

— Não sei... lá se avenha...

— Supponha o sr. Fialho que D. Angela de Noronha, em vez de trabalhar, porque não sabia, e em vez de mendigar, porque não podia, começou a vender-se porque era bonita!... Se assim acontecesse...

Demorou-se, instantes, suffocado Francisco, e repetiu:

— Se assim acontecesse...

— O senhor parece que está a lagrimejar?!

— Estou, não ha duvida... por que me compadeço d'essa pobre senhora...

— Compadece?... Então acha que é bonito uma mulher deshonrar um homem de bem?

— Quem é o homem de bem?

— Sou eu...

— O sr. Fialho?!

— Então vossa senhoria duvída?!

— Não duvido. Tenho a certesa de que o senhor é...

A cadeira de Francisco Costa tremia em vibrações. Ao brasileiro augmentou-se-lhe o espanto,

quando viu o doutor erguer-se de salto e lançar mão do chapéo.

— Vae-se embora, doutor?!... O senhor não vae bom!... Que é lá isso? venha cá!

— Lembrei-me que tenho doentes, e a hora de os visitar já passou, mas volto logo — respondeu o medico, examinando o relogio, sem ver a hora.

— Nada... vossa senhoria sabe alguma coisa de minha mulher... Aqui ha historia...

— Sei! — disse Francisco Costa, encarando-o de lado quando se retirava — Sei que D. Angela, até ao momento em que o senhor a expulsou de casa, foi pura e honrada esposa.

— Venha cá! como sabe isso?! — bradou Fialho sentando-se no leito.

O medico tinha sahido.

— Aqui ha mandinga, por mais que me digam! monologava o brasileiro, apalpando ao mesmo tempo o figado congestionado — Quem diabo disse a este sujeito que a minha mulher estava honrada? E' o primeiro homem que me diz isto!... Quero saber este negocio como é! A' tarde vou mandal-o chamar. Se elle poder provar que Angela estava innocente, mando-a procurar, e dou-lhe uma boa mesada, e a quinta dos Choupos. Mas onde estará ella a esta hora!...

Meditou uma curta pausa, e acrescentou:

— Ora bolas! qual pura nem qual cabaça!... Se ella estivesse innocente, ia pela porta fóra?!...

Hermenegildo sentia-se bem disposto para jantar; mas a gallinha injoava-o já. Pediu a Rosa Catraia que lhe levasse do seu jantar. Comeu uma farta ga-

mellada de carne secca com feijão preto, bebeu á proporção vinho de Bordeus, adoçou os bocios com uma tigella de maracujá, e estendeu-se no flacido colchão para sestear.

Pouco depois rugia, apanhando os refêgos do estomago que latejava, e contorcendo-se sobre o figado. Era uma colica.

Sahiram os criados a procurar o doutor Costa. Encontraram-no, caminho já da casa de Hermenegildo Fialho.

— Estou a morrer, se me não accode! — exclamou o doente escabujando nos braços de Rosa Catraia.

O doutor receitou, ouvida a exposição da enfermeira. Um vomitorio energico arrancou das cavernas d'aquella sentina a morte involta em ondas de feijão preto.

Estava desafrontado, mas ardentemente febril.

O doutor examinou attento se as faculdades intellectivas do doente estavam de leve alteradas pelo accesso febril. Aprasivelmente reconheceu a sanidade do espirito do homem, que lhe dizia com voz roufenha:

— Sempre vossa senhoria é um grande cirurgião! Palavra de honra, que eu estava a espichar d'esta!

Francisco Costa disse á concubina que sahisse do quarto, e sentou-se á cabeceira do doente.

— Parece-lhe que estou peor, doutor? — disse assustado o brasileiro, traduzindo funestamente o aspeito severo e pensativo de Francisco.

— Não, senhor. Está melhor. Poderá o sr. Hermenegildo lêr um papel que eu aqui tenho?

— Lêr um papel?! que papel é esse? Posso lêr perfeitamente.

— Leia.

Fialho recebeu uma meia folha de papel sellado, que continha o seguinte:

Declaro eu abaixo assignado Hermenegildo Fialho Barrosas, negociante que fui no Porto, e actualmente morador no Rio de Janeiro, que recebi do cirurgião Francisco José da Costa, residente na mesma cidade, a quantia de um conto, seiscentos e cincoenta mil réis, fortes, que minha mulher D. Angela de Noronha tinha emprestado a Joanna Costa, irmã do dito cirurgião, e costureira residente no Porto, afim de com esta quantia, recebida em diversas parcellas, o referido cirurgião poder continuar e completar a sua habilitação para curar. E, como isto é verdade, pedi ao dito Francisco José da Costa que este fizesse para eu assignar na presença de tres testemunhas que são...

Aqui terminava a leitura.

Hermenegildo sentara-se espantado no leito, ao passo que Francisco tirava d'uma carteira um masso de notas, e lhe dizia serenamente:

— Torne a lêr, se quizer, sr. Fialho; mas não me faça perguntas; por que tudo que tenho a responder-lhe está ahi. Eu sou o irmão da viuva honrada que ia a sua casa. Fui um moço pobre que a sr.ª D. Angela conheceu bom e digno de ser estimado na mocidade de ambos. Recebi d'essa virtuosa senhora a esmola da minha formatura, ignorando a quem a devia. Agora posso pagal-a; e a vossa senhoria, que diz ter sido roubado por sua esposa, é

a quem de direito me cumpre pagar. Falta a indicação das testemunhas. Permitta-me que eu chame tres dos seus visinhos aos quaes o sr. Fialho lerá esta quitação, e perante os quaes me fará a mercê de assignar, contada a quantia que deixo para ser examinada.

— Mas explique-me isto! — bradava o enfermo.

— Está explicado, senhor!

— Então minha mulher estava innocente? por que o não disse ella? por que não contou ella a historia que o doutor me contou agora?

— Não sei. Confiaria pouco na sua generosidade, senhor. Seria surprehendida de modo que não podesse justificar-se. Emfim, não sei, nem posso demorar-me. Vou chamar as testemunhas.

— Mas eu não quero este dinheiro! — clamou Hermenegildo.

— Rasgue as notas depois de ter assignado o recibo.

E desceu precipitadamente as escadas, subindo-as logo com as tres testemunhas.

Fialho não pôde lêr a quitação, de inquieta e afflicta que se lhe espojava a alma, como inojada do corpo. Costa pediu a uma das testemunhas que lêsse e a outra que contasse as notas. Depois, chegou a penna ao doente que assignou com a mão convulsa.

As testemunhas sahiram.

— Se vê que eu morro — tartamudeou Hermenegildo — diga-m'o, que quero fazer testamento, e deixar alguma coisa a minha mulher, se ella ainda fôr viva.

— Não sei se morre, sr. Fialho. Angela de Noronha, se vive, não acceitará a sua herança...

— Por quê? então não hade acceitar?...

— Angela de Noronha, se viver, terá metade do meu pão. O que D. Angela acceitaria de seu marido está aqui... E' este papel que a salvará da infamia que o senhor lhe associou á pobresa, para que o mundo nem misericordia houvesse d'ella. Se a infeliz tiver cahido á ultima deshonra, sr. Fialho, em tal caso eu irei ainda procural-a de abysmo em abysmo, e dizer-lhe que fiz o que pude em desaffronta do seu nome. Adeus.

Francisco Costa sahiu enchugando as lagrimas.

A cara de Hermenegildo apenas ressumava o suor mal enchuto das agonias da colica, sobre a amarellidão nauseabunda da ictericia.

XXI

Morre Hermenegildo

— Esta é de cabo de esquadra! — dizia elle, horas depois, aos amigos que o confortavam — E quem deu direito a minha mulher de emprestar sem minha ordem 1:650$000 réis ao irmão da costureira? Que me importa a mim que elle fosse boa pessoa ou que fosse um pandilha sem beira nem leira?

— Você tem rasão — dizia-lhe um primo carnal de Athanasio — Lá pr'o caso de sua mulher andar mal, andou; e, se era honrada, não o parecia. Por exemplo, eu vou em casa da mulher d'um sujeito, e peço-lhe dinheiro. Ella m'o empresta, e se esconde do marido; que heide dizer eu? Sim, tem rasão você de não dar a orelha, sr. Fialho.

Estas clausulas pareceram irrespondiveis ao doente. E, de feito, a natureza tinha esclarecido esta familia dos Athanasios com grandes lumes de rasão natural.

Por feição que Hermenegildo ratificou não só os

seus anteriores juizos sobre os irregulares costumes de Angela; mas tambem introu-se da desconfiança de ter apanhado, quando menos o esperava, o amante d'ella. Quer-nos parecer que aquella perversissima alma raciocinasse actuada por influencias de figado e outras entranhas que principiavam a engorgitar-se.

O restante do dia passou-o pouco febril, e por isso mesmo com certa energia de espirito que destampava em esfusiadas de protervias contra a esposa, sem resalvar a probidade do cirurgião.

De noite exasperaram-se-lhe as dôres hepaticas, as afflicções do estomago, a dyspnea, e o queimar de febre. Ao romper do dia, pediu a brados que lhe chamassem o doutor Costa.

Informou-se Francisco com o portador sobre o estado do doente, e despediu-o.

D'ahi a pouco, outro notavel medico enviado por Francisco Costa, desculpando o collega, offerecia os seus serviços.

A doença progrediu sem intermittencias de repouso nos cinco dias seguintes.

Hermenegildo pegou a dar gritos que o doutor o mandara envenenar na tisana da quina. Os medicos, chamados um de pós outro, iam cedendo o passo ao ultimo, indignados da aleivosia com que o estupido enfermo calumniava o illustre caracter de Francisco Costa e o do seu substituto.

A doença entrou no decimo quarto dia, com mortaes symptomas. Aquella massa reagia com phrenesi ao esphacellar da morte. O gemer d'um doente vulgar era em Hermenegildo um rugir ferocissimo.

Rosa Catraia ganhou-lhe mêdo, e fugia da beira do leito receiosa de que o legado do moribundo fosse algum d'aquelles murros que fendiam o espaldar do leito. Recolhida em sua dôr, a choruda alveola das ribeiras de Barrosas começou a cobrir com as azas os brilhantes e notas que se lhe depararam na sua irrequieta angustia. N'estes trances foi-lhe grande auxiliar um criado da casa, parente em quarto gráo do patrão, rapazola de espaduas anchas, que promettia rehabilitar os creditos de Rosa por meio d'um decente matrimonio, logo que seu patrão e primo «désse a casca» phrase lyrica e pittoresca da Catraia.

Assim, pois, que o ultimo assistente declarou perdidas as esperanças de cura, o primo de Athanasio começou de arrebandar os livros e papeis do moribundo—cuidado que lhe tinha sido sobre modo recommendado do Porto, logo que Hermenegildo adoecesse gravemente. Notou o arrecadador dos livros commerciaes que os haveres do moribundo, superiores a duas centenas de contos, estavam em poder de Pantaleão, de Joaquim Antonio, e de seu primo Athanasio José, repartidos em avultadas sommas, das quaes Fialho tinha cobrado as declarações encontradas, e lavradas com sufficientes solemnidades legaes. Este quarto ladrão que descobria os tres do Porto considerou-se o melhor co-herdeiro da herança porque desde logo computou a percentagem a auferir.

Um conhecido do agonisante, levado de escrupulos, entrou-lhe ao quarto com o prior da freguezia, homem de respeitaveis cans, e, na serenidade

limpida do rosto, um como mensageiro e nuncio da misericordia divina.

Hermenegildo encarou n'elle com assombro, e regougou a trancos de voz cavernosa:

— Vá-se embora, que eu não morro d'esta vez.

— Assim o permittirá Deus—respondeu o sacerdote com grave compostura—mas os beneficios dos sacramentos não utilisam sómente aos que vão á presença do Senhor.

— Não me conte historias—tartamudou o brasileiro, rolando-se de modo que lhe virou as costas.

— Meu irmão — tornou o sacerdote de Jesus — veja se tem na sua alma offensas a perdoar, ou odios de que peça perdão. Quando Deus fôr servido chamal-o a contas, a sua alma não poderá voltar as costas á face do supremo juiz.

— Não me matem!—rugiu Hermenegildo, barafustando.

O padre quedou-se a contemplar de braços cruzados e o coração em Deus aquelle espectaculo, supplicando graças para rebeldia tão estranha na suprema hora.

A graça divina esquivou se. Contra a benigna theologia de bonissimos casuistas, vivo persuadido que Lucifer estimaria que certas almas, á ultima hora, limpas pela contricção, se guindassem á gloria, afim de lhe não sujarem o inferno.

O sacerdote retirou-se, quando viu que a sua presença sobre-affligia o doente.

Era meia noite. D'esta hora até ás cinco da manhã Hermenegildo pediu agua já nos demorados paroxismos, e ninguem se abeirou do seu leito.

Cinco horas vasquejou sósinho, e, aos primeiros assomos do dia, rendeu... a alma.

Rosa, accordada pelo futuro marido, perguntou se o patrão tinha acabado.

— Acho que sim, que já não ouço nada — disse o criado, e foi chamar o primo de Athanasio para tomar conta de algumas arrobas de carne em putrefacção, onde estivera uma alma «creada á imagem e semelhança de Deus.»

A tolerancia divina permitte semelhantes blasfemias.

XXII

Felicidade suprema

Em abril de 1850, Angela e Joanna, sentadas no quintalinho de sua casa, debaixo d'uma amendoeira florida, ao intardecer, descançavam do trabalho do bastidor de que tiravam bons lucros em bordados de ouro.

Joanna, embellesada na formosura da sua amiga, dizia-lhe:

— Como vossa excellencia, n'esta pobresa, ganhou o que tinha perdido na opulencia da sua casa! E' bem certo que a felicidade está em mui pouco! Eu a temer que a sr.ª D. Angela invelhecesse n'estas estreitesas da nossa casa, e não se habituasse a isto; e quiz Deus que, em dez mezes, eu a não visse triste senão quando veio a primeira carta do meu Francisco...

— Pois olhe, minha amiga, eu estava agora triste...

— Por quê?! Vi-a callada; mas cuidei que não era tristesa...

—Era...

—E é segredo?

—Não, minha amiga... Segredos quando eu não posso distinguir as nossas almas uma da outra... Eu lhe conto... Estava a dizer comigo: o meu futuro qual será? Tenho vinte e nove annos. Se me recordo do que passei, imagino que a vida já é longa e deveria estar por pouco; mas, diante de mim, vejo os annos demorados d'aqui até á velhice, até aos sessenta annos da nossa Victorina que espera ainda viver até os oitenta. Muito se vive quando se soffre!... e o que mais espanta é que nem a desesperação infunda um sincero desejo de morrer... Aqui estou eu a lastimar-me, a perguntar o que hade ser de mim, a vêr a precisão de se acabar esta socegada vida que tenho; e, apesar do escuro das minhas nenhumas esperanças, desejo viver... para quê?

—Deus lh'o irá dizendo, minha senhora. Se eu dissesse á minha amiga que esperasse resignada, seria uma indiscreta conselheira. Quem póde dar lições mais sublimes de paciencia que a sr.ª D. Angela?

—Paciencia, sim; não me hade abandonar esta providencia dos infelizes...—disse Angela, concentrando-se outra vez com desacostumada melancolia.

—Então que é isso?—disse meigamente Joanna tocando-lhe nas mãos que ella inclavinhara amparando a fronte.

—E seu irmão?—disse Angela como se a pergunta sahisse de um dialogo mental.

—Meu irmão? o quê, minha amiga?

—Não o heide vêr mais?

— Por que não, sr.ª D. Angela? pois que rasão ha para que o não veja?

— Quando a felicidade do coração se tornou impossivel...

— Impossivel, não. Vossa excellencia quiz ser n'outro tempo esposa de meu irmão. Quem sabe se um dia poderá mais livremente dispor da sua vontade!... Seu marido tem bastante edade...

— Eu era n'esse tempo a mulher com o prestigio que se desfez... Esse homem, que me prendeu ao remorso e vergonha de me deixar vencer da compaixão e dos baixos pensamentos de ser rica, egualou-me a qualquer mulher vulgar... Se eu desmereci aos meus proprios olhos, authorisei todo o mundo a considerar-me aviltada...

— Não diga isso, minha senhora... — atalhou Joanna, tomando-lhe as mãos cariciosamente — Pois não vê n'essas sinceras confissões de meu irmão como elle a amava?...

— Amava a saudade; não era a mulher; amava o passado e o que lá se perdeu. A' luz que então me via não poderá vêr-me jámais. Eu heide ser sempre a esposa ou a viuva d'um homem que me lançou de si com despreso... E, depois, a gratidão das almas nobres, como a de Francisco, póde leval-o a dobrar-me o joelho com admiração; mas com amor nunca. Eu sei isto, adivinho isto. Se eu vendesse a casinha unica onde me abrigasse para lhe melhorar a sorte d'elle, essa dedicação sublime duplicaria o meu direito a ser amada; mas eu, quando bem penso no que fiz, duvido que me louvem os estranhos, e sinto esfriar a vehemencia de gratidão n'aquelle

mesmo por amor de quem me pareceu louvavel o acto que pratiquei. Mas eu não queria que me agradecesse; queria até que elle ignorasse sempre, para eu não ficar desdourada. Vê por que tantas vezes lhe tenho pedido que não me descubra? E a minha amiga sempre a querer, sempre a instar que eu a deixe contar-lhe tudo. Oh! não o faça, por piedade lhe peço que não lh'o diga! Se elle vier um dia a Portugal, basta que lhe faça saber que eu não fui má esposa... que fui calumniada; mas que não ha no mundo quem possa provar que eu meditei um instante em justificar um crime com os exemplos de meu marido. Assim posso ser amada... e eu queria sêl-o, queria, minha amiga, porque dos dezeseis aos vinte e nove annos, vão milhares de dias e noites em que nunca esqueci seu irmão. Houve um tempo em que o julguei mal, porque Deus lhe dera a virtude que esmaga o coração, porque o meu desatino queria ser excedido pela paixão do homem que me obrigava á voluntaria pobresa, ás injurias de meus parentes, ao perdimento de um grande patrimonio e da herança de um nome nobre. Que me importava isso? Mas seu irmão, minha amiga, tinha riquesas superiores: a santificação da virtude, uma coisa que se adora de joelhos depois que se tem sido desgraçada, e se lidou seis annos com um homem de condição vil.

N'este momento, Victorina assomou n'uma janella, dizendo que estava um homem perguntando pela dona da casa.

— Será carta do Brasil? — perguntou Joanna.

— Não é, — disse baixinho Victorina — é uma pes-

soa asseada com barbas grandes. — E voltando-se subitamente soltou um grito, e disse para dentro:

— O senhor entra pela casa assim, sem esperar resposta?

O sujeito sorriu-se á indignação da velha, que não reconheceu, acercou-se da janella, debruçou-se para o quintal, e cravou espantados olhos nas duas senhoras.

— E' elle! é meu irmão! — exclamou Joanna.

— Oh minha querida senhora, é elle!...

E correu para casa; mas Angela ficára immovel a olhar para Francisco, e elle immovel apoiado no peitoril da janella, com os olhos fixos em Angela.

A irmã abraçava-o, e elle beijando-a na fronte, murmurou:

— Aquella é Angela, não é?!

— Sim, meu filho, pois não é ella o mesmo anjo?! Vamos buscal-a, depressa, que está sem côr...

E desceram rapidamente, e chegaram já quando a esmaecida senhora caminhava a tardos passos para casa.

Costa offereceu-lhe a mão convulsa. Angela encarou-o muito amoravel, apertou-lhe a mão, e disse com voz magoada:

— E' a primeira vez...

E carregaram-se-lhe de lagrimas os olhos.

Depois, abraçou-se em Joanna, apoiando-lhe a face no hombro.

Francisco permaneceu silencioso, abafado, n'um modo de existir, que seria o preludio da demencia, se durasse muito, ou a congestão se não desafogasse no pranto involuntario.

— Dá-lhe o braço, Francisco... — disse Joanna —

Elle parece que não accredita vêl-a aqui, minha filha — continuou ella, sorrindo.

— E desde quando? — perguntou elle, tomando o braço de Angela.

— Desde quando está aqui? — verificou a irmã, não percebendo bem a pergunta.

— Desde que não tenho casa — respondeu a hospeda sorrindo — desde que precisei da caridade da minha amiga de infancia, e da sua beneficencia, sr. Costa.

Occorreu Victorina a dar uns tons de festa á chegada de Francisco, pasmando-se n'elle, nas grandes barbas, e na espantosa mudança que fizera, e no medo que ella tivera de que fosse um salteador, quando o viu romper por alli dentro.

Entraram para a saleta do trabalho, onde estavam armados dois bastidores.

— Aqui tens a nossa officina — apontou a ridentissima Joanna — Temos feito progressos e lucros admiraveis: bordamos a ouro. A sr.ª D. Angela, em dez mezes, ganhou quarenta e duas moedas.

— Está vossa excellencia aqui ha dez mezes? — perguntou Costa á hospeda.

— Penso que sim — confirmou Angela.

Francisco, confrontando as datas, concluiu que tendo chegado ao Rio Hermenegildo oito mezes antes, Angela se acolhêra a sua irmã logo que sahiu de casa. Exultou, luzia-lhe nos olhos o muito sol que se lhe abrira na alma.

E a ponto vem dizer-se que o confidente ultimo do brasileiro, desde que ao longe premeditou a redempção de Angela, conjecturára que teria de pro-

cural-a na ladeira onde vulgarmente pobresa e formosura impellem a mulher, nascida sem a aureola santificante: — aureola de que já hoje ninguem vê resplendor, nem os romancistas propriamente se exercitam n'esse genero de inventiva, temerosos do descredito de phantasticos e inverosimeis.

Do muito martelar n'esta hypothese pessima, bem que trivialmente realisada no maximo numero de lances analogos, causou-se que o lapso da desamparada senhora para os braços d'outro homem, amado ou aborrecido, era a esperança infernal que preoccupava o auctor dos Sonhos, aquelle olympico vidente agora demudado em pessimlsta, com as asas da sua poesia mortas, e o espirito prostrado nas baixesas vulgares d'este mundo. Figurou-se-lhe, por desventura, que uma mulher, que aspirara o ambiente de Hermenegildo Fialho, devia ter impeçonhado o coração, apagada a flamma celestial do espirito, e desbotadas as côres prismaticas por onde via o bom, o bello, o santo da creação, antes de tocar a hediondez de tal marido. Duas angustias, pois, a um tempo o navalhavam; se a encontraria amante d'outrem, e para si perdida; se victima da necessidade na vulgar degradação de escrava, e perdida tambem para elle.

O encontral-a, por tanto, em companhia de sua irmã causara aquelle intorpecimento de espirito e palavra que parecia irmanar-se com a indifferença, e até com a surpresa desagradavel. Depois, porém, que se afez ao ar da felicidade, e os seus olhos poderam supportar a luz inesperada, Francisco transfigurou-se, as lagrimas venceram a represa, os de-

zoito annos refloriram; e, de subito, Angela, que não intendia o frio silencio d'elle, sentiu-se-lhe apertada nos braços, e beijada nas faces que ardiam dos beijos, das lagrimas e do pudor.

— Eu vinha procurar-te, Angela! — balbuciou Francisco — mas Deus não quiz que eu imaginasse a possibilidade de te encontrar ao lado da minha santa irmã. Eu tinha soffrido muito, e a recompensa devia ser esta...

Angela abaixou, o rosto, e pensou confusamente na estranhesa d'este trance.

Costa, voltando em si, compenetrou-se do pejo de Angela, e disse:

— Eu beijei a tua face, Angela, por que não ha consideração que te obrigue a córar. Teu marido morreu.

— Morreu?! — conclamaram as duas senhoras, e em ambas o ar da physionomia não revelava sentimento que pedisse lucto immediato. Os olhos de Angela não tinham sombras de funereos; o sorriso de Joanna iriava as côres azues e escarlates d'um vestido de gala. E, se n'este conflicto pairasse idéa triste, bastaria um destempero de Victorina para destruir o effeito lugubre da noticia. Quando Francisco proferiu *teu marido morreu*, a criada, que estava na cosinha, correu á saleta exclamando:

— Ainda bem! ainda bem!

E chorava de alegria, como nunca ninguem chorou por um defuncto, excepto os herdeiros, parentes em quarto gráo.

Cumpria relatar o caso infando. Costa, ommittindo os factos essenciaes, contou que conversara

com Hermenegildo nos primeiros dias da doença, sobre coisas particulares da sua vida; mas, como outros doentes fóra do Rio o desviassem do enfermo, não sabia dizer da morte senão o principal: isto é, que morrêra.

Instado a referir o dialogo que tivera, contou que o brasileiro apenas se queixava e dava como prova da deslealdade de Angela, a venda d'uns brilhantes, e a pertinacia em não declarar o destino dado a 1:650$000 réis.

Foi... — clamou Joanna, e suspendeu-se, quando encontrou os olhos de Angela que pareciam recriminal-a com profundissima dôr.

— *Foi*... o que? — perguntou Francisco José da Costa, fingindo-se embaçado pelos olhares mutuos das duas.

— Nada... — dissimulou Joanna — Queria eu dizer que foi uma falsidade.

— Falsidade!... não foi... o homem não mentia; nem tu, Angela, permittirás que a nossa Joanna desminta teu defunto marido — objectou elle, sorrindo ás inquietas visagens da viuva — E continuou: — Como heide eu entrar n'um segredo que teu marido não penetrou com toda a sua policia administrativa e espionagem de amigos! Não ouso, minha amiga, pedir-te a confidencia... Teu marido queria morrer convencido que o seu ouro andava por mãos de quem lhe disputara e vencera a alma da esposa. Parece que o homem não se dispensava d'esta ignorancia para poder allegal-a nas contas dadas ao juiz que via as tuas lagrimas, minha santa amiga. Eu, porém, não consenti que elle se preva-

lecesse da sua ignorancia, e jurei pela minha honra, que tu deras de esmola 1:650$000 réis. Mas o que tu davas de esmola, nas mãos do beneficiado, chamava-se roubo em relação a teu marido que era senhor do objecto esmolado. *Fui roubado* — poderia elle dizer ao juiz supremo — *Minha mulher estaria innocente quanto aos deveres de esposa; mas, como parte do meu ser mercantil, defraudou-me em 1:650$000 réis* — quantia que elle tinha gravado no cerebro com lettras de betume ardente. Ora, suppondo mesmo que tinhas sido roubada, por quem quer que fosse, e illudida em tua ardente caridade, Angela, restava-lhe a elle a possibilidade de uma restituição que, afinal, dilucidasse o mysterio da tua innocencia. Com o proposito de lhe crear esperanças de ainda ser embolsado, contei lhe eu, Joanna, a historia d'aquellle dinheiro, que te foi restituido, quando tu nem o esperavas, nem tinhas remoto conhecimento do roubo. Na minha historia havia a singular coincidencia de ser a restituição do teu roubo egual á quantia de que o meu doente se queixava. Notavel semelhança; 1:650$000 réis! dando-se, de mais a mais, a estranha coisa de ser elle roubado ao mesmo tempo que tu eras indemnisada, minha irmã! E, não pára aqui a triste coincidencia! os brilhantes eram vendidos por quantias eguaes áquellas que tu ias recebendo, e na mesma occasião, do tal sujeito de Vianna, honrada pessoa que eu nunca cessarei de proclamar, apesar do incognito!... Por que estás tu a sorrir, Joanna? E tu, Angela, que ar é esse de assombro e alvoroço?... Não querem ouvir o melhor da passagem?

Um dia, estava teu marido a contar, provavelmente, as duzias de contos que lhe alvoejavam com azas de ouro á volta do leito, onde havia de morrer sósinho, blasphemo e abrasado de sêde, sem amigo ou indifferente que lhe apagasse nos beiços o brazido da morte; um dia, vinha eu dizendo, aproximou-se d'elle um homem, e disse: «Venho restituir-lhe 1:650$000 mil réis que lhe foram roubados por sua esposa para me dar a mim, que era pobre. E eu com o seu dinheiro fiz a minha posição de menos pobre. A restituição é um dever que complica dois grandes resultados: um é o sr. Hermenegildo morrer com a certesa que deixa, além de duzentos e tantos contos, mais esta quantia aos seus amigos; a outra é ir vossa senhoria por onde quer que vá com a certesa de que teve a ventura de casar com uma senhora que podia roubal-o e trahil-o; mas que se limitou apenas a prival-o, por espaço d'alguns annos, da deleitosa posse d'estas notas. Porém, como o sr. Fialho infamou sua esposa, convém que a declare illibada, não só do desvio do ouro, mas tambem da dignidade conjugal. Para que se faz mister que leia e assigne este recibo.» E teu marido, minha amiga, leu, recebeu o dinheiro e assignou isto que tu vaes lêr, se te não custa.

E a viuva e Joanna leram mentalmente a quitação que o leitor conhece.

Quando terminou a leitura, Francisco ajoelhado aos pés de Angela, beijava-lhe as mãos, exclamando, coberto de lagrimas:

— Eu te agradeço, filha da minha alma! Bemdita

sejas tu, escolhida de Deus para mensageira de sua misericordia!

E Angela, baixando a face até aos labios d'elle, murmurou:

— Meu santo e nobre coração!...

XXIII

Os homens honestos

Seis mezes depois, Athanasio José da Silva, Pantaleão Mendes Guimarães, e Joaquim Antonio Bernardo, reunidos na famigerada bodega do Manêta do Reimão, onde em certos dias iam sevar-se na pescada e cebôlas, bôdo peculiar d'aquella taverna, praticavam do seguinte theor:

— Acertámos ou não?... — dizia Athanasio — Viram vocês como afinal tudo se descobriu? Não, que certos lorpas inda diziam que o adulterio da tal sr.ª Angela não estava provado... Ahi a tem agora casada com o sujeito... E nem deixou passar um anno sobre a morte do marido, percebem vocês?

— Pois isso estava claro physica e moralmente fallando — obtemperou Joaquim Antonio — O mariola era um estudante de cirurgia, segundo ouvi contar. Olha se o Hermenegildo não tem as coisas seguras, que lá se regalava agora o troca-tintas com

bem bom d'elle! E dizia aqui o nosso Pantaleão, quando veio a noticia da morte do nosso amigo, que se procurasse a viuva, e se lhe désse alguns contos de réis! Parece-me que o marido se levantaria da cova, se tal fizessemos!

— E' que eu — explicou o marido de Francisca Ruiva, ainda cuidava que ella teria feito a sua asneira, e que se tivesse arrependido; mas á vista do que acontece, nem um dardo! (E descendo a voz, continuou:) O' amigo Athanasio, aqui entre nós, seu primo do Rio é que a fez limpa! Sem trabalho nenhum, nem risco, nem nota de ladroagem, pilhou os seus quarenta contos fortes... Apre que é ladrão, e perdôe você por ser seu parente...

— Que queriam vocês? — desculpou-se Athanasio — eu incumbi meu primo do negocio porque não via pessoa mais habil, percebem vocês? Cuidava eu que elle entregaria os titulos accommodando-se com uma pexincha de meia duzia de contos: mas vocês bem viram a carta d'elle. *Ou me dão quarenta contos, ou entrego os titulos á viuva ou herdeiros de Fialho.* Que fazer? ou dar os quarenta ou perder duzentos. Vocês concordaram, e eu paguei.

— E os outros seis contos que você deu ao marido da Rosa Catraia? — perguntou Pantaleão.

— Não que esse, como era criado do quarto de Hermenegildo e sabia lêr, tinha visto os titulos quando andava á cata das notas e mais a bebada da moça, percebem vocês? e depois viu que elles desappareceram, e começou a dar á lingua; de maneiras que não houve remedio senão meu primo fazer cambalacho com elle, e mandal-o para mim

com uma carta, que vocês viram, e tambem concordaram em que se pagasse.

— Querem vocês saber uma? adivinham quem hontem esteve no baile da Assembléa? A tal Rosa Catraia! — disse Joaquim Antonio.

— Ora que novidade você me dá!—accudiu Athanasio — Fui eu quem lhe arranjei a carta de convite.

— E estava rica a valer! — accrescentou o marido da maiata. — E boa mulher!? O maroto do Fialho tinha gosto! Quantas lhe conheci eram todas de sola e vira!

— Pelo que vejo a Rosa soube-se arranjar bem!... — Observou Pantaleão.

— Ora!... — conveio Athanasio — Eu dou-lhe trinta contos fortes pelo que ella apanhou. Só os brilhantes de Angela valiam mais de cinco contos.

— E ella lá os tinha no baile que eu bem lh'os conheci... — confirmou o mesario da santa casa.

— Tambem é escandalo de mais! — ceusurou Pantaleão — apresentar-se em publico com os enfeites da mulher do amo. A minha vontade era espalhar isso...

— Caia n'essa você — contradisse Athanasio — e depois queixe-se, se o marido contar que viu na carteira do Fialho um titulo seu de divida de cincoenta e dois contos... percebe você?

— Falle baixo, diabo! — accudiu o ladrão pundonoroso — você não sabe que anda ahi gente pelo quintal?

Chegaram as travessas da pescada entre rimas de cebôlas e ovos. Abriram-se os buchos, e fecha-

ram-se as consciencias d'estes membros do tribunal de honra onde Angela foi condemnada á infamia e á pobresa.

Fartos até ao arrôto, de coletes desabotoados, sahiram os tres accionistas mais grados dos bancos portuenses a beber o ar balsamico do jardim de São Lazaro. Nada, absolutamente nada, estremava aquelles tres da classe dos homens de bem, porque a lei, que mandava abrir com ferro quente um ferrete na testa dos ladrões, foi derrogada em 7 de fevereiro de 1523.

XXIV

A opinião publica

A opinião dos tres capitalistas dignamente acatados no anterior capitulo frisava com a opinião geral da sociedade portuense sobre o casamento de Angela com o cirurgião Costa. As segundas nupcias tinham evidenciado o crime das primeiras. A infamia de Angela era indelevel, e já póde ser que mais repulsiva, desde que ella affrontou a moral, passando em frente dos amigos de Fialho pelo braço do amante que *causara a morte do honrado brasileiro*, dizia a maiata, e Francisca Ruiva, e outras Ruivas, que me estão pedindo chronica. E hãode tel-a. A cortezia não se exercita sómente com as senhoras honestas.

Francisco José da Costa leu a opinião publica no volver d'olhos dos magotes que se arrebanhavam nas praças, e no petulante encarar das mães que segredavam ás filhas a desmoralisação da mulher de Fialho. O cirurgião era alvo da injuria, cuspida nas

costas, por seus proprios collegas. Era simples o libello infamatorio : accusavam-no de se ter formado á custa dos brilhantes de um brasileiro, roubados por sua mulher.

Angela encontrou um dia n'uma algibeira de casaco uma recente carta anonyma em que *um amigo* aconselhava a seu marido que sahisse do Porto, se precisava de viver pela arte. E ajuntava ao conselho a causa promotora de tão amigavel aviso : *E' odioso na sociedade o homem que se habilitou para entrar n'ella com o dinheiro d'uma senhora casada. E se essa senhora roubou, deshonrou e matou o marido... mil vezes horrendissimo !*

Angela da Costa leu e chorou. Depois arguiu-se de fraca, e desmerecedora dos bens com que Deus lhe apremiara a sua paciencia nas injurias.

Guardou a carta, e assim que o marido recolheu, foi para elle risonha, e disse em tom de queixume :

— Por que me não mostraste logo esta carta, meu filho ?

— Ah ! — acudiu Francisco — tinha tenção de mostrar-t'a ; mas esqueceu-me a carta e o intento. E' o que foi. Mas olha, Angela, este esquecimento não argue insensibilidade, nem uma coisa impropriamente chamada cynismo. Sabes o que é ? conformidade, tolerancia, e quasi uma desculpa á opinião publica.

— Desculpa ! . . . — interrompeu Angela.

— Sim, filha. Por ventura, tu já te justificaste ? e eu já me justifiquei ? Não. A sociedade sabia que uma mulher casada vendeu uns brilhantes ; que o marido d'essa mulher a expulsou ; que esse marido morreu ;

que um homem, seis mezes depois, apparece casado com a viuva do roubado, do assassinado a punhaladas de deshonra... Que queres, Angela? quem ousará defender-nos?

— Mas faz tu publica essa paga assignada por...

— Deus me livre, minha louca. A quitação foi escripta e assignada para que soubesses que não devias nada a teu marido, e que a roubada em tuas joias tinhas sido tu. Satisfações á sociedade? São justas, quando ella não condemna antes de ouvir os réos, quando não escarra nas faces das victimas antes de examinar os vincos por onde passaram as lagrimas. A nossa causa de moral publica está perdida; não obstante a rehabilitação davam-t'a os juizes, se houvesses herdado os duzentos contos de Fialho. Os que me denigrem o caracter, se eu a esta hora fosse o marido da viuva com duzentos contos, chamando-me «tratante feliz», sentar-se-hiam lisongeados nos coxins das minhas cadeiras, e pediriam aos meus lacaios, com urbanidade, o favor de me entregarem os seus bilhetes de visita. Mas, filha, esta soledade que mora á volta de nós é o cordão com que a mão da Providencia abalisa a felicidade de duas almas que não podem corar uma da outra. Quando eu desejar mais do que tenho, quando invejar felicidades que não sei imaginar, Angela, heide pedir-te perdão de ter sido o mais vil dos teus inimigos.

Apertou-o Angela com arrebatamento nos braços, e murmurou:

— Se tu quizesses...

— O quê, minha filha?

— Viver n'uma aldeia, entre umas serras, sósi-

nhos com a nossa Joanna, esquecidos, e tão amados...

— Sim, quero, minha providencia... Adivinhaste a minha aspiração de não sei quantos annos...

— Eu sei, meu amor. Li-a nos teus livros, e que fantasias eu creava para completar as tuas!... Se eu tivesse filhos, e lhes podesse incutir a certesa de que todo o seu futuro e mundo era o espaço contido nos horisontes das nossas montanhas...

— E não sabes tu, Angela? — volveu jubilosamente Francisco — não sabes que eu careço de ser cirurgião? que todas as portas se me fecham aqui? Não cuidavas que eu viesse quasi pobre do Brasil? Vim, minha filha, vim. Contava com muito se lá permanecesse, mas a minha riquesa eras tu. Apenas tenho a subsistencia segura de dois annos n'esta mediania em que tu fazes milagres de abundancia. Mas o futuro...

— Pois então para onde iremos, Francisco? Tenho pressa; quero ir ámanhã, hoje, já...

— Olha, n'uma terra, que chamam Barroso, não ha facultativos. O sitio é triste, é montanhoso, as casas são colmadas, os alimentos grosseiros, os frios do inverno glaciaes, e os ardores do estio queimam as urzes e seccam as fontes. Queres ir para Barroso?

— E tu? irias tu contente para ahi?

— Vou.

— Vamos, filho — exclamou ella enthusiasticamente!

— Assim que a doença ou a tristesa te ameaçar, passaremos a sitios mais amenos, iremos de aldeia

em aldeia, até que uma casinha entre duas arvores te convide a viver e morrer n'ella.

Dias depois, Francisco Costa, o grande operador que honrara as escolas da sua patria no Brasil, acceitava o partido de um concelho chamado Boticas, em terras de Barroso.

Victorina acompanhou a ditosa familia. Ao visinharem da terra tão selvaticamente pintada por Francisco na imaginativa da esposa, a rustica espectativa demudou-se em alegres varzeas, terras colmadas de arvoredos, regatos que vertiam murmurosos por entre outeirinhos tapisados de boninas. A casa destinada ao cirurgião de partido era telhada, e olhava sobre uns almargeaes por tres janellinhas de portas envidraçadas. A horta suppria mais substancialmente a falta de jardim, e em vez de musgos e trepadeiras floridas, verdejavam as couves gallegas e trepavam florentes os feijões carrapatos — espectaculo bucolico de que muito se deliciava Victorina, recordando a casinha rural de seus paes.

Angela exclamava com as mãos postas:

— Isto é tão lindo! Se haverá uma alma triste n'este povoado! Que miseravel e escuro d'aqui se me figura o que deixamos!...

Joanna cuidou em alindar a casa com a modestissima mobilia em que o municipio se mostrára generoso para grangear a estima do facultativo.

Ao outro dia, a esposa do boticario com sua cunhada esposa do regedor, e as authoridades de Monte Alegre com suas familias, visitaram o cirurgião que alli era graduado em doutor.

De tudo isto entreluzia á scismadora Angela um

viver antigo, santa singelesa de costumes e dulcificação de almas que para alli viessem acerbadas do viver das cidades.

Aquelle silencio de terra e céo era-lhe o ambiente lucido das suas esperanças. Não ousára imaginal-as tão accordes com a sua indole, vendo-se ligada ao esposo querido que reflectia a felicidade de todos sobre-dourando a sua.

Começou o doutor a curar, e a voz publica a pregoar milagres. Achaques inveterados, aleijões, nevralgias, que tinham resistido aos exorcismos, espinhelas cahidas e nunca levantadas, todas as castas de enfermidades sem cura encontraram remedio ou alivio.

O assombro, porém, excedeu todo encarecimento quando o doutor chamou um cego mendigo, e depois de operal-o e tratal-o em sua casa, o mandou trabalhar com vista no seu antigo officio de pedreiro.

Rodeavam-no as multidões de parentes e amigos perguntando todos a um tempo se os conhecia.

Convencidos de que o cego de vinte annos voltara a vêr os filhos que deixara no berço, o doutor avultou-lhes como ente milagroso, alli mandado pela Senhora da Saude, adorada com muita fé na sua egreja.

Alargou-se a área da clinica do facultativo a seis e mais leguas em redor, por caminhos precipitosos á orla de despenhadeiros.

Mas o inverno chegou.

Os pegões do vento outomnal abateram quando as neves de novembro começaram a coroar os espi-

nhaços das serras, e a sobrepor as suas camadas indurecidas pelo giar das noites, sobre as veredas de cabras que ligavam uma aldeia a outra. Sem impedimento dos rogos de sua familia, Francisco Costa ia sempre que era chamado. E, quando transpunha as raias do concelho, a visitar doentes em noite tempestuosa, por os mesmos caminhos já famigerados na vida de fr. Bartholomeu dos Martyres, e recebia duzentos e quarenta réis, de recompensa, Francisco depunha no regaço da esposa o seu bem suado ou bem tiritado obulo, e dizia a sorrir:

— E' o dinheiro de dois operarios: tanto labutou o lavrador para o tirar da terra, como eu para lh'o arrancar do cantinho da arca. Se eu lhe pedisse mais, o doente preferia a morte.

O que muito suppria na sua receita era a arte operatoria, exercitada longe, mórmente as operações de catarata que já tinham levado seu nome ao territorio hespanhol.

Então aconteceu, duas vezes, no primeiro anno, Francisco Costa enthesourar na caixa economica de sua mulher uma duzia de peças, com esta recommendação dita em gracejo:

— Vae guardando o patrimonio do nosso primeiro filho.

Angela estremeceu da felicidade, que já lhe estremecia no seio com adiantados signaes de maternidade.

— E o nosso filho que será n'este mundo? que destino lhe hasde dar? — perguntou a filha do general Noronha.

— Visto que não é provavel ser elle o vigessimo

senhor do Paço de Gondar — respondeu a rir Francisco Costa — será artista.

— Artista!

— Artifice, é mais portuguez. Terá uma profissão que lhe abaste á sua subsistencia e á de uma familia creada com pouquissimas necessidades. Não apprenderá a ler, para crêr; não saberá nada da sciencia humana para intender bem o *Padre Nosso*, que é a sciencia divina baixada até ao homem; dormirá o somno pesado do operario para não sonhar as chimeras que me fizeram a mim o motor dos teus longos infortunios, meu pobre anjo!

— Mas hoje, filho!... — atalhou ella — Não estou eu esquecida de tudo!... A compensação não é tão superior ao que padeci? Se Deus me der filhas, a felicidade que eu peço para ellas é esta minha...

— Mas padeceste muito, Angela... E as tuas filhas poderão ser felizes como tu sem terem padecido... — E concluiu acariciando-a: — é preciso que ellas não saibam lêr *Sonhos* nem escrever *Esperanças*...

XXV

O cego

Os olhos do general Noronha cegaram inteiramente. Os especialistas de Paris tinham capitulado de catarata negra a proxima cegueira, muito similhante nos symptomas a gotta serena.

Declinava para os setenta annos o inconsolavel cego. Queria voltar a Paris, esperançado na operação; mas escasseavam-lhe forças. A velhice d'este homem disciplinado por pesares de toda a especie desde o terrivel *só* até ao excruciar do remorso, causava a um tempo compaixão e medo. A cachexia lenta myrrara-o até lhe seccar a pelle sobre a aridez dos ossos; e os globulos dos olhos guinavam pardacentos nas orbitas descarnadas á procura d'um raio de luz.

Os parentes e amigos que elle havia repellido não o procuravam nos derradeiros annos, por que sabiam que o testamento estava feito. Os legatarios,

entregues á safara da lavoura, nem sequer averiguavam se o senhor do Paço de Gondar era morto ou vivo. Ninguem por tanto o visitava. O velho cheirava a cadaver, e o lastimar-se d'um cego exasperado afugentaria até a commiseração dos herdeiros.

O mordomo, João Pedro é que, dia e noite, lhe dava o braço ou vigiava o anciado dormitar. Chorava, quando o via de subito parar, voltados para o céo os olhos, e clamar: «Meu Deus, meu Deus, dae-me a minha vista, ou matae-me!»

— E, em uma d'essas apostrophes á Providencia divina, que lhe visitára alfim a escurissima cegueira d'alma e corpo, João Pedro disse:

— Fidalgo, vossa excellencia, se quer que Deus o escute, siga a lei christã; tenha pena de sua filha, perdôe-lhe pelo divino amor de Deus. Póde ser que depois a misericordia de Jesus Christo se compadeça de vossa excellencia.

— E quem te disse a ti que ella era minha filha? — repetiu o cego a pergunta feita um anno antes.

— Disse-m'o vossa excellencia, quando ella o visitava; muitas vezes me escreveu lá para o Paço: «Manda-me boa fructa que tenho cá minha filha.» Hade perdoar-me, fidalgo; mas vossa excellencia só deixou de lhe chamar filha depois que ella quiz casar com um homem mechanico...

— E se preverteu... — atalhou rancoroso o cego.

— Mentiram-lhe, fidalgo; ella não praticou acção má, senão a de querer ser esposa d'um pobre.

— Não sabes nada, pedaço d'asno. Tenho ali uma carta de minha irmã Beatriz.

— Bem sei, meu senhor.

— Sabes ? quem t'o disse.

— A sr.ª D. Angela.

— Quem lh'a mostrou ?

— Viu-a ella, quando escreveu a vossa excellencia uma carta sobre a sua escrivaninha. Essa carta diz que os criados da senhora sua irmã, a quem Deus perdôe, tinham arrancado a fidalga dos braços do tal filho do sacristão. Era uma mentira de clamar vingança aos anjos. Sua excellentissima filha, quando desesperada procurara o tal homem, não o encontrou, tinha saido para o Porto.

— Quem t'o contou ?

— Victorina, que saiu de Gondar com a sr.ª D. Angela, quando tinha dois annos ; o proprio capellão, e todos os criados da sr.ª D. Beatriz, que lá está onde as contas são apertadas.

— Por que não disseste isso até hoje ?

— Por que vossa excellencia se desesperava assim que eu começava a fallar na sr.ª D. Angela, e depois... depois...

— Depois o quê ?... Não respondes ? !

— Vossa excellencia começava a dizer que via a mãe da menina, e a sacudir os braços que me fazia terror.

— Está bom ! está bom ! — murmurava guturalmente o velho, procurando com as mãos tremulas a bocca do criado.

E recahia na concentrada prostração que durava horas e dias.

Uma vez, o general acordou de sobresalto, por noite fóra, chamou João Pedro com afflicção, e disse-lhe :

— Quem anda na casa ?

— Ninguem, senhor... Serão os ratos que os ha n'ella de tamanho de leitões.

— Não mangues comigo, João !

— O' fidalgo ! eu mangar com vossa excellencia !...

— Ahi anda gente... os passos e a voz são de Angela !...

— Deus permittisse que fosse ella !... O senhor general estava agora sonhando, e ás vezes fallava em sua filha.

— Fallava ?

— Sim, meu senhor.

— Então era sonho...

— E, se ella lhe apparecesse... se vossa excellencia a visse de repente...

— Não vês que estou cego... Cego, meu Deus !

— Pois sim ; mas se vossa excellencia lhe ouvisse a voz, e lhe deixasse beijar as mãos...

— Tu quando a viste ?

— Eu, senhor ? Vi-a ha oito annos, quando vossa excellencia estava em França, e me mandou entregar-lhe o cofre dos enfeites.

— E estava aonde ?

— Perto da villa de Barrosas, e casou no dia em que lá cheguei... Eu já contei a vossa excellencia isto...

— Mas ella escreveu-me ha coisa de anno e meio.

— Onde estava então ?

— No Porto.

— E nunca mais soubeste d'ella nada?

— Não, fidalgo... Isto é... — tartamudeou o mordomo — quero dizer...

— Soubeste, ou não?

— Ella a mim nunca me escreveu; mas, cá em Ponte, ouvi dizer que o marido a deixara e fôra para o Brasil.

— Por quê?

— Não sei... — respondeu prompto João Pedro como quem esperava a pergunta, e tencionava esconder os boatos desairosos para a filha de seu amo.

— Não sabes? alguma nova deshonra!... Quem te contou isso? Quero saber...

— Não me recordo a quem o ouvi... Parece-me que foi a um padre que já morreu.

— E que é feito d'ella? sabes?

— Não sei, meu senhor.

— Quero que saibas... Vae saber isso ao Porto... Indaga por lá.

— E quem hade ficar á beira de vossa excellencia?

— Um criado qualquer. Vae já hoje, assim que amanhecer... Sonhei que a via... Vêr, meu Deus, vêr!... Sonhei que a via... E o meu coração estava alegre... Procura-m'a, procura-m'a, João!

Seis dias depois, o mordomo voltava triste do Porto. As inculcas lançadas informaram-no de que Angela, coberta de opprobrio e justo despreso de todo mundo, se casára com um cirurgião, por amor

de quem o marido morrera apaixonado; e ninguem sabia dizer, na visinhança da casa onde ella habitara, o destino que levaram com certesa; havia, no entanto, quem affirmasse que tinham ido para o Brasil.

Das informações colhidas, João Pedro disse simplesmente que a sr.ª D. Angela, viuva do primeiro marido, casára segunda vez, e sahira ou para o Brasil ou para onde se não sabia.

E o mordomo, vendo contrahir-se de angustia o rosto cavado de seu amo, chorou de compaixão d'elle, e de pesar de não ter encontrado Angela.

— Agora, não se afflija, fidalgo... — disse com a voz quebrada o extremoso servo.

— Deus — soluçou o ancião — despertou-me o desejo de a ter comigo para me redobrar o martyrio!... Seja feita a vossa vontade, Senhor!...

XXVI

A Providencia

Pernoitou em Ponte do Lima, no anno de 1853, um cavalheiro de Chaves, de apellido Pisarro, em casa de parentes que tambem o eram do general Simão de Noronha.

Dizia-se, á mesa da ceia, que o general aceitára o titulo de conde de Gondar, na ultima velhice, cego, sem descendencia, sem sociedade, sem o minimo prazer da vida, sequestrado de toda a convivencia, e, segundo se contava, tão desvairado de rasão que deixava tres enormes casas de bens livres aos irmãos da mulher da infima ralé com quem casára na primeira mocidade.

— E está cego o tio conde de Gondar? — perguntou o fidalgo de Chaves — Cego sem remedio?

— Se tivesse remedio, tel-o-ia achado em Paris onde já foi duas vezes.

— Na minha provincia e perto de mim — tornou

o flaviense—ha um cirurgião da moderna escola que tem feito prodigios em operações de olhos. Se eu soubesse que o conde consentia ser examinado, obrigava-me a trazer-lhe o doutor Costa, como lá se chama, sem favor, ao admiravel facultativo.

—Quem lh'o hade perguntar? Ha mais de dez annos que não recebe nem visita alguem.

—Não importa: heide eu ir procural-o.

Foi; annunciou-se, e teve entrada, por que o conde lembrou-se de ter conhecido nas primeiras luctas da liberdade, um general, tio do cavalheiro annunciado.

Disse o visitante o proposito que o levava. Contou as maravilhas do doutor Costa e offereceu-se a conduzil-o a Ponte.

—Será inutil; mas que venha. Irá a minha liteira buscal-o. Se eu podesse ir...

—E por que não vae, senhor conde?—aproveitou o parente, applaudindo o desejo—O exercicio deve ser-lhe util. São dois dias e meio de jornada. Se elle se resolve a operal-o, vossa excellencia vae residir em Chaves na minha casa, ou em Mont'Alegre, onde ha boas commodidades; por que, se vossa excellencia quizesse ser operado em Ponte, seria isso mais difficil ao doutor que tem uma grande clinica, e não poderia assistir, como convem, ao curativo e convalescença da operação.

Reanimou-se o cego. A esperança galvanisou-lhe as articulações emperradas pela immobilidade. Apertou nos braços com reconhecimento a dedicação do parente, e pactuou sahir no dia seguinte.

Folgando de palestrar, succederam variados os assumptos. Fallou da emigração, das esperanças d'aquelles dias, das batalhas do Porto, da bravura dos paisanos, das proesas do libertador, e terminou dizendo com um remoqueador sorriso de elevada critica:

— Sabe vossa excellencia o que venceu a guerra? Não foi a idéa da patria, nem o odio do despotismo, nem o amor á liberdade. Foi D. Pedro ter fechado o Brasil no caso de lhe cá espedaçarem o estandarte aventureiro, e foi cada homem do Mindello defender a vida propria da forca ou do desterro, e foi cada cidadão da cidade eterna ser obrigado a defender a esposa e os filhos. Uma vez perguntava D. Pedro no Porto, a um velho, que sahia armado e trôpego, a um toque de rebate: «Tambem tu, meu velho?» e o velho respondeu: «Tambem eu, meu diabo! Por causa de vossa magestade estou eu aqui a defender os meus netos.» Esta resposta é a historia do triumpho prodigioso de D. Pedro.

Estendeu o conde a sua diatribe politica, desembestando, contra generaes e estadistas, acerados dardos, dignos do artigo de fundo da imprensa politica portugueza. Todavia, um ponto lhe esqueceu importantissimo: e era explicar a sua condescendencia no aceitar e pagar um titulo lembrado a el-rei pelo então ministro da guerra, camarada do bravo Simão de Noronha. Convinha-lhe exemplificar o despreso das mercês em conformidade com o seu desdem da liberdade que boa ou má elle ajudara grandemente o implantar. Perdôe-lhe, porém, o máo humor civico em desconto das amarguras da velhice,

e da roaz concentração em que a cegueira o pozera, insulado de toda a sociabilidade.

— E' pena — lastimou o cavalheiro — que vossa excellencia, em annos tão carecidos dos affagos da familia, se veja sósinho, e forçado a escutar-se incessantemente em suas tristezas...

— Effeitos da pessima mocidade — disse laconicamente o velho.

— E não lhe restam parentes estimados que substituissem a falta de filhos?...

— Não, senhor.

A concisão das respostas reduzia a silencio o interlocutor.

— Quer então vossa excellencia que partamos ámanhã para as Boticas?

— Se eu não tiver peorado d'esta frouxidão que difficilmente me deixa ir d'uma cadeira para outra, muito me obsequiára vossa excellencia acompanhando-me. Se o doutor intender que é praticavel a operação, eu mandarei ir o meu escudeiro e mais criados.

— Vossa excellencia tem os meus criados e a mim com elles.

— Obrigadissimo á sua bondade: deixe-me abraçal-o, que ha muitos annos não senti alguem nos meus braços. Parece-me que ainda é novo...

— Não, senhor. Tenho quarenta annos.

— Eu já era decrepito n'essa edade. Aos vinte e seis annos imbranqueceram-me os cabellos, e aos trinta cahiram-me. Quando voltei a Portugal, depois d'um exilio de treze annos, os meus criados perguntaram-me quem eu procurava.

— E já então não encontrou pessoa alguma de familia?

— Que eu presasse... não. Tinha irmãs, que nunca estimei, nem me estimaram. Tinha uma filha...

— Morreu?

— Morreu.

O conde de Gondar apertou as mãos do homem, que presava, porque sabia que lhe via as lagrimas; e murmurou:

— Vê? estes olhos não tem luz, tem o sangue do coração. Olhe que eu sou o mais castigado e desgraçado homem que nasceu debaixo do sol. A sepultura repelle-me ha cincoenta annos, porque eu morri então. Morri então, senhor...

E estreitava convulsamente ao seio as duas mãos do cavalheiro.

— Está bom... — proseguiu elle com satisfação — estou melhor... desafoguei... Sinto-me tão bem!... Quem podéra chorar uma hora em cada doze de torturas...

— Já vê vossa excellencia quanto lhe seria consoladora uma familia... Foi fatal o perdimento de sua filha.

— E vossa excellencia sabe que a perdi?

— Sei por ter tido a honra de o ouvir, ha pouco dizer, ao senhor conde.

— Ah! fui eu?...

— Sim; disse me vossa excellencia que sua filha tinha morrido.

— Viva ou morta... morreu. Nunca ouviu fallar d'ella?

— Não, senhor.

— Esqueceram-na todos! Ninguem aqui em Ponte... nem os Abreus lhe fallaram d'ella?

— Não, senhor conde.

— E' por que ella empobreceu... é porque eu a repelli... Despresaram-na todos, e não curaram de saber se eu tinha rasão, ou se ella tinha infamias para ser despresada... E por isso morreu!

O flaviense não formava da intellectualidade do conde um juizo satisfatorio para uma certidão de sanidade. Não acabava de intender se a filha do conde era viva ou morta; nem ousava protrahir indagações irritantes da torvação mental do velho.

Calou se, aproveitou o ensejo opportuno de despedir-se, e foi indagar o mysterio de tal filha.

Os informadores disseram-lhe concordemente que em verdade o conde tivera na sua mocidade uma filha natural de uma celebre fidalga do seu tempo; mas que essa menina se havia perdido em libertinagens como sua mãe.

O cavalheiro intendeu então o que era *morrer*, e condoeu-se profundamente do pae da perdida.

XXVII

Vem rompendo a luz

Francisco José da Costa foi chamado urgentemente para visitar um senhor conde hospedado em Monte Alegre.

— Conde de quê? — perguntou Angela curiosa de saber que titular subia as montanhas de Barroso em busca de seu marido.

— Conde de Gondar, — disse o enviado.

— De Gondar?! — observou Angela ao marido — Cuidei que só havia o Paço de Gondar de meu pae!

Ora Francisco não lia gazetas, nem sabia que o general Noronha passasse a titular. Não ponderou por isso a observação da esposa, nem inquiriu a procedencia do conde.

Chegou á casa nobre de Monte Alegre.

Levaram-no á presença d'um ancião cego, de aspecto cadaverico e tocantemente amargurado.

Costa examinou-o em breve espaço, e perguntou:

— Senhor conde, ha que tempo começou o seu padecimento d'olhos?

— Ha nove annos. Estava eu em Paris a tratar-me de nevralgias de cabeça.

— E quando cegou completamente?

— Ha dois annos, tendo voltado a Paris para consultar de novo os especialistas.

— Disseram a vossa excellencia que era catarata negra a cegueira?

— Justamente; mas era intempestiva a operação. Depois cá em Portugal dois facultativos que consultei não votaram pela operação: um d'elles pendia a crêr que a minha cegueira fosse paralysia.

— E' catarata negra — disse Francisco Costa.

— Póde operar-se? — perguntou o conde agitado.

— Póde, senhor conde.

— Vossa senhoria tem esperanças?

— As que póde ter-se em operatoria.

— E espera dar-me vista?

— Espero, creio que vossa excellencia verá.

— Feliz hora em que este amigo que está a meu lado me levou a Ponte do Lima a noticia de vossa senhoria! — exclamou o conde.

— O senhor conde de Gondar — disse o cavalheiro de Chaves ao operador — é o bem conhecido general Simão de Noronha.

Costa fitou o semblante do cego, e baixou machinalmente a cabeça.

O apresentante proseguio:

— Eu tinha visto dois prodigios de vossa senho-

ria, e assim que soube dos padecimentos de sua excellencia animei-me a solicitar a sua vinda com grande confiança na pericia do senhor doutor.

— Agradeço a vossa excellencia a confiança immerecida com que honra o pouco que sei e valho. Onde quer ser operado o senhor conde?

— Se fosse possivel, na terra onde vossa senhoria reside — respondeu o cego.

— Nas Boticas não creio que haja casa capaz — observou Pisarro.

— Ha — contradisse o cirurgião.

— Sim? — accudiu o conde.

— E' a minha — tornou Costa — Se vossa excellencia quizer...

— Quero, meu Deus, quero; nem posso querer outra coisa, e desde já lhe aperto as mãos com o mais sentido reconhecimento — disse o velho com alegria.

— Não póde hospedar-se melhor — confirmou o parente.

— A casa é de aldeia — tornou Costa sorrindo — mas, em quanto o senhor conde fôr cego, dispensa o luxo dos ornatos; e, depois que tiver vista, irá para sua casa. O essencial é que vossa excellencia tenha um leito, um cirurgião a ponto, e pessoas que o sirvam. Isso lhe offereço.

— Não ouso dizer a vossa senhoria que remunerarei o que é remuneravel — disse o conde —; mas o maior numero dos seus favores não se retribue a dinheiro.

— O dinheiro n'estas aldeias, senhor conde — volveu Francisco — não é extremamente appeteci-

vel, por que faltam cá, ainda bem, as tentações que o encarecem.

— Não sei — reflectiu o general — como um facultativo de tanto merecimento se aclimatou em Barroso!

— A procura d'uma subsistencia parca, bastantissima á felicidade domestica.

— Então é aqui feliz?

— Mais do que dizem que se póde ser n'este mundo.

— E' o primeiro homem que me responde isto! — maravilhou-se o general volvendo a cabeça para o lado onde sentia gente — Nunca foi infeliz?

— Fui apenas infeliz trinta e um annos.

— E quantos tem?!

— Trinta e tres, senhor conde.

— Então a sua felicidade é recentissima! Encontrou-a aqui?

— A perfeita, a inexcedivel encontrei-a em Barroso.

— Tem familia?

— Mulher, um filho e uma irmã.

— São as delicias da sua vida!... não são?

— Certamente...—respondeu Costa, espantado do tom dulcissimo com que abemolara aquellas palavras a selvagem indole do pae de Angela, e do amante de Maria d'Antas.

— Eu tambem fui casado — tornou o cego — e amei extremosamente minha mulher, que morreu de dôr instantaneamente quando me viu ferido de morte em batalha. Comprehendo esse sublime e sagrado amor de marido...

— E de pae?... Não tem vossa excellencia a boa fortuna de ter filhos?...

— Não... não tive...—balbuciou seccamente o conde, e declinou a direcção da pratica, perguntando:

— Quando quer vossa senhoria que eu vá para a sua hospedeira casa?

— A'manhã, querendo vossa excellencia. Hoje mando dar algumas ordens ao aposento que o senhor conde vae honrar.

— O' senhor doutor!... beijo-lhe as mãos. E poderei mandar chamar um escudeiro que me trata ha muitos annos?

— Pois não! Esperarei vossa excellencia, a menos que me não dê ordem de o acompanhar desde aqui...

— Não, senhor—atalhou o fidalgo flaviense—eu acompanharei o meu amigo.

— Recebo as ordens de vossas excellencias — disse Francisco José da Costa, e sahiu.

— Este homem pareceu-me extraordinario! — considerou o conde — Tem uns ares altivos, não tem?

— E mais vossa excellencia não lhe viu a gravidade imponente do rosto! As maneiras são de boa sociedade, e o olhar tem uma penetração de aguia. Eu estava a gostar de o ouvir.

— Tambem eu! Muito lhe devo, meu amigo! De mais a mais deu-me um operador sympathico, com uma familia que me hade aligeirar as horas! Muito lhe devo!...

Entrou com tranquilla apparencia o cirurgião em casa.

— Que tinha o conde? perguntou Angela.

— E' cego, filha.

— Oh coitado! E cura-se?

— Cura.

— Deus o permitta. Vaes operal-o?

— Vem elle aqui operar-se.

— A's Boticas?

— A nossa casa.

— O conde vem para aqui!... ai que casa esta!...

— Não te disse que elle é cego, menina?

— E que quarto lhe dás?

— O nosso.

— Então seja o meu, disse Joanna.

— O nosso é melhor—tornou Francisco—Cedes o teu quarto ao conde, Angela?

— Pois sim, meu amor. Elle que homem é?

— Tem setenta annos.

— Tão velhinho! e vaes operal-o?

— Vou.

— D'onde é elle?

— Veiu de Ponte do Lima.

— De Ponte do Lima? De que familia?

— Dos Noronhas Barbosas.

— Então é meu parente.

— E'; é muito teu parente; é teu pae.

— Meu pae?!... Estás brincando, Francisco?

— O cego conde de Gondar que vem para tua casa é teu pae, Angela: é o general Simão de Noronha.

— E elle sabe?...—exclamou Angela offegante —Elle sabe...

— Para onde vem? não, nem quero que saiba depois que estiver cá. Desde que elle entrar, tu perdes o teu nome, e chamas-te... como hasde chamar-te? *Maria.* Se sentires expansões de filha, hasde reprimil-as. Pede-t'o o teu plebeu, o filho do sacristão honradissimo que amou seus filhos com ternura, e se apartou d'elles promettendo-lhes vigial-os do céo. O conde de Gondar aqui dentro é um doente que se trata. De commum entre nós ha apenas operado e operador. Tu és a esposa d'um, e a filha repulsa e abandonada do outro. Que te diz o coração, Angela?

— Que elle é meu pae... e mais desgraçado que eu...

— Pois compadece-te, ama-o, mas não me impeças o restituir-lhe a vista. Quando elle te vir, hade ser tarde; mas podes vêl-o e fallar-lhe com tanto que immediatamente á operação, e mudados os apositos, elle te não veja.

— Mas, logo que me veja, é provavel que me reconheça...

— Se assim fôr, a tua dignidade te aconselhará. Sobre tudo, é preciso que attendas aos creditos do cirurgião. Se sobrevierem febres em resultado de commoções violentas, perderei o prazer de mostrar ao conde de Gondar uma familia feliz sem brasão no portal nem ouro nas arcas. Quando o conde souber em casa de quem está, desejo muito que a senhora de casa se faça tão sómente conhecer por filha de D. Maria d'Antas.

D'onde se prova que as singulares utopias no amor dos dezoito annos similhavam muito em Francisco Costa, aos trinta e tres annos, umas singulares utopias de dignidade humana.

XXVIII

Confidencias do cego

Batia alvoroçado o coração de Angela quando ao longe tilintava a guisalhada da liteira, em que entrava nas Boticas o conde de Gondar. Joanna e Victorina, pasmadas da casualidade, faziam considerações muito religiosas sobre o caso.

Francisco sahira á extrema da aldeia para guiar o liteireiro. O cego, sabendo que o doutor o viera esperar, mandou parar o vehiculo, para apertar a mão do «segundo creador da sua luz» dizia elle.

Caminhou Costa de par com a portinhola, e tomou o velho nos braços, quando a liteira parou ao portão do quinteiro.

Angela e as outras espreitavam das janellas. Victorina benzia-se, murmurando:

— Ai! como elle está acabadinho! Quem viu este senhor ha quarenta annos!

Angela retrahiu-se da janella para limpar as lagrimas.

Subiu o conde pelo braço de Francisco os poucos degráos que levavam do quinteiro á salêta destinada.

A melhor alfaia de assento era uma priguiceira almofadada a toda a pressa por Angela e Joanna com um colchãosinho de lã e chita escarlate, e dois travesseiros com suas fronhas de folhos engommados.

— Queira vossa excellencia sentar-se, e reclinar-se, senhor conde — disse o facultativo — Convir-lhe-ia melhor uma poltrona; mas não a tenho.

— Isto é magnifico! — disse o general encostando-se confortavelmente — Que ar de frescura tem esta casa! Parece que a felicidade tem um aroma particular, primo Pisarro! — ajuntava o general voltado para onde se lhe figurava estar o fidalgo de Chaves — Onde vossa excellencia me trouxe!... Como isto me hade parecer o céo, quando eu podér vêr a casa e os bem-aventurados que vivem n'ella!... Ainda me não deu a honra de me apresentar a sua senhora, a seu filhinho e a sua irmã, senhor Costa.

— Eu chamo-os: são os criados de vossa excellencia que eu apresento. Maria e Joanna, venham offerecer os seus serviços ao senhor conde.

Entraram as duas senhoras, e Victorina com um menino de anno e meio no cólo.

O conde fez menção de levantar-se, quando sentiu fremito de vestidos.

— Não se levante vossa excellencia — susteve Francisco — Aqui estão minha mulher e minha irmã.

O cego estendeu as mãos, e tomou as das senhoras.

— A da esquerda qual é? — perguntou elle.

— E' minha mulher.

— Parece-me, notou o conde, que a presença de um ancião cego a commove sensivelmente, minha senhora!... Vossa excellencia tem a sua mão tremula e ardente... Se tem compaixão d'esta velhice em trevas, deixe estar que seu marido lhe hade dar a satisfação de me abrir outra vez o mundo diante d'estes olhos.

— Deus o permitta... — balbuciou Angela.

— Pouco heide viver — tornou o conde —; mas eu queria ainda vêr o sol, um dia que fosse, o céo que não vejo ha dois annos, contados noite por noite, porque eu nunca mais distinguí o dia das trévas. Vossas excellencias serão testemunhas da minha doida alegria... Ouço a voz d'um menino que chama sua mãe... E' o seu filhinho, minha senhora?

— E', sim, senhor conde.

— Deixe-me beijal-o, se elle me não tiver medo.

A creancinha foi facilmente aos braços do velho, deixou-se beijar, e ficou a olhal-o no rosto com infantil fixidez.

— Eis aqui a florinha que desabrocha sobre uma sepultura... — disse o velho — Que mavioso grupo, não é? Foi em França, não sei em qual palacio de Carlos X, que eu vi assim uma pintura, e uma legenda que dizia: *Aurora que alumia um tumulo...* Ora vá, vá, anjo, que deve estar admiradinho de se vêr entre as tristes ruinas d'uns setenta annos!... Aqui o tem, senhora D. Maria...

Angela bem queria esconder o seu pranto do fidalgo de Chaves que a contemplava como espanta-

do de tamanha sensibilidade; mas a commoção vencia o infundado receio de denunciar-se.

— Senhor conde, disse Pisarro, rasão tinha vossa excellencia para suppor que a senhora D. Maria estava compadecida. Ella ahi está com o rosto coberto de lagrimas.

— Obrigado á sua compaixão, obrigado mil vezes, minha senhora! — agradeceu o cego com a voz tremente.

— Maria, disse Francisco, dá ordem a que venha um caldo para o senhor conde.

— Eu não tenho vontade; mas o meu dever é obediencia ao medico — condescendeu o conde.

— E vossa excellencia jantará um pouquinho mais tarde — continuou Costa, dirigindo-se ao parente do conde.

— Eu vou retirar-me porque me esperam em Monte Alegre, e almocei para jantar á noite. Voltarei aqui, se me dá licença, de tres em tres dias.

— Sempre que vossa excellencia queira honrar-me. Depois de ámanhã hade ser operado o senhor conde. Mandei chamar um ajudante a Chaves, e só então aqui estará.

Retirou-se o flaviense, felicitando o primo pela ventura de ter achado o seio de tão carinhosa familia.

— Quando aqui estiver tres dias, cuidarei que é a minha — disse o cego tomando o caldo das mãos de Angela, emquanto Joanna lhe aconchegava as almofadas para encosto dos braços.

E, no correr d'este lance, Victorina com as mãos postas, e os beiços chegados ás pontas dos dedos,

e a cabeça um pouco inclinada, não desfitava os olhos absortos da cabeça de Simão de Noronha.

Estava ella comparando o gentil capitão de cavallaria, o mancebo dos olhos negros e tez morena, o fragueiro caçador que ensinava cavallos a galgar penedias, cmfim, o galhardo amante de D. Maria d'Antas. E, quando a idéa da velha tropeçava n'este nome, como n'um tumulo, queria ella vêr, á beira do ancião, o espectro terribilissimo d'uma mulher estrangulada.

. . . . . .

Ao outro dia, o cirurgião foi vêr os seus infermos no circuito de algumas leguas, recommendando á esposa :

— Sê o que deves ser, minha filha. Sopeza o coração, se o sentires mais pusillanime do que eu desejo.

— Conta commigo, Francisco. Elle não me vê chorar.

As duas senhoras sentaram-se em frente do canapé, costurando nas faixas e pannos necessarios para o curativo. Antoninho agatanhava á priguiceira, e passeava amparando se á beira do estofo ou aos joelhos do cego, que nunca o deixava passar sem um beijo. A creança ria ás guinadas, quando vingava illudir o velho, que se fingia zangado com o engano.

Quem seis dias antes tivesse visto no palacete de Ponte o solitario cego, de fronte abatida para o peito, braços pendidos, ou agitados a espancar as trevas interiores em busca de um lampejo que lhe deixasse entrever a vida d'além tumulo ! Quem ago-

ra o visse na casinha das Boticas, a brincar com um menino, a rir das creancices que não via, a folgar que Joanna lhe descrevesse as cabanas da aldeia, os trajos das barrozans, a sua maneira de dizer, as bagatellas com que pessoas alegres costumam aligeirar as horas!...

Esta incongruente transfiguração quem na operou? A esperança da luz? o contacto da familia feliz? a influencia mysteriosa do que ha ahi sem nome e sem idéa nos actos da Providencia?

Tudo isto e o mais que possa occorrer ás almas intelligentes de espiritualismo, não nos dá a causa de tão capital mudança.

Eu ousaria explicar tudo em pouco. A palavra Deus abrange o incognito de céo e terra, o incomprehensivel da alma, e o insondavel liame de coisas que a rasão natural, de pouco alcance mas inflexivelmente orgulhosa, capitula de paradoxos. Deus. Por que não?

Se Simão de Noronha delinquira, o açoute da justiça não lhe estalava desde o instante da ira, nas fibras do corpo? Não se lhe apagou primeiro lá dentro a lampada da fé? Não lhe tirou Deus o amor paternal para o privar da ternura da filha? Não lhe fez odiosa a sociedade para o infernar bem dentro de si mesmo?

Pois se é racional reconhecer a Providencia na expiação de tão longo praso, será absurdo reconhecer-lhe a misericordia n'aquelle diluculo de contentamentos, apoz quarenta annos de noite, de ira, de tedio, de atheismo, de remorso, e de inferno?

Alegremente, pois, dizia o conde:

— A senhora D. Maria falla muito pouco. A senhora D. Joanna é mais conversadora.

— Eu fallo pouco, senhor conde?... Tenho um genio melancolico... — disse Angela.

— Ainda lhe não disse, minha senhora, que o seu metal de voz desperta-me recordações tristes; e não obstante, consolo-me de a ouvir. Conheci o timbre da sua voz não vulgar em duas pessoas...

Angela e Joanna entre-olhavam-se suspensas dos tardos dizeres do conde. Elle, porém, recolheu-se, abateu o rosto cahido e como subitamente macerado.

— Está tão triste, senhor conde! — disse Joanna — Não queremos vêl-o assim!... Não pense no passado. Lembre-se só de que vae recuperar a sua vista...

— Para vêr sepulturas, e vêr tambem onde hei-de abrir a minha...

— Para vêr as pessoas que lhe desejam muitos annos de alegria, e uma é minha irmã... Maria, outra sou eu, e meu mano... Aqui tem já vossa excellencia tres pessoas que lhe querem muito...

— E eu sei quanto póde a commiseração em suas excellentes almas, minhas senhoras... Os incommodos que eu tenho já dado para me não faltar nenhuma d'estas niquices de velho, e de cego... A pobre Victorina toda a noite, assim que eu gemia, estava ao meu lado... Penso que era ella; que d'uma ou duas vezes quem me fallou foi a senhora D. Maria, não foi?

— Fui, senhor conde. Eu estava ainda a pé nas minhas resas, e mais minha irmã.

— Peçam a Deus por mim, virtuosas senhoras.

— Pedimos, pedimos, senhor conde—disse Joanna.

— O doutor por lá anda a moirejar na vida de cabana em cabana... — disse o conde.

— E' verdade. Tem dias que sae ao romper d'alva e recolhe alta noite — respondeu Angela.

— Que voz a sua minha senhora! — repisou o cego bamboando a cabeça — faz-me sentir espantosas hallucinações!...

— Mas eu queria que a minha voz o não mortificasse, senhor conde...

— Não me mortifica; enche-me o coração de...

— Saudades? — perguntou Joanna com susto, em quanto Angela lhe fazia signal para não insistir em taes indagações.

— Saudades... e agonias sem nome... Heide dizer verdade a vossas excellencias... Na minha mocidade amei uma dama, cuja voz era a da sr.ª D. Maria; e tive uma filha, que tambem assim fallava... Agonias e saudades... é o que me resta de ambas... Está bom...—suspendeu-se o conde sacudindo a cabeça— Está bom!... Ora que nem aqui me deixam estas funestas memorias!... Eu estava a dizer que dei muito incommodo esta noite... A'manhã deve ahi chegar o meu escudeiro, um criado que tem quarenta e tantos annos de casa, que me tem aturado muito, e que ficará ao pé da minha cama para vossas excellencias e a sua criada poderem dormir descançadas.

Angela, olhando para Joanna, abriu a bocca em atitude de susto, quando ouviu dizer que vinha o escudeiro. João Pedro reconhecel-a-ia logo, e com

qualquer palavra de espanto perturbaria o animo do pae.

— Seu marido é natural do Porto? Sr.ª D. Maria? — perguntou o cego, apoz longa pausa.

— Sim, senhor — titubeou Angela.

— E vossa excellencia tambem?

— Sim, senhor.

— Queria-lhes fazer uma pergunta; mas bem conheço que é ociosa...

— Que era, senhor conde? — insistiu Joanna.

— Se tiveram alguma vez noticia de existir no Porto um brasileiro de Barrosas, de quem me não lembra o nome, casado com uma senhora chamada Angela, que depois enviuvou, e casou segunda vez...

Angela fez á cunhada um signal negativo.

— Nada, não conhecemos, nem ouvimos fallar...

— Logo vi. Vão lá saber em terra tamanha...

— Mas, se se pedissem informações...— lembrou Joanna.

— Já as mandei procurar...

— E não soube nada?

— Soube o que disse, minhas senhoras: que Angela enviuvára, casára segunda vez, e sahira não se sabia para onde.

— Vossa excellencia mandou ha muito saber? — perguntou Joanna.

— Ha tres mezes o meu escudeiro; por lá andou cinco dias.

— E essa senhora... — balbuciou Angela.

— Seria parenta do senhor conde? — interveio Joanna.

— Era uma infeliz, filha d'um homem, que tinha

sido bom, e infortunios grandes desvairaram e preverteram. Afinal, esse homem como se tinha sepultado vivo, perdeu nas trevas, onde se abysmou, alma, coração, honra e tudo. Deus, que o precipitára, levantou-o um dia, não sei se para lhe acrescentar o supplicio, renascendo-lhe o coração e sentimentos de amor a sua filha. Procurou-a então; mas... tarde.

Escutaram-no silenciosas e estupefactas as duas senhoras.

A conversação foi interrompida pela entrada do cirurgião, porém, o conde, azado o ensejo, proseguiu:

— Sr. Costa, eu quero dever-lhe uma grande fineza!

— Mande-me vossa excellencia.

— Estas senhoras já me ouviram com muita paciencia e compaixão fallar d'uma filha que tive...

Francisco olhou com assombro para ambas.

Simão de Noronha continuou:

— Heide pedir-lhe que empenhe as suas amisades e relações no Porto para descobrir-se o destino de uma senhora, de nome Angela, casada que foi com um brasileiro, já fallecido, e casada depois com não sei quem. O meu escudeiro que chega talvez ámanhã póde dizer a vossa senhoria o nome do brasileiro, com o qual a indagação nos levaria a descobrir a paragem de minha filha.

— Promptamente escreverei a pessoas que hãode conseguir o que fôr possivel — disse Francisco sensivelmente perturbado — Tenha vossa excellencia esperanças; mas que não venham alvorotar-lhe o

espirito. Precisamos de toda a sua placidez nervosa, e de completa inacção de espirito. Depois que vossa excellencia estiver no goso da sua vista, buscaremos tudo que possa impressional-o alegremente. Se sua filha existir, ella será tambem comigo portadora de luz: eu, a dos olhos; ella, a da alma.

XXIX

Luz!

Estão prestes o operador e o ajudante.

Angela, baldado o esforço que empregou para assistir, affastou-se pallida e tremula, para o seu oratorio.

Joanna e Victorina assistiam para coadjuvar o operador.

O conde treme.

— General! — disse Francisco Costa — Quem se enrostou com os esquadrões de cavallaria de Chaves imperturbavel, não desmaia diante d'uma laminasinha de aço.

— Tremo de medo; mas não é medo do golpe. Se depois de me rasgar as nevoas, doutor, eu não vejo mais que trevas!

— Será vêr o que ninguem viu, senhor conde. Vêr trevas, é vista dupla, que eu não prometto dar a vossa excellencia. Basta que veja a luz — replicou jocosamente o operador — Não obstante, eu encon-

trei essa imagem em Milton, que tinha a authoridade de cego.

O operador escolheu o methodo da extracção.

Atravessada com o kératotomo a cornea transparente, o humor crystallino, cuja opacidade impedia a impressão dos raios visuaes, depois de comprimido o globo brandamente, destacou-se, e sahiu no gancho de Wenzel.

Terminada a operação, o conde viu a mão do operador, tomou-a nas suas e beijou-a.

— Vi! meu Deus! Vejo o seu rosto, sr. Costa — exclamou Simão de Noronha — Aqui estão duas senhoras, não estão?...

— E' minha irmã e Victorina.

— E sua senhora?

— Está preparando compressas.

— Eu queria vêl-a...

— N'outra occasião. Vamos já collocar os appositos.

— Já?! Mais quantos dias cego!

— Quarenta e oito horas em que vossa excellencia, pensando nos cegos irremediaveis, cuidará que as horas são instantes.

Conduzido para o leito o operado, em quarto quasi de todo escuro, assentaram-lhe chumaços molhados sobre os olhos cingidos de ligaduras.

Terminado o curativo, Angela voltou, apertou a mão do pae, e disse-lhe estremecidamente:

— Parabens para vossa excellencia e para nós, senhor conde!

— Não tive a fortuna de vêl-a, sr.ª D. Maria!... — queixou-se o velho.

— Estava lá dentro...

— E não esteve aqui em quanto me operaram? Não a senti...

— Estava pedindo a Deus por vossa excellencia.

— E' um anjo, minha querida senhora! Esta casa... toda ella é um sanctuario... Olhe que vi seu marido. Já o conheço. Tem um bello aspecto! E' trigueiro e muito barbado, não é?

— E', sim, senhor conde.

— Sua cunhada não a divisei bem; mas pareceu-me branca e magra, não é?

— E' sem duvida.

— A criada conheci que era velha; mas estava encuberta pela sr.ª D. Joanna...

— As velhinhas escondem-se — occorreu a jovial Victorina — E' o que faltava apparecer uma velha carcomida logo de pancada a um senhor que não via creatura viva ha dois annos!

— Pois quero e desejo vêl-a, e muitas vezes, sr.ª Victorina. Tem-me tratado com muito amor. Já tive outra criada com o seu nome. Onde isso vae! Ha bons trinta e dois annos que a não vejo!...

— Já deve ser da minha edade então... — observou a velha, tregeitando para as damas.

— Sim, se vocemecê anda pelos setenta...

— Setenta! Deus nos acuda!... Pois eu tenho lá setenta annos!

— Então quantos tem vocemecê?

— Fiz sessenta e nove ha seis mezes.

— Ah! então recolho o meu juizo! — casquinou o conde — Está vocemecê muito nova, sr.ª Victorina. Cuidado com as illusões da mocidade, menina!

Riam as senhoras, e Victorina continuou a provocar as jocosidades do conde, que eram ouvidas com admiração, mórmente pela filha que, nos raros dias de convivencia com seu pae, o não vira sorrir uma vez só.

Quando, ao cahir da tarde, se annunciou a chegada de João Pedro, sahiu a encontral-o no quinteiro Angela.

O velho embasbacou, e encostou-se á mula, de que desmontara, por que as pernas lhe faltavam.

A filha do conde de Gondar em poucas palavras illucidou-o sobre o que lhe convinha fazer para que a cura de seu pae não fosse perturbada por alvoroços de espirito ou nevralgias que lhe irritassem os olhos.

Logo que o ensejo se apropositou, Francisco Costa, estando já precavido o escudeiro, volveu a fallar ao conde no seu intento de procurar Angela.

— Ahi está João Pedro que dirá a vossa senhoria o nome do homem com quem minha filha foi casada.

O escudeiro custava-lhe a conter em posição sisuda as mandibulas abertas pelo riso, quando respondeu, voltado para Angela:

— Chamava-se Hemorragilde.

Abafaram todos o froixo da gargalhada, tirante o conde que murmurou:

— Vejam que nome! Parece gothico; mas ainda parece mais nome de molestia... Hemorragilde!...

— Se o senhor conde permittir — disse o cirur-

gião — vae João Pedro ao Porto com cartas minhas, visto que o dispensamos aqui, e póde lá fazer bons serviços ao nosso intento.

— Pois que vá onde vossa senhoria ordenar — annuiu o conde.

— E, segundo as noticias que nos fôr communicando, vossa excellencia ordenará o que hade fazer-se. Conjecturemos que elle encontra a sr.ª D. Angela. Que manda o senhor conde que elle diga a sua filha?

— Que immediatamente venha para minha companhia — deliberou sem detença o general — que não espere novas ordens; que se recolha á minha casa de Ponte, e espere por mim... e por todos nós... por que vossa senhoria e estas senhoras iriam comigo, não é verdade? iriam ser testemunhas da felicidade que me começou no seio caritativo e amoroso d'esta familia...

— E, se sua filha, senhor conde, quizesse vir aqui mesmo encontral-o, não seria isso antecipar-lhe a ella o jubilo de lhe beijar as mãos?...

— Sim...; mas eu queria poder vêl-a... Se ella viesse em quanto dura esta escuridão, seria grande e dolorosa a minha ancia...

— Concordo, e aconselho até, que ella venha depois que vossa excellencia estiver convalecido — obtemperou Francisco.

— Mas o doutor parece que dá a vinda como possivel! — admirou o conde.

— Pois não é possivel?! Afigura-se-me até provavel... O impedimento unico seria ter ella morrido. Se existe, heide descobril-a mediante as diligencias

dos meus amigos. Encontrada ella, tem vossa excellencia a sua filha nos braços.

— E, se ella m'os repellisse!...— conjecturou o velho, quebrado do vigor com que estivera dialogando.

— Seria incrivel!...—objectou o marido de Angela.

— Eu tambem a repelli...— contraveio o conde.

— Tão justificados seriam os motivos...

— As calumnias, e mais que tudo... a terrivel doença da minha alma... a peçonha que m'a queimava... a desesperada tristeza que me ia levando á demencia, e me deixou o peor... que foi a vida, a consciencia dos meus crimes encadeados uns n'outros, como os fuzis do grilhão que amarra o criminoso ao cêpo... Ahi vem o meu demonio... — disse reconcentrado o conde...

— Mal vamos assim! — acudiu o facultativo, tomando-lhe o pulso — Senhor conde, domine-se, arranque-se d'essas intermittentes, pelo menos em quanto não estiver inteiramente restaurado.

— Senhor conde! — rogou ternissimamente Angela — peço-lhe pelo divino amor de Deus que não se afflija... Diz-me o coração que sua filha o ama, e lhe dará annos de muita alegria e socêgo d'alma. Verá que não me engana o presentimento... O seu mordomo vae ámanhã para o Porto. D'aqui a oito dias póde muito bem acontecer que sua filha aqui esteja, a pedir-lhe perdão, se cahiu n'algum erro...

— Não cahiu: — exclamou o velho — precipitaram-na; fui eu, foram todos os que deviam amparal-a com o seio, com o coração, se ella pendesse a cahir...

— Pois bem, senhor conde; melhor assim: não

terá vossa excellencia difficuldade em perdoar-lhe, nem ella ousará accusar seu pae nem seus parentes.

— Se ella estivesse no seu coração como está na sua voz, minha senhora! — murmurou o velho, estendendo-lhe a mão para lh'a apertar em impulsos de reconhecimento...

João Pedro foi para casa d'um lavrador da freguezia, levado pelo doutor sob qualquer pretexto, e ahi esperou as ordens, contentissimo de ter parte no feliz desfecho que promettia o enredo da reconciliação entre a fidalga e seu pae.

Em quanto corria o tempo necessario a dissimular a ida do mordomo e vinda da resposta, examinou Francisco os olhos do conde, e exultou. A cicatrisação era excellente. A photophobia era quasi nulla. O velho já via atravez de lentes escuras graduadas as miudezas dos objectos, bem que a insistencia lhe desse vagados e ligeiras dôres. Ainda assim, Francisco ordenou que continuasse a escuridade no quarto.

Entretanto, lamentava o conde que D. Maria estivesse na cama soffrendo uma impertinente enxaquêca, ao tempo que elle tirara o apposito; e que as trevas do quarto fossem tantas que elle não podia destacar-lhe as feições, por que via tudo a vulto.

Passados os dias convenientes á simulada indagação, Costa, fingindo alvoroço, disse ao conde:

— Alviçaras! — Aqui está carta de João Pedro para vossa excellencia.

— Alviçaras! — disse o conde — Pois quem sabe o que ahi vem?

— Se elle não encontrasse boas novas, é natural que voltasse logo, ou escrevesse mais tarde.

— Leia, leia então, meu amigo.

A carta dizia que a sr.ª D. Angela, no dia immediato, sahia para as Boticas, com seu marido e filho. Acrescentava que a fidalga vivia muito pobre, e casada com um plebeu.

— Ella será rica, e elle nobre...— murmurou o senhor do paço de Gondar.

— Todavia, observou o filho do sacristão — mais grato seria a vossa excellencia que ella houvesse casado com um homem de geração historica.

— Todas as gerações são historicas, sr. Costa — acudiu o conde — A geração da plebe franceza da minha mocidade é a mais historica de quantas houve. Está enganado, doutor, comigo, pelo menos. Eu casei com uma pastora dos rebanhos dos meus caseiros. Chamava-se Josefa Salgueira. Amei-a como se ella descesse d'um throno para me receber. Ao mesmo tempo que a pastora morria de dôr por me vêr ferido, a imperatriz da Russia era uma devassa, e a rainha de Portugal era... a esposa do sr. D. João VI... Vamos ao caso: vem minha filha? Dê-me agora os parabens, e deixe-me apertar-lhe a mão de prophetisa, sr.ª D. Maria...

— Vae vêr a sua filha... — balbuciou Angela — Que transportes de santa alegria vae ter a ditosa senhora!...

— Que tem de mais a mais um filho para brincar com o Antoninho... — acrescentou o general

com pueril contentamento, rindo com extranho gesto — O' doutor, n'esse dia dá-me luz em abundancia ? Entra o sol n'este quarto ?

— Sim, senhor conde. N'esse dia, luz á descripção !

XXX

Finalmente

E o dia chegou.

Angela, de manhã, pediu venia ao conde para ir esperar a Monte Alegre sua filha.

— E' grande honra que ambos recebemos—agradeceu o velho — mas, minha senhora, peça a seu marido que me tire dos olhos estes veosinhos escuros, e consinta que me entre uma restea de sol á chegada de Angela.

— Eu vou recommendar o seu justo pedido, senhor conde — disse Angela, e simulou sair de casa.

Francisco substituio os vidros por outros mais claros nos olhos do convalescente e mandou abrir as janellas da saleta, por feição que o interior da alcôva recebesse bastante luz.

O rosto do velho banhara-se de consolação, vendo distinctamente Joanna, e o menino que lhe brincava com os oculos, pondo-os no proprio nariz e chamando-se *papão*.

— Venho ajudal-o a vestir, senhor conde — disse o facultativo — Póde vossa excellencia passar da cama para a priguiceira, se lhe apraz.

— Se eu podesse... Mas as pernas, doutor?

— As pernas hão de ser medicadas com bifes e vinho do Porto. Queremos exercicio, apetite, e bom estomago. Toca a levantar, meu general.

Ergueu-se trôpego e amparado a Francisco. Depois de vestido, olhava para o sobrado, e chorava de alegria, dizendo:

— Já vejo o chão que piso... Sahi da sepultura...

— Ora, senhor conde — tornou o marido de Angela, depois que o reclinou no canapé — Vossa excellencia deve preparar-se para vêr sua filha, como pae, mas tambem como homem. Se receia grande abalo, predisponha-se para rebater as expansões nocivas á sua compleição debilitada.

— Não hada haver duvida. Já estou preparado... Sinto o coração; mas coração de setenta annos.

Annunciou-se a chegada de Angela:

O conde sentou-se com esforçado impeto.

— Então!—acalmou Francisco—Não quero grandes movimentos, senhor conde!...

— Oh doutor! Não me deixa ser ao menos pae! sorriu o velho.

Angela entrou vestida como em casa, apenas coberta d'uma capa de panno preto. Acercou-se do pae, ajoelhou, e abraçou-o pela cintura. O conde inclinou a face para a cabeça d'ella, e murmurou:

— Deixa-me vêr a tua face, minha filha.

Angela encarou-o entre risonha e lagrimosa. O

velho contemplou-a com a fixidez d'uma vista debil, beijou-a na fronte, e disse :

— Bem vinda sejas!... E's a minha pobre Angela!... Perdôa á tua fatalidade e á minha... levanta-te, e senta te aqui ao meu lado.

Joanna, Victorina, e João Pedro choravam soluçantes.

— Por que chora esta gente? — perguntou o general.

— A satisfação de vêr Deus n'este lance — disse Francisco.

— Então alegrem-se!—tornou o conde — Angela, que é de teu marido e de teu filho?

— Meu marido está aqui... — e apontou Francisco.

— Onde? Quem? teu marido!... quem é?

— Eu, senhor conde — disse Costa, inclinando-se a beijar-lhe a mão. — Antoninho, vem cá...

A creancinha correu aos braços do pae, que o levantou aos labios do avô.

— Deixem-me pensar n'isto que é um sonho, meu Deus! — volveu o general — Tu, Angela... és a esposa... de Francisco Costa...

— Sou, meu pae...

— Estou portanto em casa de minha filha... do meu genro... E's o anjo que me velavas de noite... és, minha Angela? Aqui me trouxe Deus, a restaurar a luz da minha alma, e a descerrar as trevas dos meus olhos para vos vêr, meus filhos!

— Senhor conde — disse o cirurgião muito commovido — Eu queria evitar-lhe lagrimas; mas não sei se me enganaria, por que tambem comigo me

enganei. O que mais me commove é pensar eu que vossa excellencia tardou tanto em procurar o puro e santo coração de Angela. Eu offereço a vida de meu filho a Deus que me castigue o temerario juramento: juro por Deus que não ha uma nodoa na alma de sua filha, senhor conde. Eu, marido d'ella, defendo a, perante seu pae, por que ninguem mais se erguerá contra o mundo que a calumnía. Eu, operario pobre, cirurgião n'estas pobres montanhas, não encareço as virtudes da filha do fidalgo abastado: exalto-a, porque é ella a companheira da minha vida honrada, será sempre a graça divina que cobre do ouro da alegria estas paredes nuas, este desaconchego de regalos, isto que vossa excellencia já vê com seus olhos. Não demorarei a explicação do processo um pouco estranho por que vossa excellencia veio a encontrar Angela, podendo desde que aqui entrou saber que era ella quem passava as noites á cabeceira de sua cama. Eu receiei que o senhor conde despresasse ainda sua filha quando entrou n'esta casa. Conheci que felizmente me enganára; mas sobreveio o medo dos incidentes fataes da operação, quando grandes excitações moraes implicam a placidez do curativo. Quiz preparar o seu animo com delongas; prevenil-o de hora a hora para receber sua filha sem surpreza. Esta de ser ella a esposa do seu facultativo cuidei eu que seria grata a vossa excellencia. Não será de vexame ao nobre conde que o marido de sua filha seja o cirurgião que teve a ventura de lhe abrir os olhos para que visse a creatura feliz, que primeiro trilhou todas as vias dolorosas por onde póde ir a honra de

uma mulher até ao calvario, em que o mundo costuma crucifical-as na ignominia. Ella ahi está, senhor conde, a sua filha Angela. Ainda vossa excellencia não viu ao lado d'ella a sua antiga criada que, desde os dois annos, a acompanhou, e lhe matou a fome com os cordões ganhados no serviço de seu pae e sua tia.

— És tu, Victorina! — exclamou o conde — Pois tu vives, mulher, e não abraças o teu amo!

— Não, que vossa excellencia chamou-me velha, e fez rir as minhas amas, a zombar de mim!

E, dizendo, abraçou-se-lhe aos joelhos, e beijou-lhe as mãos, lavando-lh'as de lagrimas.

N'este lance annunciou-se o primo Pisarro, com outros fidalgos flavienses que pediam a honra de ser apresentados ao senhor conde de Gondar.

— Que entrem — disse o general — Mando como em casa tua, minha Angela.

Pisarro foi com os braços abertos felicitar o velho que exclamou:

— Sahiu-me a cara que eu imaginava, primo Pisarro. Parece-se bastante com o general seu tio. Aqui estou com os meus olhos envidraçados; mas conheço tudo que Deus creou, e já sei que heide ir vendo terra até ella se abater debaixo dos meus pés. Apresento a vossa excellencia e aos seus amigos que me honram, Angela da Costa, futura condessa de Gondar.

— Quem?! — inquiriu o pavido fidalgo.

— Angela, minha filha, casada com meu genro o sr. Francisco José da Costa. Agora, minha querida Angela, se crês que Deus tem na terra os seus

agentes para os grandes fins de premiar ou punir, vae abraçar aquelle cavalheiro que foi o mensageiro providencial que me trouxe aqui.

Angela inclinou-se aos braços respeitosos de Pisarro, que, mal cobrado do seu assombro, disse:

—Sr.ª D. Angela, vejo que Deus tomou a si o encargo de a vingar da sociedade.

CONCLUSÃO

Restaurado de forças physicas á proporção que a alma lhe remoçava, o conde ordenou, em tom militar, que toda a sua familia das Boticas se transferisse para Ponte do Lima. Francisco José da Costa contrariou seu sogro, allegando que se tinha contratado por tempo de tres annos com o municipio, e não podia deixar os seus doentes, sem que o seu logar estivesse occupado. O conde taes artes usou, de intelligencia com Pisarro, que dias depois um medico, com vantajosissima offerta pecuniaria do conde, se offerecia a substituir Costa.

Mudou-se a familia para Ponte.

Dias depois, Angela era agraciada com o titulo de condessa de Gondar, e seu marido participante do titulo em duas vidas.

Francisco Costa, lendo o officio do ministerio do reino, dirigiu se ao sogro, e disse risonho:

— Um operador de cataratas *conde!* Meu queri-

do amigo! não queira vossa excellencia afugentar de mim os doentes pobres que precisam dos meus serviços! Os enfermos indigentes que tem um colmeiro de palha como leito não ousariam chamar á sua caverna um conde. O pobre que se chama simplesmente *Francisco* folga e alegra-se de poder chamar *sr. Francisco* ao irmão que lhe faz a receita. O titulo que vossa excellencia pode sem custo e com muitissimo proveito dar ao marido da condessa de Gondar, é permittir que ella pague do seu bolsinho ao boticario as receitas que eu mande aviar, e dar-m'a tambem como auxiliar na cura dos pobresinhos que adoecem de fome e frio.

O conde de Gondar viveu dez annos a mais ditosa existencia de velho. Ainda viu seis netos á volta d'elle, perfumando-lhe de primaveras aquelles dez invernos cheios de sol.

Morreu aos oitenta, encostando serenamente a face sobre o braço da filha, que lhe dava a oscular a Cruz de Christo.

Um anno antes tinha descido abençoada á sepultura aquella primorosa Victorina, legando os seus cordões restaurados, e um bom casal que lhe dera Angela, á filha mais velha de sua ama.

Vivem actualmente a condessa de Gondar, o marido que ficou sempre *Francisco José da Costa*, seis filhos, o mais velho dos quaes, aquelle Antoninho, nascido nas Boticas, é o mais requintado aristocrata do Minho, e turde os seus condiscipulos da universidade contando-lhes legendas do Paço de Gondar, de que elle vem a ser o vigesimo senhor.

A legenda que elle ignora é a de sua avó D. Maria d'Antas.

Angela tem hoje quarenta e nove annos. As rugas não ousam ainda combater a mocidade renascida n'aquelle coração. Cinco meninas formosas que a seguem á missa passam pelo desgosto de ouvir dizer:

— A mãe é melhor que as filhas.

Quem ainda vive, a competir com os velhos robles do Paço de Gondar, é João Pedro, que pediu a sua reforma, e está feitor nominal do condado.

Na vespera de Natal vem sempre a Ponte consoar com «a sua gente» diz elle. E depois que as rabanadas e o Porto lhe aguçam a memoria, costuma dizer todos os annos, a sós com Angela:

— O' senhora condessa!... mal diria eu quando a vi casada com aquelle Hemorragilde!...

Angela, com quanto já conheça de antemão, o gracejo obrigado da noite de Natal, applaude sempre com uma risada e dois piparotes nas orelhas musgosas do macrobrio.

EPILOGO

Concluido o livro, suja-se uma verdadeira lauda com as escavações que mandamos fazer nos pantanos d'esta historia.

Descobriu-se, atravez dos fetidos esgôtos, que os tres amigos e herdeiros de Hermenegildo Fialho de Barrosas ainda respiram e medram.

Athanasio José da Silva é barão da Silva

Pantaleão Mendes Guimarães é barão de Mendes Guimarães.

Joaquim Antonio Bernardo, como não tinha apellido, apossou se da quinta dos Choupos que lhe fôra hypothecada na divida fantastica de Fialho, e fez-se barão dos Choupos.

Ainda ha mais um titulo.

O marido de Rosa Catraia, retirado á terra onde nascera, Cabeceiras de Basto, fez-se influente politico, principiando em regedor, depois camarista, presidente do municipio, e administrador substituto do concelho.

Luctador acerrimo em eleições de deputados, vingou levar ao parlamento um sobrinho de Rosa formado á sua custa. A commenda que o agradecido bacharel lhe enviou, fez saltar a rolha da cornucopia das graças, que mais se retorcia de vergonha sua e da patria, como se uma e outra podessem já allegar pudor, e negar-se a solicitações de infames.

Rosa Catraia, é pois, baroneza de Villar d'Amores, titulo um tanto lyrico e romanesco, bem ajustado ás escarlates bochechas e turgidos seios que resumbram bestidade, saude, alegria e lubricidade serôdia.

As outras baronesas, bastante mais avelhentadas, representam os estragos da corrupção moral nas pessoas, e o despejo da corrupção politica nos titulos.

FIM

INDICE

		PAG.
	Prefacio da segunda edição	5
I	Afflicções sudoriferas	7
II	1:650$000 réis!	13
III	Retratos do natural	23
IV	Tribunal de honra	27
V	Considerações plasticas	34
VI	Amigos do seu amigo	41
VII	Revelações comicas	49
VIII	Revelações tristes	54
IX	Amores fataes	61
X	O Poeta	71
XI	Sonhos e esperanças	80
XII	A fuga	85
XIII	Desamparo	91
XIV	Via dolorosa	98
XV	Meio milhão!	109
XVI	Por causa do figado	120
XVII	Historia dos brilhantes	127
XVIII	A infamada	141
XIX	Amor proprio	149
XX	O doente e o doutor	155

PAG.
XXI Morre Hermenegildo 167
XXII Felicidade suprema 172
XXIII Os homens honestos 184
XXIV A opinião publica 188
XXV O cego 196
XXVI A Providencia 202
XXVII Vem rompendo a luz 208
XXVIII Confidencias do cego 216
XXIX Luz! 227
XXX Finalmente 236
Conclusão 242
Epilogo 245

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

HISTORIA DA CIVILISAÇÃO IBERICA, 4.ª ed. (1897), 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900.
HISTORIA DE PORTUGAL, 6.ª ed. (1901), 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800.
O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS, 3.ª ed. (1888), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
PORTUGAL CONTEMPORANEO, 3.ª ed. (1895), 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
PORTUGAL NOS MARES, (1889), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
CAMÕES, OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL (1891), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
NAVEGACIONES Y DESCUBRIMIENTOS DE LOS PORTUGUESES *(ed. do Ateneo de Madrid* 1892), 1 vol. (não entrou no commercio.)
A VIDA DE NUN'ALVARES, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 2$000 rs. Cart. 2$400. Enc. (folhas doiradas) 3$200.
OS FILHOS DE D. JOÃO I, 2.ª ed., 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.
O PRINCIPE PERFEITO, (1895) 1 vol., br. 2$000 rs. Encad., folhas doiradas, 3$200 rs.

II. Historia geral:

ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA, 4.ª ed. (1895), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILISAÇÃO PRIMITIVA, 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs
SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 2.ª ed. (1895) 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1$000.
QUADRO DAS INSTITUIÇÕES PRIMITIVAS, 2.ª ed. (1893) 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
O REGIME DAS RIQUEZAS, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
HISTORIA DA REPUBLICA ROMANA, 2.ª ed., 1897, 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
O HELLENISMO E A CIVILISAÇÃO CHRISTÃ, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
TABOAS DE CHRONOLOGIA E GEOGRAPHIA HISTORICA, (1884), 1 vol., br. 1$000 rs. Encadernado 1$200.

III. Varia:

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
A REORGANISAÇÃO DO BANCO DE PORTUGAL, *opusculo*, (1877) br. 150 rs.
O ARTIGO «BANCO» no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877), 1 vol , br. 500 rs.
POLITICA E ECONOMIA NACIONAL, (1885), 1 vol., br. 700 rs.
PROJECTO DE LEI DE FOMENTO RURAL, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol., br. 300 rs.
ELOGIO HISTORICO DE ANSELMO J. BRAAMCAMP, *ed. part.* (1886), 1 vol. (esgotado).
THEOPHILO BRAGA E O CANCIONEIRO, *opusculo*, (1869) esgotado.
O SOCIALISMO, (1872-3), 2 vol., br. 1$200. (Esgotado)
AS ELEIÇÕES, *opusculo*, (1878), br. 200 rs.
CARTEIRA DE UM JORNALISTA: I. *Portugal em Africa*, (1891), 1 vol., br. 400 rs.
INGLATERRA DE HOJE, CARTAS DE UM VIAJANTE, 2.ª ed., (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
CARTAS PENINSULARES, (1895), 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria Editora

Rua Augusta, 50, 52 e 54 — LISBOA

Obras de JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Nova grammatica elementar da lingua portugueza, redigida segundo as theorias modernas, e contendo quadros synopticos muito uteis, cart. 160 réis.

Compendio de arithmetica e systema metrico, 28.ª edição, contendo 29 gravuras e mais de 2.000 exercicios e problemas, reformado segundo os actuaes programmas, br. 200 réis, cart. 280 réis.

Resumo de arithmetica e systema metrico, 5.ª edição, muito augmentada e contendo 13 gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 100 réis, cart. 180 réis.

Dois mil exercicios e problemas de arithmetica e systema metrico, abrangendo os programmas do ensino elementar e complementar, em br. 160 rs., cart. 240 rs.

Compendio de historia patria, 13.ª edição, reformada, e contendo no fim uma noticia resumida dos factos principaes de cada reinado, br. 160 réis, cart. 240 réis.

Compendio de historia sagrada, 2.ª edição, illustrada com muitas gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 160 réis, cart, 240 rs.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos. — 1.ª parte, 9.ª edição, muito augmentada, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 7 a 9 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo para premios e brindes, 300 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos.—2.ª parte, 6.ª edição, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 10 a 12 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas, obra adoptada para o ensino official primario, 300 réis, cart.

Historias de animaes, sua vida, costumes, anecdotas, fabulas, etc. — noções amenas de zoologia para creanças — lições sobre objectos, 3 volumes, obra interessantissima, ornada com 400 gravuras e vinhetas, br. 200 réis cada volume, cart. 280 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 400 réis.

Os contos da avózinha, collecção illustrada de historias, lendas, fabulas e contos, com 300 gravuras, 3 volumes, br. 160 réis, cart. 240 réis, com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis cada volume.

Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria-editora

Rua Augusta, 50, 52 e 54 — LISBOA

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSAVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

Engenheiro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissimo, especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenheria nos seus differentes ramos; 3.ª edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispensavel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas. — Preço 800 réis br., 1$000 réis enc.

Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br., 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 557 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro dispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—6.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão —Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as construir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.ª edição, Preço 600 réis br., 800 réis enc.

Manual de noções elementares de technologia, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos : — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Metaes. — Materias textis. — Construcções. Adornado de muitas gravuras explicativas. Preço 500 réis br., 700 réis enc.

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
RUA AUGUSTA, 50, 52 E 54
TELEPHONE 395
CASA FUNDADA EM 1843
SUCCURSAL
Officinas typographicas e de encadernação
MOVIDAS A VAPOR
RUA DOS CORREEIROS
70 E 72, 1.º
LISBOA